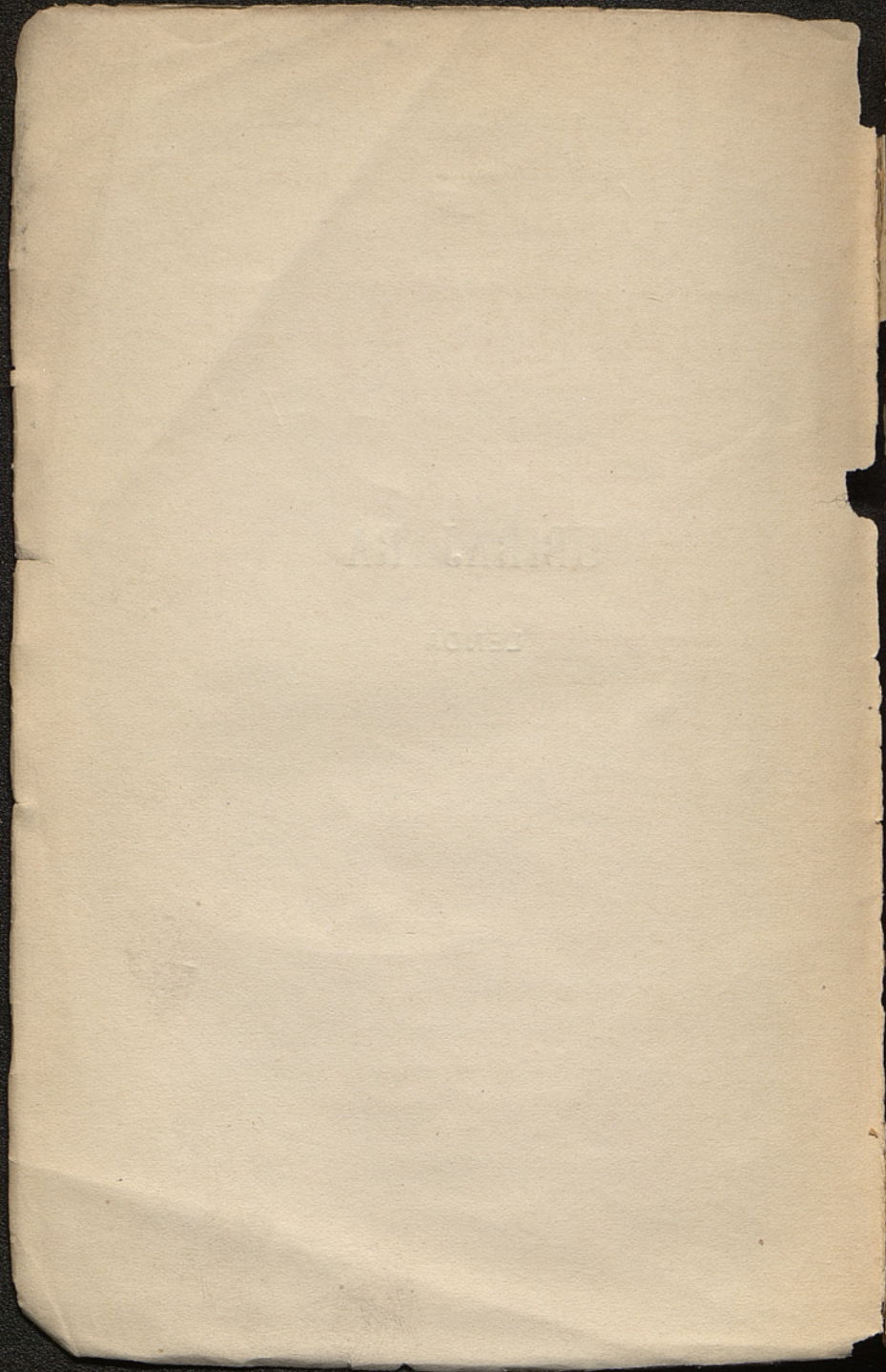
J. DE ALENCAR.

UBIRAJARA

LENDA TUPY

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER
Livreiro-Editor do Instituto Historico
65 Rua do Ouvidor 65

1875

A' Mr. Ferdinand Denis
hommage respectueux au savant ami du Brésil.
J. de Alencar.
Paris 8 de agosto 1876.

UBIRAJARA

LENDA

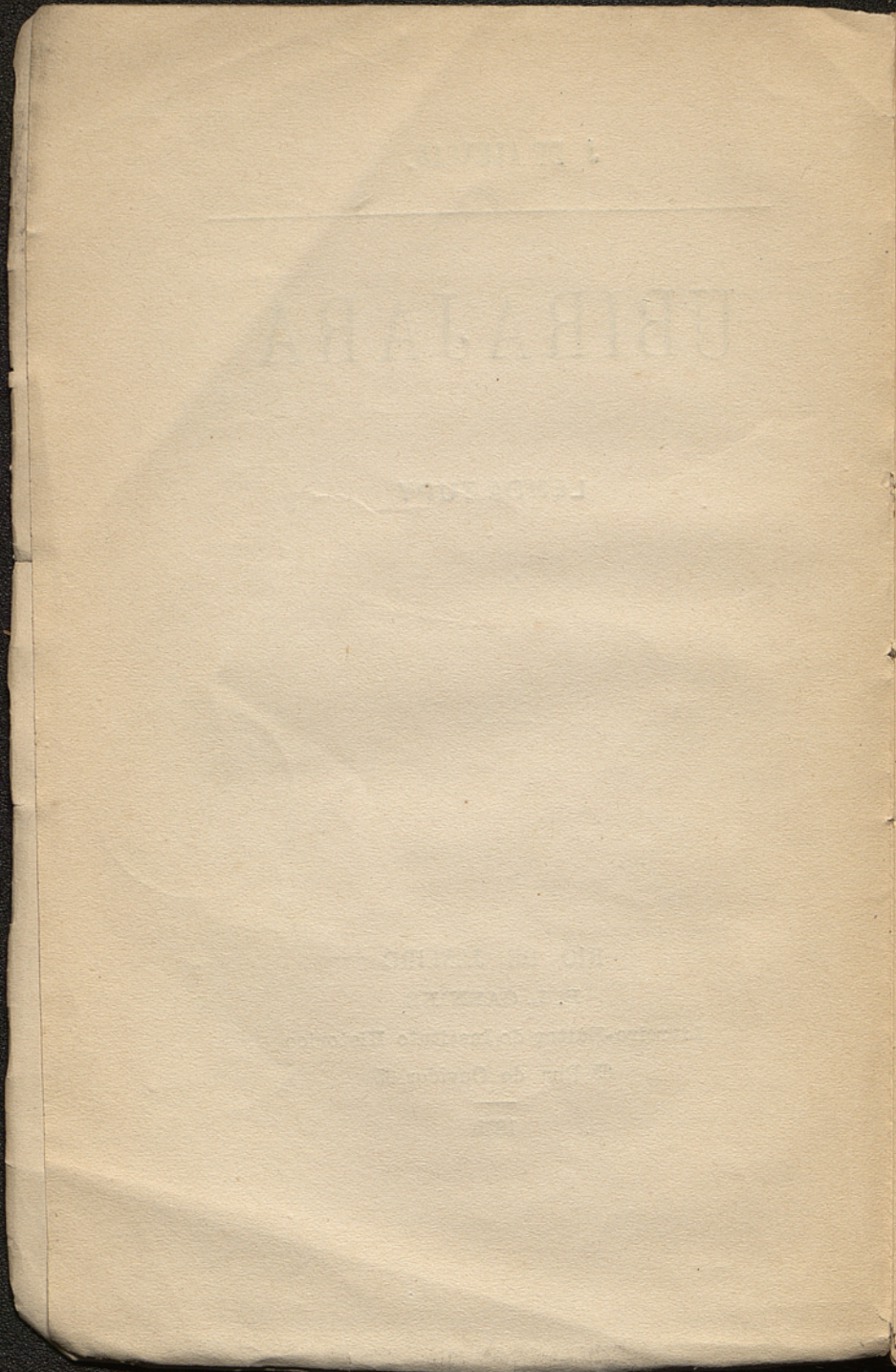
J. DE ALENCAR.

UBIRAJARA

LENDA TUPY

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER
Livreiro-Editor do Instituto Historico
65 Rua do Ouvidor 65

1875

I

O CAÇADOR

Pela margem do grande rio caminha Jaguarê, o joven caçador.

O arco pende-lhe ao hombro, esquecido e inutil. As flechas dormem no coldre da uiraçaba.

Os veados saltam das moitas de ubaia e vem retouçar na gramma, zombando do caçador.

Jaguarê não vê o timido campeiro, seus olhos buscam um inimigo capaz de resistir-lhe ao braço robusto.

O rugido do jaguar abala a floresta; mas o caçador tambem despreza o jaguar, que já cançou de vencer.

Elle chama-se Jaguarê, o mais feroz jaguar da floresta; os outros fogem espavoridos quando de longe o pressentem.

Não é esse o inimigo que procura, porém outro mais terrivel para vencê-lo em combate de morte e ganhar nome de guerra.

Jaguarê chegou á idade em que o mancebo troca a fama do caçador pela gloria do guerreiro.

Para ser acclamado guerreiro por sua nação é pre-

ciso que o joven caçador conquiste esse titulo por uma grande façanha.

Por isso deixou a taba dos seus, e a presença de Jandyra, a virgem formosa que lhe guarda o seio de esposa.

Mas o sol tres vezes guiou o passo rapido do caçador atravez das campinas, e tres vezes como agora deitou-se além nas montanhas da Aratuba, sem mostrar-lhe um inimigo digno de seu valor.

A sombra vae descendo da serra pelo valle e a tristeza cahe da fronte sobre a face de Jaguarê.

O joven caçador empunha a lança de duas pontas, feita da roxa craúba, mais rija que o ferro.

Nenhum guerreiro brandiu jamais essa arma terrivel, que sua mão primeiro fabricou.

Lá estaca o joven caçador no meio da campina. Volvendo ao céo o olhar torvo e iracundo, solta ainda uma vez seu grito de guerra.

O bramido rolou pela amplidão da mata e foi morrer longe nas cavernas da montanha.

Respondeu o ronco da sucury na madre do rio e o urro do tigre escondido na furna; mas outro grito de guerra não acudiu ao desafio do caçador.

Jaguarê arremessou a lança, que vibrou nos ares e foi cravar-se além no grosso tronco da emburana.

A copa frondosa ramalhou, como as palmas do coqueiro ao sôpro do vento, e o tronco gemeu até á raiz.

O caçador repousa á sombra de sua lança.

Salta uma corça da mata e veloz atravessa a campina.

Mais veloz a persegue gentil caçadora com a seta embebida no arco flexivel.

Ergue-se Jaguarê.

Seu olhar ardente voou, soffrego de encontrar o inimigo que lhe tardava.

Avistando uma mulher, a alegria do mancebo apagou-se no rosto sombrio.

Pela facha, côr de ouro, tecida das pennas do tocano, Jaguarê conheceu que era uma filha da valente nação dos tocantins, senhora do grande rio, cujas margens elle pisava.

A liga vermelha que cingia a perna esbelta da estrangeira dizia que nenhum guerreiro jamais possuira a virgem formosa.

A corça veiu cahir aos pés de Jaguarê, atravessada

pela flecha certeira da joven caçadora que a seguia de perto.

A virgem reconheceu o cocar da nação que na ultima lua chegára aos campos do Taary e da qual os pagés tinham dado noticia.

— Guerreiro araguaya, pois vejo pela penna vermelha de teu cocar que pertences a essa nação valente; si pisas os campos dos Tocantins como hospede, bem vindo sejas; mas si vens como inimigo, foge, para que tua mãi não chore a morte de seu filho e tenha quem a protega na velhice.

— Virgem dos tocantins, Jaguarê já soltou seu grito de guerra. Elle pisa os campos de teus pais, como senhor. Tu és sua prisioneira. Não, que vencer a corça timida seja gloria para o caçador; mas tu chamarás o inimigo que elle espera.

— Si o veado te der a sua ligeireza, joven guerreiro, ella não te servirá sinão para vêr o rasto de meu pé antes que o vento o apague.

A linda caçadora desferiu a corrida pela immensa campina. Apoz ella se arremessou Jaguarê que muitas vezes vencêra o tapyr.

Mas a virgem dos tocantins corria como a nandú no deserto, e o caçador conheceu que seu braço nunca a poderia alcançar.

Travou do arco e o brandiu. A seta obedeceu-lhe, pregando no tronco do assahy a facha que fluctuava ao sopro do vento.

— A filha dos tocantins tem no pé as azas do beijaflôr; mas a seta de Jaguarê vôa como o gavião. Não te assustes, virgem das florestas; tua formosura venceu o impeto de meu braço e apagou a cholera no coração feroz do caçador. Feliz o guerreiro que te possuir.

— Eu sou Aracy, a estrella do dia, filha de Itaquê, pai da grande nação tocantim. Cem dos melhores guerreiros o servem em sua cabana para merecer que elle o escolha por filho. O mais forte e valente me terá por esposa. Vem comigo, guerreiro araguaya, excede aos outros no trabalho e na constancia, e tu romperás a liga de Aracy na proxima lua do amor.

— Não, filha do sol; Jaguarê não deixou a taba de seus pais onde Jandyra lhe guarda o seio de esposa, para ser escravo da virgem. Elle vem combater e ganhar um nome de guerra que encha de orgulho á sua nação. Torna á taba dos tocantins e dize aos cem guerreiros captivos de teu amor, que Jaguarê, o mais destemido dos caçadores araguayas, os desafia ao combate.

— Aracy vae, pois assim o queres. Si fores ven-

cido, ella guardará tua lembrança pois nunca seus olhos viram mais bello caçador. Si fores vencedor será uma alegria para a virgem do sol pertencer ao mais valente dos guerreiros.

A virgem disse e desappareceu na selva. Os olhos de Jaguarê seguiram o passo ligeiro da formosa caçadora, como o guachimim que rasteja a zabelê.

Quando ella desappareceu o joven caçador recostou-se ao tronco da emburana e esperou.

———

Do outro lado da campina assoma um guerreiro.

Tem na cabeça o kanitar das plumas de tocano, e no punho do tacape uma franja das mesmas pennas.

E' um guerreiro tocantim. De longe avistou Jaguarê e reconheceu o pennacho vermelho dos araguayas.

As duas nações não estão em guerra; mas sem quebra da fé póde um guerreiro cansado do longo repouso, offerecer a outro guerreiro combate leal.

Quando o tocantim armou o arco, Jaguarê já tinha brandido o seu e disparado no ar uma seta, mensageira do desafio.

Respondeu o guerreiro disparando tambem uma flecha no ar, para dizer que aceitava o combate.

Então os dois campeões caminharam um para o outro com o passo grave e pararam frente a frente.

— Eu sou Jaguarê, filho de Camacan, chefe da valente nação dos araguayas, que vem de longe em busca da terra de seus pais. Minha fama corre as tabas e tu já deves conhecer o maior caçador das florestas. Mas Jaguarê despreza a fama do caçador; elle quer um nome de guerra, que diga ás nações a força de seu braço e faça tremer aos mais bravos. Si tua nação te acclamou forte entre os fortes, prepara-te para morrer; sinão, passa teu caminho, guerreiro vil, para que o sangue do fraco não manche o tacape virgem de Jaguarê.

— O caraiba guiou teu passo ao encontro de Pojucan, o matador de gente, guerreiro chefe da terrivel nação tocantim, que enche de terror as outras nações. Ha tres luas, desde que fugiram espavoridos os barbaros Tapuyas, que Pojucan não combate; e seu tacape tem fome do inimigo. Tu não és digno dos golpes de um guerreiro chefe; mas Pojucan se compadece de tua mocidade e consente em combater comtigo. Terás a gloria de ser morto pelo mais valente guerreiro tocantim. Os cantores de meus feitos lembrarão teu

nome; e todos os mancebos de tua nação invejarão tua sorte.

— Jaguarê agradece á Tupan que te fez um grande guerreiro e o chefe mais feroz da grande nação tocantim, Pojucan, matador de gente. A tua morte será a primeira façanha do caçador araguaya e lhe dará um nome de guerra que se torne o espanto dos teus e o terror das outras nações.

Os dois campeões recuaram passo a passo até que se acharam a um tiro de arco.

Então soltaram o grito de guerra e se arremessaram um contra outro brandindo o tacape.

Os tacapes toparam no ar e os dois guerreiros rodaram como as torrentes impetuosas no remoinho da Itaoca.

Dez vezes as clavas bateram, e dez vezes volveram para bater de novo.

Os animaes que passavam na floresta fugiram espavoridos, como si a borrasca ribombasse no céo.

Ainda uma vez encontraram-se os dois tacapes e voaram em lascas pelos ares.

— O ubiratan é forte; mas ha outro ubiratan que lhe resiste. Como o braço de Pojucan é que não ha outro braço. Já viste, joven caçador, o veado nas garras da giboia? Assim vais morrer.

— Si tu fosses a cascavel que sómente sabe morder, Jaguarê te esmagaria a cabeça com o pé e seguiria seu caminho. Mais tu és a giboia feroz; e Jaguarê gosta de estrangular a giboia. Não morrerás pelo pé, mas pela mão do caçador. Lança teu bote, guerreiro tocantim.

Pojucan estendeu os braços e estreitou os rins de Jaguarê, que por sua vez cingiu os lombos do guerreiro.

Cada um dos campeões poz na luta todas as suas forças, bastantes para arrancar o tronco o mais robusto da mata.

Ambos porém ficaram immoveis. Eram dois jatobás que nasceram juntos e entrelaçaram os galhos ligando-se no mesmo tronco.

Nada os desprende; nada os abala. O tufão passa bramindo sem agita-los; e elles permanecem quédos pelo volver dos tempos.

Um pagé que passou na orla da mata viu os lutadores e esconjurou-os pensando que eram as almas de dois guerreiros presos no abraço da morte.

Já a sombra se desdobrava pelo valle fóra e o sol despedia-se dos cimos dos montes, sem que os campeões se movessem.

Por fim affrouxaram os braços e cada lutador recuou para contemplar seu adversario. Nenhum mostrava no rosto sombra de fadiga.

Conheceram que podiam lutar corpo a corpo, a noite inteira, sem que um prostrasse o outro.

— Tu és igual na valentia e na força ao guerreiro chefe da nação tocantim. Mas Pojucan não consente que haja na terra quem resista a seu braço. E' preciso que tu morras, Jaguarê, para que elle seja o primeiro dos guerreiros que o sol allumia.

— Pojucan, matador de gente, guerreiro feroz da nação tocantim, Jaguarê deixou-te viver até este momento para saber si tu eras digno de dar-lhe um nome de guerra. Agora que te conhece como o primeiro dos guerreiros que existiram até este momento; elle quer que tua derrota seja a sua primeira façanha.

Disse e arrancando do tronco da emburana a lança de duas pontas caminhou outra vez para Pojucan.

— Esta arma que tu vês é a lança de duas pontas. Jaguarê fabricou-a do rijo galho da craúba, endurecido pelo fogo. Sua mão foi a primeira que o arremessou e teu corpo é o primeiro cujo sangue ella vae

bebêr. Empunha a lança de duas pontas, guerreiro chefe, e ataca Jaguarê para receberes a morte dos valentes.

Pojucan repelliu a lança que o joven caçador lhe apresentára.

— Jamais no combate um guerreiro tocantim atacará seu adversario desarmado; nem Pojucan precisa da lança. Ataca tu Jaguarê, que não tens confiança em teu braço; o de Pojucan basta para te prostrar.

— O orgulho te cega, guerreiro chefe. A lança conhece Jaguarê que a inventou e lhe obedece como o arpão á corda do pescador. Aperta-a bem em tua mão robusta e Jaguarê estará duas vezes mais armado do que tu, que não sabes maneja-la.

O chefe tocantim cruzou os braços.

— Toma a lança, Pojucan, si não queres que te chame covarde; pois tu sabes que Jaguarê não te matará desarmado, mas te abandonará como indigno de

2

combater com o filho do maior guerreiro araguaya, o grande Camacan.

O chefe tocantim arrojou-se contra Jaguarê que travou-lhe dos pulsos e outra vez os dois campeões ficaram immoveis.

A noite veiu acha-los na mesma posição. Tres vezes cessaram a luta, e de novo a travaram. Mas afinal se convenceram que nenhum derrubaria o outro.

Então Pojucan disse :

— Guerreiro araguaya, é preciso acabar o combate. A terra não chega para dois guerreiros como nós. Finca no chão a lança e caminhemos até a margem do rio. Aquelle que primeiro chegar, será o senhor da lança e da vida do outro.

Assim fizeram os dois campeões. Chegados á margem do rio, dispararam a corrida. Ao mesmo tempo a mão de ambos tocou a haste da lança; mas Jaguarê, arremessado pelo impeto da desfilada, não póde arrancar a arma que ficou na mão de Pojucan.

O guerreiro chefe enrista desdenhosamente a lança e caminha para Jaguarê. Não vai como o guerreiro que marcha ao combate, mas como o matador que se prepara para immolar a victima.

— Guerreiro chefe, Jaguarê não te quer matar como a serpente que ataca o descuidado caçador. Dez vezes já si quizesse elle te houvera ferido com tua propria mão.

— Abandona a gloria do guerreiro, que não é para ti, nhengahiba. Pojucan te concederá a vida, e te levará captivo á taba dos tocantins para que tu cantes as suas façanhas na festa dos guerreiros.

— Captivo serás tú, mas não para cantar os feitos dos guerreiros. Tu servirás na taba dos araguayas para ajudar as velhas a varrer a oca.

Arremessou-se Pojucan avante e desfechou o golpe; mas a lança rodára e foi o chefe tocantim que recebeu no peito a ponta farpada.

Quando o corpo robusto de Pojucan tombava, cravado pelo dardo, Jaguarê d'um salto calcou a mão direita sobre o hombro esquerdo do vencido, e brandindo a arma sangrenta, soltou o grito do triumpho :

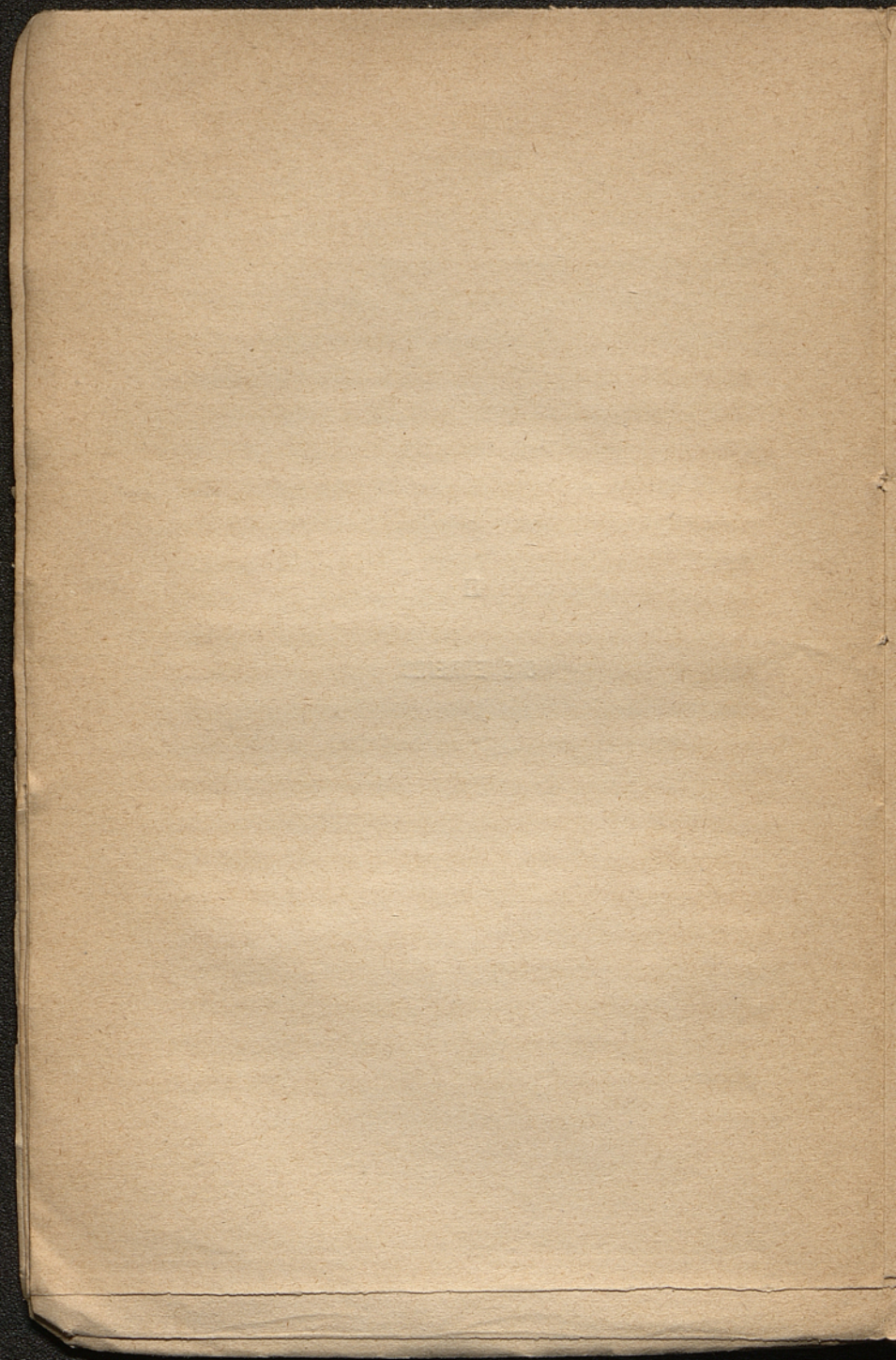
— Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, o guerreiro invencivel que tem por arma a serpente. Reconhece o teu vencedor, Pojucan, e proclama o primeiro dos guerreiros pois te venceu a ti, o maior guerreiro que existiu antes d'elle.

— Si meu valor, que serviu para augmentar a tua fama merece de ti uma graça, não deixes que Pojucan soffra mais um instante a vergonha de sua derrota.

— Não, chefe tocantim. Tu me acompanharás á taba dos araguayas para narrar meu valor. A fama de Jaguarê precisa de um prisioneiro como o grande Pojucan na festa da victoria.

— Tu és cruel, guerreiro da lança; mas fica certo que si tua arma traiçoeira feriu-me o peito; o supplicio não vencerá a constancia do varão tocantim que sabe affrontar as iras de Tupan e desprezar a vingança dos araguayas.

II

O GUERREIRO

Retumba a festa na taba dos araguayas.

As fogueiras circulam a vasta ocara e derramam no seio da noite escura as chammas da alegria.

Toda a tarde o trocano reboou chamando os guerreiros das outras tabas á grande taba do chefe.

Era a festa guerreira de Jaguarê, filho de Camacan, o maior chefe dos araguayas.

No fundo da ocara preside o conselho dos anciões, que decide da paz ou da guerra, e governa a valente nação.

Os anciões sentados no longo girão contemplam taciturnos a geração de guerreiros que elles ensinaram a combater, e tem saudades da passada gloria.

Suspenso em frente d'elles está o grande arco da nação araguaya, ornado nas pontas, das pennas vermelhas da arara.

E' a insignia do chefe dos guerreiros, a qual Camacan, pai de Jaguarê conquistou na mocidade e ainda a conserva, pois ninguem ousa disputa-la.

Ei-lo, o velho chefe, embaixo do arco, que sua mão

tantas vezes brandiu na guerra. Em pé, arrimado ao invencivel tacape, elle dirige a festa.

De um e outro lado da vasta ocara, está a multidão dos guerreiros, collocados por sua ordem; primeiro os chefes das tabas; depois os varões; por ultimo os moços guerreiros.

Vem depois os jovens caçadores que já deixaram a oca materna e estão impacientes de ganhar por suas proezas a honra de serem admittidos entre os guerreiros.

Mas para isso tem de passar pelas provas, e sua juventude não lhes consente ainda a robustez, que tamanho esforço demanda.

Todos invejam a gloria de Jaguarê que hontem era o primeiro entre elles, e hoje alli está disputando a fama aos mais valentes guerreiros.

Por detraz da estacada apinham-se as mulheres, que segundo o rito patrio não pódem ser admittidas nas festas guerreiras.

De longe acompanham silenciosas com os olhos, as velhas aos filhos, as esposas aos seus guerreiros, e as virgens aos noivos.

Exultam quando ouvem celebrar as façanhas dos seus; mas não ousam murmurar uma palavra.

Entre ellas está Jandyra, a doce virgem, cujos ne-

gros olhos não se cançam de admirar Jaguarê, seu futuro senhor.

Já lhe tarda o momento de vêr acclamar guerreiro ao joven caçador, para ter a felicidade de servi-lo como escrava na paz, e acompanha-lo como esposa ao combate.

No centro da ocara ergueu-se Jaguarê.

Defronte delle, Pojucan, no corpo que a ferida não abateu, mostra a grande alma, serena em face dos inimigos.

Camacan troou a inubia para ordenar silencio e o filho começou :

— Guerreiros araguayas ouvi a minha historia de guerra.

« Depois que Jaguarê soffreu as provas do valor partiu para conquistar um nome famoso.

« Deixando a taba, viu o falcão negro que despedia o vôo para as aguas sem fim, e Jaguarê disse:

« O falcão negro é o valente guerreiro dos ares ; elle

será a fama do guerreiro araguaya que atravessará as nuvens e subirá ao céo.

« Então Jaguarê marcou o vôo do falcão negro e seguiu por elle.

« O sol despediu-se e voltou; uma, duas, tres vezes. No ultimo sol Jaguarê encontrou um guerreiro da nação tocantim, senhora do grande rio.

« Guerreiros araguayas, quereis saber qual foi o campeão que Tupan enviou a Jaguarê para dar-lhe o nome de guerra ?

« Elle ahi está diante de vós.

« E' o grande Pojucan, o feroz matador de gente, chefe da tribu mais valente da poderosa nação dos tocantins, senhores do grande rio.

« Vós que o tendes aqui presente, vêde como é terrivel o seu aspecto, mas só eu que o pelejei conheço o seu valor no combate.

« O tacape em sua mão possante é como o tronco do ubiratan que brotou no rochedo e cresceu.

« Jaguarê, que arranca da terra o cedro gigante, não o pôde arrancar de sua mão; e foi obrigado a despedaça-lo.

« Os braços de Pojucan, quando elle os estende na luta, não ha quem os vergue ; são dois penedos que sahem da terra.

« Seu corpo é a serra que se levanta no valle. Nenhum homem, nem mesmo Camacan, o póde abalar.

« Pojucan era o varão mais forte e o mais valente guerreiro que o sol tinha visto até áquelle momento.

« Foi este, guerreiros araguayas, o heróe que offereceu combate ao filho de Camacan ; e Jaguarê aceitou, porque logo conheceu que havia encontrado um inimigo digno de seu valor.

« Elle vos contempla, guerreiros araguayas. Si alguem duvida da palavra de Jaguarê e da força do guerreiro tocantim, chame-o a combate e saberá quem é Pojucan.»

O chefe tocantim lançou um olhar ameaçador á multidão dos guerreiros; mas nenhum ousou acceitar o desafio.

Pojucan alçou a mão em signal de que desejava fallar; todos escutaram com respeito o heróe, ainda maior na desgraça.

— Guerreiros araguayas, ouvi a voz de Pojucan,

vosso inimigo, que affronta as iras dos fortes e despreza a vingança dos fracos.

« Pojucan, guerreiro chefe da grande nação tocantim, jámais encontrou guerreiro que resistisse á força de seu braço invencivel.

« Mas Tupan cançado de ouvir celebrar em todas as festas o nome de Pojucan, como vencedor, emprestou sua força a Jaguarê, o maior guerreiro que já pisou a terra.

« Eu que senti o impeto de sua coragem, posso dizer-vos que só o sangue tocantim é capaz de gerar um guerreiro tão poderoso.

« Foi alguma virgem araguaya que vagando pela floresta encontrou Pojucan, e trouxe no seio fecundo a alma do grande guerreiro.

« Seu braço é como o corisco do céo; e a sua força como a tempestade que desce das nuvens. »

Calou-se Pojucan; e Jaguarê continuou o seu canto de guerra :

« Quando a sombra começava a descer da crista da montanha, Pojucan e Jaguarê caminharam um contra o outro.

« Toda a noite combateram. O sol nascendo veiu acha-los ainda na peleja, como os deixára; nem vencidos, nem vencedores.

« Conheceram que eram os dois maiores guerreiros, na fortaleza do corpo, e na destreza das armas.

« Mas nenhum consentia que houvesse na terra outro guerreiro igual; pois ambos queriam ser o primeiro.

« Foi então que o chefe tocantim ganhou na corrida a lança de duas pontas, que Jaguarê havia fabricado.

« Tres vezes seu punho robusto a brandiu, e tres vezes ella escapou-lhe da mão, como a serpente das garras do gavião.

« Mais uma vez o grande guerreiro investiu com o bote armado; e a lança, escrava de Jaguaré, cravou o peito do inimigo.

« Elle cahiu, o guerreiro chefe, o grande varão dos tocantins, o valente dos valentes, Pojucan, o feroz matador de gente.

« E Jaguarê brandindo a arma da victoria bradou;

« Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, que venceu o primeiro guerreiro dos guerreiros de Tupan.

« Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, o guerreiro terrivel que tem por arma uma serpente.»

———

O trocano ribombou, derramando longe pela amplidão dos valles e pelos echos das montanhas a pocema do triumpho.

Os tacapes, vibrados pela mão pujante dos guerreiros, bateram nos largos escudos retinindo.

Mas a voz possante da multidão dos guerreiros cobriu o immenso rumor clamando:

— Tu és Ubirajara, o senhor da lança, o vencedor de Pojucan, o maior guerreiro da nação tocantim.

« Os guerreiros araguayas te recebem por seu irmão nas armas e te acclamam forte entre os fortes.

« Os cantores celebrarão teu nome como os mais famosos da nação araguaya ; e Camaçan terá a gloria de chamar-se pai de Ubirajara; como foi gloria para Jaguarê, ser filho de Camacan.»

Quando parou o estrondo da festa e cessou o canto dos guerreiros, avançou Camacan, o grande chefe dos araguayas.

D'um salto o ancião alcançou o arco da nação, insignia do chefe na guerra, e caminhou para Ubirajara.

O arco era de ubiratan, grosso como o braço do

mais robusto guerreiro; a corda trançada de crautá tinha o corpo do dedo que a brandia.

Os mais possantes varões da nação araguaya a custo empunhavam o grande arco ; mas só um tinha força para disparar a seta.

Era Camacan, o chefe dos chefes, que dirigia na guerra os guerreiros araguayas.

Assim fallou o ancião :

— Ubirajara, senhor da lança, é tempo de empunhares o grande arco da nação araguaya, que deve estar na mão do mais possante. Camacan o conquistou no dia em que escolheu por esposa Jaçanan, a virgem dos olhos de fogo, em cujo seio te gerou seu primeiro sangue. Ainda hoje apezar da velhice que lhe mirrou o corpo, nenhum guerreiro ousaria disputar o grande arco ao velho chefe, que não soffresse logo o castigo de sua audacia. Mas Tupan ordena que o ancião se curve para a terra até desabar como o tronco carcomido; e que o mancebo se eleve para o céo como a arvore altaneira. Camacan revive em ti ; a gloria de ser o maior guerreiro cresce com a gloria de ter gerado um guerreiro ainda maior do que elle.

———

Ubirajara tomou o arco que lhe apresentava o pai e disse:

— Camacan, tu és o primeiro guerreiro e o maior chefe da nação araguaya. Para a gloria de Jaguarê bastava que elle se mostrasse teu filho no valor, como é teu filho no sangue. Mas o grande arco da nação araguaya, Ubirajara não o recebe de ti e de nenhum outro guerreiro, pois o hade conquistar pela sua pujança.

Disse, e arremessando no meio da ocara o grande arco, bradou:

— O guerreiro que ouse empunhar o grande arco da nação araguaya, venha disputa-lo a Ubirajara.

Nenhuma voz se ergueu; nenhum campeão avançou o passo.

O trocano reboou de novo, e no meio da pocema do triumpho, a multidão dos guerreiros proclamou :

— Ubirajara, senhor da lança, tu és o mais forte dos guerreiros araguayas ; empunha o arco chefe.

Então Ubirajara levantou o grande arco, e a corda zuniu como o vento na floresta.

Era a primeira seta, mensageira do chefe, que levava ás nuvens, a fama de Ubirajara.

Os cantores exaltaram a gloria dos dois chefes ; a do velho Camacan, que trocára a arma do guerreiro pelo bordão do conselho ; e a do joven Ubirajara, que na sua mocidade já se mostrava tão grande, como fôra o pai na robustez dos annos.

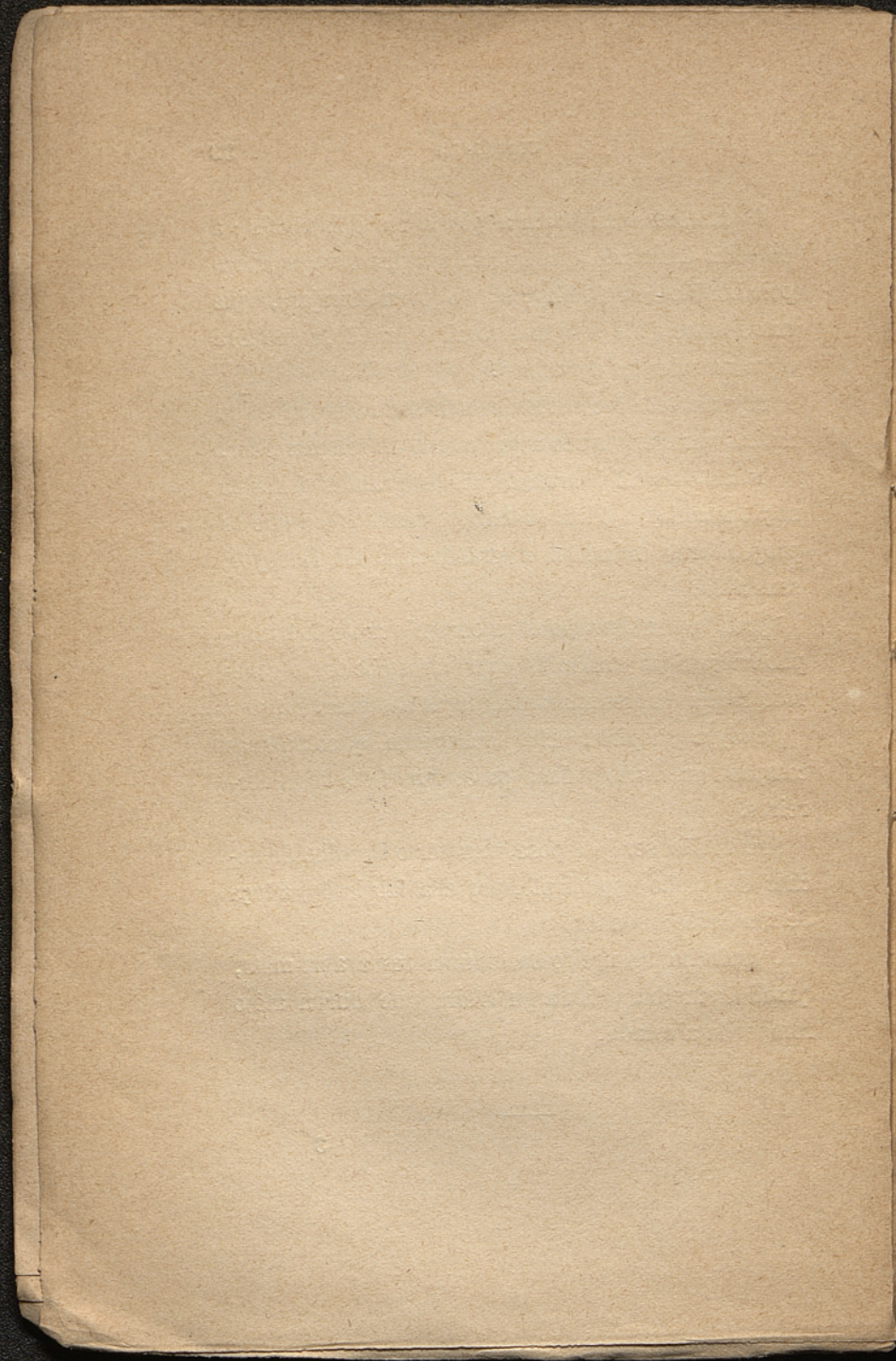
Pojucan teve o consolo de ouvir seu nome, repetido muitas vezes e louvado a par com o de seu vencedor.

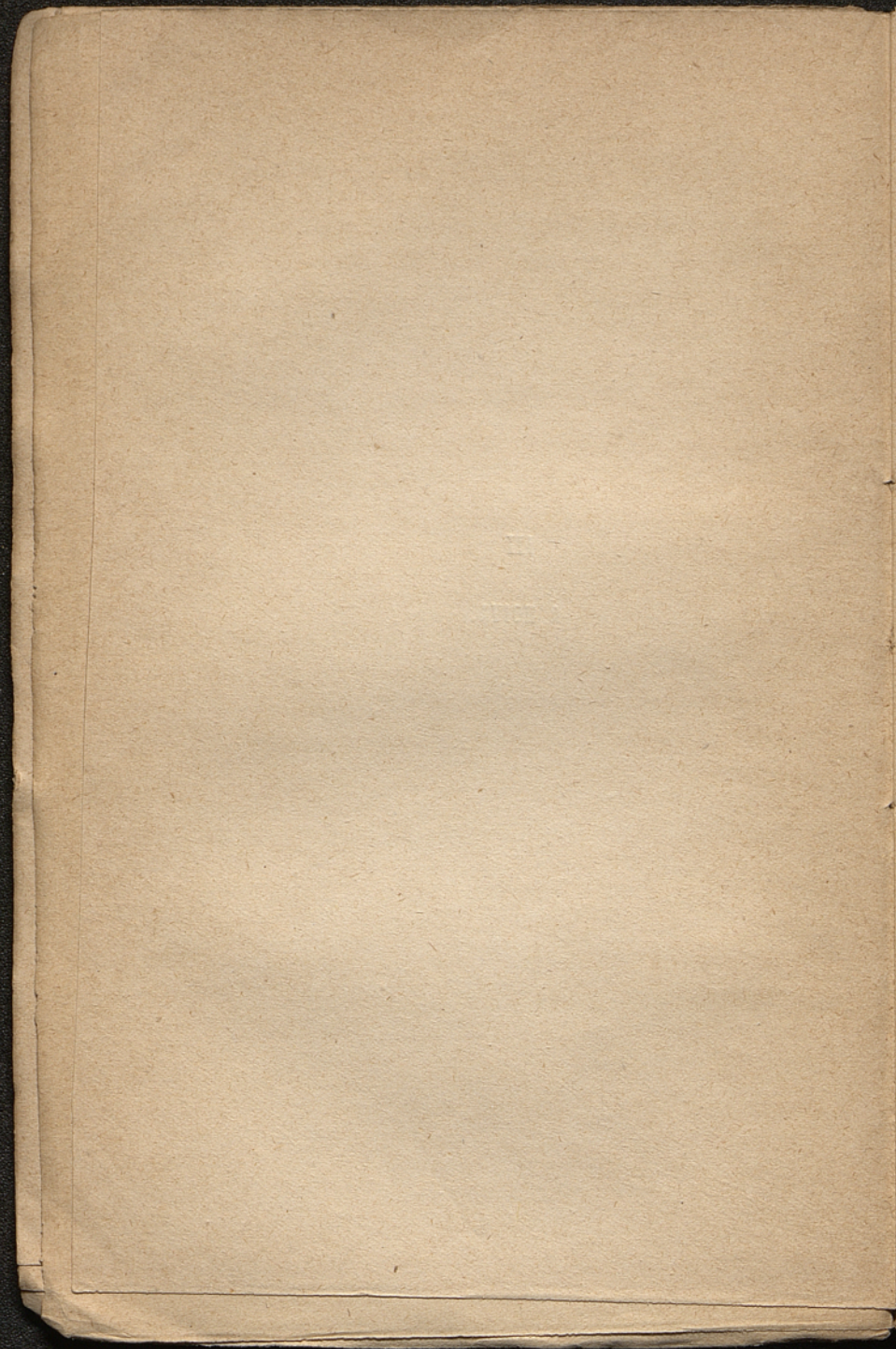
Os cantores celebraram depois os grandes feitos da nação araguaya, desde os tempos remotos em que os progenitores deixaram a grande taba dos Tamoyos, seus avós.

Quando os nhengaçáras entoaram o canto do triumpho, vieram as mulheres com vasos cheios do generoso cauim e apresentaram as taças aos guerreiros.

Jandyra suspirou ; ella era virgem, e como suas companheiras, não podia apparecer na festa dos guerreiros.

Sentiu não ser já esposa, para ter o orgulho de encher de vinho espumante, por ella fabricado, a taça de seu heróe e senhor.

O guincho agoureiro da inhúma resoava na mata, quando começou a dansa guerreira que durou até o romper da alvorada.

III

A NOIVA

Ao raiar da luz no céo, Jandyra abriu os lindos olhos negros.

Seu canto foi o primeiro que saudou o nascer do dia e accordou em seu ninho a viuvinha.

A doce filha de Magé saltou da rêde que embalára os sonhos castos da virgem; e despediu-se della como a jaçanan que deixa a moita para habitar o ninho do amor.

A virgem tocantim acreditava ter dormido a ultima noite na cabana paterna, que essa manhã ia trocar pela cabana do esposo.

O joven caçador que a amava, Jaguarê, fôra acclamado guerreiro, e entre todos os guerreiros o chefe da nação.

Como guerreiro elle póde tomar uma esposa; e como chefe pertence-lhe a virgem de sua escolha, entre as mais formosas da taba.

Ainda que a virgem tenha um noivo, ou que o pai a destine a outro, si o chefe a deseja, a vontade de Tupan é que lhe pertença.

Tupan assim ordena para que os grandes chefes possam gerar de seu sangue os mais bellos e valentes guerreiros.

Jaguarê antes de ser acclamado chefe já a tinha escolhido, e Jandyra não aceitaria outro noivo sinão o joven caçador a quem amava.

Ella o espera. Logo que o sol allumie a terra, Ubirajara, o grande chefe, hade vir busca-la.

Então a virgem se despedirá de Magé; e irá armar na cabana de seu guerreiro e senhor a rêde da esposa.

Ligeira e contente corre a banhar-se no rio antes que chegue Ubirajara, para quem purifica seu corpo e unge-se com o oleo fragrante do sassafraz.

Ella quer que o destemido guerreiro ache seu amor saboroso como o vinho que espuma na taça, e ferve nas veias.

Tornando á cabana, perfumou de beijoim a larga rêde que tecêra dos fios do algodão entrelaçados com as pennas do guará.

Essa rêde tinha duas vezes o tamanho de sua rêde de virgem, porque era a rêde do casamento em que devia receber o esposo.

Depois arrumou no urú a louça que havia fabricado para o serviço do guerreiro, e que devia transportar á sua nova cabana.

Quando terminou todos os preparativos, encostou-se á porta da cabana; seus olhos impacientes chamavam Ubirajara.

Mas o guerreiro não vinha, e o sol já tinha subido além da crista da serra.

A luz do dia derramava a alegria pelos campos; e a alegria que lhe afogára os sonhos da noite fugia agora d'alma de Jandyra.

Então a filha de Magé partiu em busca do noivo que a esquecera.

No mais escuro da mata vaga o chefe dos Araguayas.

Seus olhos fogem á luz do dia e buscam a sombra, onde encontram a imagem que traz na lembrança.

A' noite quando o guerreiro dormia em sua rêde solitaria, Aracy, a linda virgem lhe appareceu em sonho e lhe fallou.

— Jaguarê, joven caçador, tu dormes descançado emquanto os guerreiros tocantins se preparam para

roubar a virgem de teus amores. Ergue-te e parte, si não queres chegar tarde.

Elle erguera-se para segui-la; mas a virgem formosa desferiu a corrida veloz atravez da campina e desappareceu na floresta.

Neste ponto do sonho o guerreiro acordára.

Uma estrella brilhante listrava o céo, como uma lagrima de fogo, e Ubirajara pensou que era o rasto de Aracy, a filha da luz.

A jurity arrulhou docemente na mata e Ubirajara lembrou-se da voz maviosa da virgem do sol.

O guerreiro tornou á rêde, esperando achar alli outra vez o sonho que visitára sua alma; porém o somno fugira de seus olhos.

Quando raiou a primeira alvorada, Ubirajara sahiu da cabana e buscou no mais espesso da mata a sombra propicia á saudade.

Seu passo o guiava sem querer para as bandas do grande rio, onde devia ficar a taba dos tocantins.

E' assim que os coqueiros, immoveis na praia, inclinam para o nascente seu verde cocar.

Ubirajara ouviu o rumor de um passo ligeiro atravez da mata; de longe conheceu Jandyra que o procurava.

A doce virgem achára á porta da cabana o rasto do guerreiro e o seguira atravez da floresta.

— Que máo sonho afflige Ubirajara, o senhor da lança e o maior dos guerreiros, chefe da grande nação araguaya, para que elle se afaste de sua taba e esqueça a noiva que o espera.

— A tristeza entrou no coração de Ubirajara, que não sabe mais dizer-te palavras de alegria, linda virgem.

— A tristeza é amarga; quando entra no coração do guerreiro o enche de fel. Mas Jandyra fará como sua irmã, a abelha, ella fabricará em seus labios, os favos mais doces para seu guerreiro; suas palavras serão os fios de mel que ella derramará na alma do esposo.

— Filha de Magé, doce virgem, ainda não chegou o dia em que Ubirajara escolha uma esposa; nem elle sabe ainda qual o seio que Tupan destinou para gerar o primeiro filho do grande chefe dos araguayas.

O labio de Jandyra emmudeceu; mas o peito soluçou.

A virgem conheceu que o amor de Ubirajara retirava-se della, e que de todo o perderia si o não defendesse.

Então escondeu a dôr no fundo d'alma e chamou o riso a seus labios, a alegria a seus olhos.

Ella sabia que os guerreiros amam a flôr da formosura, como a folhagem da arvore; e que a tristeza murcha a graça da mais linda virgem.

— Chefe dos araguayas, Ubirajara, não desprezes Jandyra que outr'ora escolheste para tua noiva. Si então ella era formosa a teus olhos: mais formosa se fará para merecer teu amor. Tu gostavas de seus cabellos negros que arrastam no chão; ella os entrançará com as plumas vermelhas do guará para que te pareçam mais bonitos. Seus olhos negros que te fallavam, ella os cercará de um a listra amarella como os olhos da jaçanan. Sua boca, que ainda não provaste, Jandyra a encherá de amor para que bebas nella o contentamento.

Jandyra esperou a palavra de Ubirajara; mas os labios mudos do guerreiro não se abriram.

— Teu amor, Ubirajara, ficará em meu seio como a flor no valle. Jandyra te dará muitos filhos e todos dignos de teu valor. Nestes peitos que te pertencem ella os nutrirá com seu sangue, não menos guerreiro do que o teu; porque é o sangue de Magé, o

maior dos anciões, depois de Camacan. Seus braços, que out'rora querias para tua cintura, não servirão unicamente para te abraçarem, mas tambem para te servirem. Tua esposa te acompanhará por toda a parte, na taba, como no campo do combate; ella cuidará de tua cabana; apromptará as mais saborosas iguarias para seu guerreiro, e fabricará para elle o vinho, que é a alma da festa.

— Jandyra é a mais bella das virgens araguayas. Seu amor fará a ventura de um guerreiro valente. Ubirajara não podia achar para si uma esposa mais fiel; nem para seus filhos outra mãi tão fecunda. Mas a noite desceu em sua alma. Só a estrella do dia póde restituir-lhe a alegria que o abandonou. A filha de Magé merece um guerreiro que tenha olhos para a sua formosura.

Pojucan sentou-se pensativo á porta da cabana.

O semblante, sempre grave, como convem a um chefe, cobre-se de tristeza.

A noite que foge da terra, vencida pelo sol, parece recolher-se n'alma do chefe tocantim.

Não é sua ferida que o faz soffrer. O balsamo suave da embaiba sara rapidamente os golpes mais profundos; e os varões tocantins aprendem desde o berço a desprezar a dôr.

E' em seu coração de guerreiro, que Pojucan sente as garras do Anhanga.

O revez de ser vencido e cahir prisioneiro, elle o supporta como o varão forte que viu prostrados por Aresky no campo da batalha os mais terriveis guerreiros.

A grandeza do vencedor o consola; resta-lhe ainda a gloria de ter resistido a um braço, como o de Ubirajara, grande chefe dos araguayas.

Mas elle esperava que depois de haver ornado com sua presença a festa do triumpho, o vencedor fosse generoso, e lhe concedesse a honra do sacrificio.

E' o temor de que Ubirajara lhe recuse uma morte gloriosa e o retenha captivo, que nesse momento acabrunha o chefe dos Tocantins.

Elle, um guerreiro livre que pisára outr'ora como senhor aquelles campos, reduzido á condição de escravo?

Elle, um varão chefe que tinha na obediencia de seu arco mais de mil guerreiros valentes, obrigado a reconhecer um dono?

Elle, que affrontava a cholera de Tupan, quando o deus irado rugia do céo, curvar-se ao aceno de um homem, fosse embora o mais pujante dos filhos da terra?

Pojucan estremecia quando se lembrava que podia ser condemnado á tão grande humilhação.

Em seu terror promovia o passo, com o impeto de fugir para sempre da taba dos araguayas, onde o ameaçava aquella vergonha.

Mas uma força invencivel atava-lhe a vontade. Elle não se pertencia desde o momento em que Ubirajara calcou-lhe a mão direita no hombro.

Esse era o signal da conquista, que prendia o vencido ao vencedor ; aquelle que violasse a lei da guerra, perderia para sempre o nobre titulo de guerreiro.

O desprezo do inimigo o acompanharia aos seus campos nativos; e a taba de seus irmãos não se abriria para o fugitivo que houvesse deshonrado o nome de sua nação.

Por isso na cabana solitaria, Pojucan está mais guardado do que si o cercasse a multidão dos guerreiros araguayas.

Véla elle proprio em si, porque véla em sua fama.

Póde Ubirajara esquece-lo que na volta o encontrará alli onde o deixou.

Nada o arrancará da cabana ; nem a necessidade de buscar o alimento para o corpo.

Bem vinda será a fome, si durar tanto que prostre seu corpo robusto, e o entregue ao seio da terra, onde o guerreiro dorme o somno da gloria.

Além rompe da selva Ubirajara, que se encaminha para a cabana com o passo rapido.

Segue o de perto Jandyra,como a gentil corça acompanha o caçador, que roubou-lhe o companheiro.

Descobrindo o chefe dos araguayas, Pojucan encerrou a tristeza dentro de sua alma; e chamou ao rosto a altivez dos grandes guerreiros.

O chefe tocantim não queria que seu vencedor se regosijasse de ter-lhe abatido o animo inflexivel.

Quando Ubirajara aproximou-se da cabana, Pojucan tomou-lhe o passo.

— Ubirajara, senhor da lança, grande chefe da nação araguaya,não confessaste tu diante dos anciões das tabas e de todos os teus guerreiros, que Pojucan era

o varão mais forte e o mais terrivel no combate, que o sol tinha visto até o momento de ser vencido por ti?

— Ubirajara o disse. E' a voz da nação araguaya.

— Desde que tu cruzaste comigo a seta do desafio até este momento, Pojucan, guerreiro varão, e chefe de uma taba, na valente nação dos tocantins, mostrou-se pela sua constancia e valor digno do sangue de seus avós?

—Pojucan o disse; e a fama o repete.

— Então porque Ubirajara, o grande chefe dos araguayas, não concede a Pojucan a morte gloriosa, que os tocantins jámais recusaram á um guerreiro valente, e que sómente se nega aos fracos? Já não serviu Pojucan á tua gloria na festa do triumpho? Esperas delle que te obedeça como um escravo? Si aviltas o varão, a quem venceste, humilhas o teu valor que elle exaltava.

O grande chefe araguaya ouviu sem interromper o prisioneiro, e respondeu com gravidade:

— Ubirajara não recusa ao bravo chefe tocantim, seu terrivel inimigo,o supplicio,que não negaria a qualquer guerreiro valente. Elle esperava que tua ferida se fechasse de todo, para que o grande Pojucan possa no dia do ultimo combate sustentar a fama de seu

nome, e a gloria de um varão que só foi vencido por Ubirajara.

O grande chefe dos araguayas levou aos labios a inubia de Camacan; a voz do mando reboou pelo vasto ambito da taba.

Appareceram vinte jovens guerreiros, a quem elle ordenou que chamasse a conselho os anciões.

Depois tornou ao chefe tocantim ;

— Os araguayas receberam de seus avós o costume das nações que Tupan creou. Elles destinam ao prisioneiro a mais bella e a mais illustre de todas as virgens da taba, para que ella conserve o sangue generoso do heróe inimigo e augmente a nobreza e o valor de sua nação.

— E' esta tambem a lei, que os guerreiros tocantins observam em suas tabas.

— A mais bella e a mais nobre de todas as virgens araguayas, aquella que se ergue como a palmeira no meio da campina coberta de flôres, é Jandyra, a filha de Magé, que tem no seio os doces favos da abelha.

Travando então do pulso de Jandyra, que alli ficára presa de sua vista, levou-a ao prisioneiro.

— Recebe-a como esposa do tumulo

Jandyra que ouviu espavorida aquellas palavras, quiz fugir; porém a mão do chefe araguaya a reteve.

— Ubirajara parte, mas elle voltará para assistir a

teu supplicio e vibrar-te o ultimo golpe. Pojucan terá a gloria de morrer pela mão do mais valente guerreiro.

Ficaram Jandyra e Pojucan em face um do outro.

— Virgem dos Araguayas, Tupan te reservou para esposa do mais terrivel dos inimigos de tua nação. O filho de seu sangue será o mais valente dos guerreiros ; tu sentirás orgulho por have-lo gerado em teu seio.

— Pojucan, chefe tocantim, Jandyra nunca será tua esposa.

—Não é Ubirajara o chefe de tua nação, e não te destinou elle para servir de noiva do tumulo ao guerreiro que vai morrer no supplicio ?

— Ubirajara é o grande chefe da nação araguaya; á sua voz cala-se a palavra dos anciões ; a seu gesto curva-se a fronte dos guerreiros ; á sua vontade obedecem as tabas. Mas no amor de Jandyra, ninguem manda, nem Tupan. Jandyra é noiva de Ubirajara, e si elle não quizer aceita-la, o guanumby a levará para

os campos alegres onde repousam as virgens, que morreram.

— Pojucan não carece do amor de Jandyra. Nas tabas dos Tocantins a mais bella das virgens se regozijaria de pertencer ao mais valente dos chefes, e de habitar sua rede. Nas tabas dos araguayas, onde nascem guerreiros como Ubirajara, não faltarão virgens formosas, que desejem a gloria de ser mãi de um filho de Pojucan.

— Jandyra seria a primeira, si não conhecesse Jaguarê, o mais bello dos jovens caçadores, que é hoje Ubirajara, o senhor da lança e chefe dos chefes. Pojucan merece uma esposa que nunca tenha ouvido o canto de outro guerreiro, para dar-lhe um filho digno delle.

— Os ritos de tua nação não punem a noiva que rejeita o prisioneiro?

— Jandyra sabe que sujeita-se á morte; mas a morte é menos cruel do que o abandono.

— Então foge virgem dos araguayas; e esconde-te á cholera dos anciões. Talvez mais tarde Ubirajara se arrependa e te perdôe.

— Jandyra parte. Ella te deseja uma esposa terna e a morte gloriosa.

A filha de Magé penetrou na floresta, e afastou-se rapidamente da taba.

Quando já estava muito longe, sentou á sombra de um manacá coberto de flores e cantou :

— Eu fui Jandyra, a linda abelha, que fabricava os favos de cera para enche-los de mel saboroso.

« Agora arrancaram-me as minhas azas com que eu voava pela campina colhendo o pó das flôres; e seccou a doçura de meu sorriso.

«O canto que sahia de meu seio era como o da patativa ao pôr do sol, quando se recolhe a seu ninho de paina macia.

«Agora eu queria ter no coração uma serpente para morder aquella que roubou-me o amor de meu guerreiro.

«Guardei a minha formosura para orgulho do esposo, e inveja dos outros guerreiros.

«Agora eu trocaria a flôr do meu rosto por um aspecto terrivel que infundisse pavor.

«Meus seios mais lindos que os botões do cardo por um peito feroz, e as mãos ligeiras que tecem os fios do algodão pelas garras do jaguar.

«Eu fui Jandyra, o manacá viçoso que se vestia de flôres azues e brancas.

«Agora sou como á jussara que perdeu a folha, e só tem espinhos para ferir aquelles que se chegam.

———

Os anciões já estavam reunidos na oca do conselho, quando Ubirajara entrou.

Fallou Camacan :

— Ubirajara, senhor da lança, chefe dos chefes, os pais da grande nação araguaya escutam a tua voz.

O grande chefe tres vezes bateu no chão com a ponta do arco e disse :

— Pojucan, o chefe tocantim, pede a morte do combate ; elle a merece, porque é um grande guerreiro e um varão illustre. Ubirajara concedeu-lhe essa honra, como seu vencedor.

— Ubirajara é um inimigo generoso ; respondeu Camacan.

Todos os anciões inclinaram gravemente a cabeça encanecida para exprimirem sua approvação ás palavras de Camacan.

Proseguiu Ubirajara :

—E' tempo de escolher para o prisioneiro uma esposa digna de acompanhar em seus ultimos dias ao heróe inimigo, e de ser mãi do marabá, o filho da guerra.

Todos os abarés desejavam para si a gloria de offecer uma filha ao prisioneiro.

— Ubirajara destinou-lhe Jandyra, filha de Magé. Ella o merece por sua formosura, e pelo sangue do grande guerreiro que gira em suas veias.

— Ubirajara é um grande chefe ; disse Camacan.

Os anciões approvaram outra vez com a cabeça ; Magé accrescentou:

— O sangue do velho Magé não desmentirá em Jandyra a fama da nação araguaya.

— Não ! disse Ubirajara e todos os anciões repetiram:— Não !

O grande chefe tornou com a voz pausada :

— Celebrai a cerimonia da entrega da esposa ao prisioneiro. Ubirajara parte ; só estará de volta na proxima lua para assistir ao supplicio de Pojucan. Si na ausencia de Ubirajara cahir na taba a flecha, nuncia da guerra, conduzi o trocano ao sitio onde se abraçam os grandes rios, e soltai a voz da nação araguaya. Nesse dia Ubirajara será comvosco.

Os prudentes anciões, com a cabeça inclinada para melhor ouvir, recebiam as palavras do grande chefe e as guardavam na memoria.

Quando Ubirajara calou-se, Camacan repetiu ainda mais pausado, as recommendações do filho :

— E' esta a vontade de Ubirajara ?

— Tu o disseste.

— Os anciões guardaram a palavra do chefe dos chefes ? perguntou ainda Camacan.

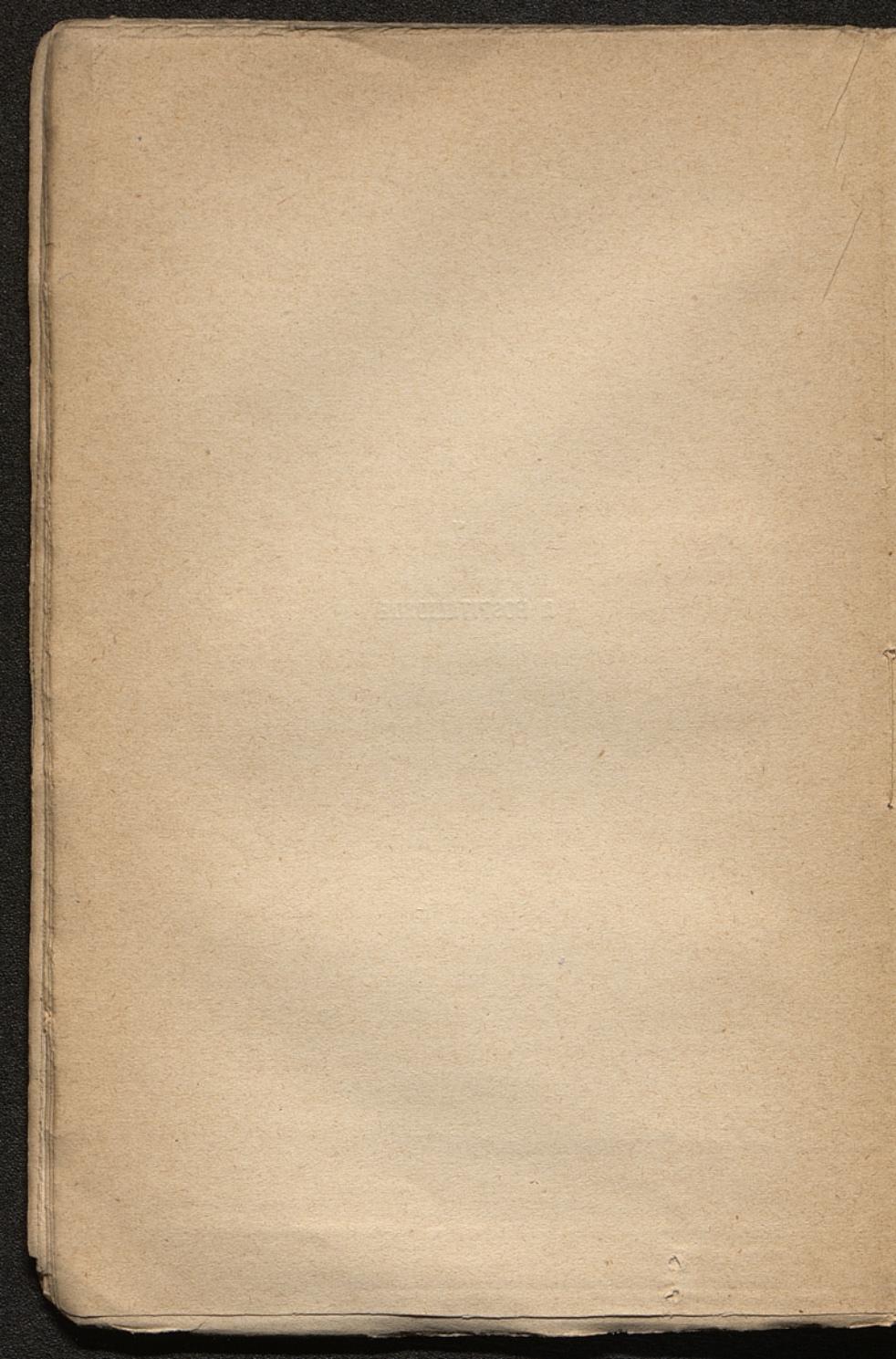
— Ella entrou no espirito dos abarés, como a raiz no seio da terra ; observou Magé.

— Bem dito ; repetiram todos.

Ubirajara sahiu do carbeto ; após elle os anciões se retiraram lentamente.

———

IV

A HOSPITALIDADE

Na entrada do valle ergue-se a grande taba dos tocantins.

E' a hora em que as sombras abraçam os troncos das arvores ; e o sol descança em meio da carreira.

A floresta emmudece, e todos os viventes se abrigam da calma que abraza.

Ubirajara deixa o escuro da mata e caminha para a grande taba dos tocantins.

Quando chegou á distancia do tiro de uma flecha despedida pelo mais robusto guerreiro, tocou a inubia.

O guerreiro de vigia respondeu ; e o chefe araguaya quebrando a seta alçou a mão direita para mostrar a senha da paz.

Então avançou para a taba; na entrada da caissara que cercava o campo dos tocantins, atirou ao chão a seta partida.

Os guerreiros que tinham acudido ao som da inubia, deixaram passar o estrangeiro sem inquirir d'onde vinha, nem o que o trouxera.

Era este o costume herdado de seus maiores; que o hospede mandava na taba aonde Tupan o conduzia.

Ubirajara passou entre os guerreiros, e dirigiu-se á cabana mais alta que ficava no centro da ocara.

A figura do tocano, feita de barro pintado, e collocada em cima da porta, dizia que era alli a cabana do grande chefe.

Mas Ubirajara já o sabia ; pois antes de penetrar na taba, subira á grimpa do mais alto cedro da floresta para conhecer o sitio onde habitava Aracy, a estrella do dia.

A cabana estava deserta naquelle instante, mas ouvia-se a falla das mulheres que trabalhavam no terreiro.

Ubirajara transpôz o limiar, e levantando a voz disse :

— O estrangeiro chegou.

Acudiram as mulheres, e conduziram Ubirajara á presença do grande chefe dos tocantins.

Itaquê passava as horas da ardente calma á sombra da frondosa gamelleira, que podia abrigar cem guerreiros em baixo de sua rama.

Repousando dos combates, o formidavel guerreiro não desdenhava as artes da paz em que era tão consummado, como nas batalhas.

Assim honrava as fadigas da taba ; dando o exemplo do trabalho á familia de que era pai, e á nação de que era chefe.

Nesse momento as mulheres collocadas em duas filas, com as mãos erguidas, urdiam os fios de algodão, passados pelos dedos abertos em fórma de pente.

Itaquê, manejava a lançadeira, tão destro como na peleja vibrava o tacape. Sua mão ligeira tramava a teia de uma rede, que entretecia das pennas douradas do gallo da serra.

Quando chegou Ubirajara, o grande chefe dos tocantins, depois de ter rematado a urdidura, entregou a lançadeira ao guerreiro Pirajá que estava a seu lado, e veiu ao encontro do hospede.

— O estrangeiro veiu á cabana de Itaquê, grande chefe da nação tocantim ; disse Ubirajara.

— Bem vindo é o estrangeiro á cabana de Itaquê, grande chefe da nação tocantim.

Então o tuxava voltou-se para Jacamim, a mãi de seus filhos :

— Jacamim prepara o cachimbo do grande chefe, para que elle e o estrangeiro troquem a fumaça da hospitalidade.

Os mensageiros já corriam pela taba, avisando os

guerreiros moacaras da vinda do hospede á cabana de Itaquê.

Os moacaras revestidos de seus ornatos de festa, se encaminharam com o passo grave á oca principal afim de honrar o hospede do grande chefe da nação tocantim.

Alli chegados, cada um dirigiu ao estrangeiro a pergunta da hospitalidade e deu-lhe a boa vinda.

Depois que Itaquê offereceu a Ubirajara o cachimbo da paz, e com elle trocou a fumaça da hospitalidade, os cantores entoaram a saudação da chegada :

« O hospede é mensageiro de Tupan. Elle traz a alegria á cabana ; e quando parte leva comsigo a fama do guerreiro que teve a fortuna de o acolher.

« Nas tabas por onde passa, e na terra de seus pais, elle conta aos velhos, que depois ensinam aos moços, as proezas dos heróes que viu em seu caminho, e de quem recebeu o abraço da paz.

« O hospede é mensageiro de Tupan. Elle traz com-

sigo a sabedoria ; na cabana do guerreiro que tem a fortuna de o acolher, todos o escutam com respeito.

« Em suas palavras prudentes, os anciões da taba aprendem, para ensinar aos moços, os costumes dos outros povos, as façanhas de guerra desconhecidas por elles, e as artes da paz, que o estrangeiro viu em suas viagens.

« O hospede é mensageiro de Tupan. O primeiro que appareceu na taba dos avós da nação tocantim, foi Sumê, que veiu d'onde a terra começa e caminhou para onde a terra acaba.

« Delle aprenderam as nações a plantar a mandioca para fazer a farinha ; e a tirar do cajú e do ananaz o generoso cauim, que alegra o coração do guerreiro.

« O hospede é mensageiro de Tupan. Quando o estrangeiro entra na cabana, o guerreiro que tem a fortuna de o acolher, não sabe si elle é um chefe illustre ou o grande Sumê que volta de sua viagem.

« O sabio ensina por onde passa os segredos da paz, e o heróe as façanhas da guerra ; mas ambos deixam na cabana da hospitalidade, a gloria de ter abrigado um grande varão.

« O hospede é mensageiro de Tupan. Por seu caminho vai deixando a abundancia e a festa ; depois do

banquete da boa vinda as arvores vergam com os fructos, e a caça não cabe na floresta.

« A cabana, que fecha a porta ao hospede, o vento a arranca, o fogo do céo a abraza. O guerreiro que não se alegra com a chegada do hospede, vê murchar ao redor de si a esposa, os filhos, as mulheres e as roças que elle plantou.

« Bem vindo seja o estrangeiro na cabana de Itaquê, o grande chefe da nação tocantim, que teve a gloria de ser escolhido pelo hospede.

« Os guerreiros exultam com a honra de seu chefe, e os cantores te saúdam, mensageiro de Tupan.»

Emquanto na cabana resôa o canto da boa vinda, Jacamim, a esposa de Itaquê, chamou as amantes do marido, suas servas, para ajuda-la a preparar o banquete da hospitalidade.

As servas pressurosas estenderam á sombra da gameleira as alvas esteiras de palmas entrançadas de airy ; e collocaram sobre ellas os urús cheios de farinha d'agua.

Trouxeram tambem os camocins rasos, onde se apinhavam as moquecas envoltas em folha de banana, e peças de carne, assada no biariby, que ainda fumegava nos pratos feitos de concha de tartaruga.

Depois suspenderam a caça mais volumosa, veados

e antas, assim como as igaçabas de cauim, nos ramos inclinados da arvore, em altura que o braço do guerreiro podesse alcançar.

Fructas de varias especies, pencas douradas de banana, cachos rôxos de assahy, os rubros croás, e os fragrantes abacaxis, enchiam o girão levantado no meio do terreiro.

———

Jacamim conduzira o hospede á sombra da gamelleira, onde o esperava o banquete da chegada.

Ao lado de Ubirajara sentou-se Itaquê e depois os moacaras que tinham vindo para a festa da hospitalidade.

Os guerreiros comeram em silencio. As mulheres diligentes os serviam, enchendo de vinho de cajú e ananaz as largas combucas, tintas com a pasta do crajurú que dá o mais brilhante carmim.

Quando o hospede, depois de satisfeito o appetite, lavou o rosto e as mãos, Jacamim ordenou ás servas que recolhessem os restos das provisões, e retirou-se com ellas.

Tambem afastaram-se os jovens guerreiros que ainda não tinham voz no conselho. Só ficaram sentados com o hospede, Itaquê, e os moacaras, senhores das cabanas.

O cachimbo do grande chefe passou de mão em mão e cada ancião bebeu a fumaça da herva de Tupan,que inspira a prudencia no carbeto.

Então disse o chefe :

— Itaquê deseja dar a seu hospede um nome que lhe agrade; e precisa que o ajude a sabedoria dos anciões.

A lei da hospitalidade não consentia que se perguntasse o nome ao estrangeiro que chegava: nem que se indagasse de sua nação.

Talvez fosse um inimigo; e o hospede não devia encontrar na cabana onde se acolhia, sinão a paz e a amizade.

O chefe, que tinha a fortuna de receber o viajante, escolhia o nome de que elle devia usar emquanto permanecia na cabana hospedeira.

Foi Ipê quem primeiro fallou :

— Tu chamarás ao hospede Jutay, porque sua cabeça domina o cocar dos mais fortes guerreiros, como a copa do grande pinheiro apparece por cima da mata.

Disse Tapyr :

— Chama ao hospede Boitatá, porque elle tem os olhos da grande serpente de fogo, que vôa como o raio de Tupan.

Os moacaras,cada um por sua vez, fallaram; e como a voz começava do mais moço para acabar no mais velho, as ultimas fallas eram menos guerreiras e traziam a prudencia da idade.

Assim Caraúba que era o segundo antes do chefe disse :

— Itaquê, o hospede é o nuncio da paz. Tu deves chama-lo Jutorib, porque elle trouxe a alegria a tua cabana.

Guaribú, cujos annos enchiam a corda de sua existencia de mais nós, do que tem o velho cipó da floresta, fallou por ultimo:

— O viajante é senhor na terra que elle pisa como hospede e amigo; e o nome é a honra do varão illustre, porque narra sua sabedoria. Pergunta ao estrangeiro como elle quer ser chamado na taba dos tocantins.

— Bem dito !

Itaquê,approvando as palavras prudentes do ancião, perguntou a Ubirajara que nome escolhia; este lhe respondeu :

— Eu sou aquelle que veiu trazido pela luz do céo. Chama-me Jurandyr.

Nesse momento, Aracy, a estrella do dia, appareceu por entre as palmeiras, e caminhou para a cabana.

Os mais valentes entre os jovens guerreiros tocantins, acompanhavam a formosa caçadora. Eram os servos do amor, que disputavam a belleza da virgem.

Os cantores saudaram de novo o hospede pelo nome que elle escolhera:

— Tu és aquelle que veiu trazido pela luz do céo. Nós te chamaremos Jurandyr; para que te alegres ouvindo o nome de tua escolha.

« Tu és aquelle que veiu trazido pela luz do céo. Nós te chamaremos Jurandyr; e o nome de tua escolha alegrará o ouvido dos guerreiros.

De longe Aracy viu o estrangeiro, sentado entre os anciões, como o frondoso jacarandá no meio dos velhos troncos das aroeiras.

A virgem reconheceu logo o caçador araguaya e adivinhou que elle viera á cabana de Itaquê para disputar sua belleza aos guerreiros tocantins.

O coração de Aracy encheu-se de alegria. Seus negros cabellos estremeceram de contentamento, como as pennas da jaçanan quando presente o formoso inverno.

O estrangeiro não queria ser conhecido; pois deixara o cocar das plumas da arara, que eram o ornato guerreiro de sua nação. Mas a imagem do joven caçador ficára na lembrança da virgem, como fica na terra a verde folhagem, depois da lua das aguas.

A lei da hospitalidade prohibia á virgem revelar o segredo do estrangeiro, só della sabido. Nesse momento foi á sua alma que obedeceu e não ao costume da nação.

Quando Aracy chegou ao terreiro, os anciões se preparavam para ouvir a maranduba do hospede. Os guerreiros e as mulheres escutavam em silencio.

O estrangeiro começou:

— Jurandyr é moço; ainda conta os annos pelos dedos e não viveu bastante para saber o que os anciões da grande nação tocantim aprenderam nas guerras e nas florestas.

«O moço é o tapyr que rompe a mata, e vôa como a seta. O velho é o jaboty prudente que não se apressa.

«O tapyr erra o caminho e não vê por onde passa. O jaboty observa tudo, e sempre chega primeiro.

«Jurandyr é moço; mas conhece as grandes florestas; e atravessou mais rios do que as veias por onde corre o sangue valente de seu pai.

« A primeira agua em que Jaçanan, sua mãi, o lavou, quando elle rasgou-lhe o seio, foi a do grande lago onde Tupan guardou as aguas do diluvio, depois que as retirou da terra.

« Ainda Jurandyr não era um caçador, quando elle se banhou no pará sem fim, onde os rios despejam a sua corrente,e cujas aguas quando dormem se mudam em sal.

« Duas vezes Jurandyr seguiu o pai dos rios, desde a grande montanha onde nasce, até a varzea sem fim que elle enche com suas aguas.

« Elle viu o grande rio combater com o mar, no tempo da pororoca. Os dois chefes tocam a inubia antes da peleja, para chamar seus guerreiros.

« Vem d'um lado as aguas do mar, são os guerreiros azues,com pennachos de araruna; vem do outro as aguas do rio; são os guerreiros vermelhos com pennachos de nambú.

« Começa a batalha. Os guerreiros se enrolam,como a corrente da cachoeira, batendo no rochedo; a terra estremece com o trovão das aguas.

« Mas o grande rio agarra o mar pela cintura. Ar-

ranca do chão o inimigo ; carrega-o nos hombros; solta o grito de triumpho.

« Por muito tempo os Tetivas, que habitam sobre as arvores, vêem passar correndo as aguas do mar; são os guerreiros azues que fogem espavoridos e vão esconder-se na sombra das florestas.

«Jurandyr tambem viu a terra onde habitam as mulheres guerreiras, senhoras de seu corpo que vivem em baixo das aguas do grande rio.

« Só ellas sabem o segredo das pedras verdes, que tornam os guerreiros, captivos de seu amor, sem priva-las da liberdade.

«Por isso todas as luas, grande numero de guerreiros as visitam em sua taba ; e ellas guardam para os mais valentes a flor de sua belleza.

« Quando chega o tempo de vir o fructo do amor, guardam sómente as filhas ; e enviam aos guerreiros os filhos, d'onde sahem os maiores chefes.

« Feliz o guerreiro que acha uma terra valente e fecunda para a flor de seu sangue. O filho será maior do que elle ; e o neto maior do que o filho.

« Sua geração vae assim crescendo de tronco em tronco ; e forma uma floresta de guerreiros, onde o ultimo cedro se ergue mais frondoso e robusto, porque recebe a seiva de seus avôs.»

Quando Jurandyr proferiu as ultimas palavras, seus olhos que tinham muitas vezes buscado Aracy, repousaram nella.

A virgem tocantim comprehendeu que o estrangeiro se referia a si ; e não escondeu sua alegria, como não esconde sua flôr, a jukery que o rio beija.

A formosa caçadora cantou. Sua voz era limpida e sonora como o gorgeio do sabiá, quando se deleita com o calor do sol.

— Feliz a terra que recebe a semente do cedro frondoso e robusto ; ella se cobrirá de sombra e frescura. Os guerreiros gostarão de reunir-se ahi para fallar da paz e da guerra.

« Ella é como a virgem que um chefe illustre escolheu para sua esposa, e que se povôa de uma prole numerosa. As nações a respeitam porque é a mãi de valentes guerreiros ; os anciões escutam seu conselho na paz e na guerra.

« As mulheres guerreiras, senhoras de seu corpo, são como a palmeira do murity, que rejeita o fructo antes que elle amadureça e o abandona á correnteza do rio.

« A esposa não desprende de si o filho, sinão quando elle não chupa mais seu peito. Ella é como a mangabeira ; nutre o fructo com seu leite, que é a flôr de seu sangue.

« Não é na terra das mulheres guerreiras que o estrangeiro deve buscar a esposa ; mas na taba de sua nação, onde Tupan guarda para seu valor a mais bella das virgens, aquella que tem o sorriso de mel.

O hospede respondeu :

— Jurandyr sabe onde encontrará a virgem que deseja para esposa. A luz do céo o guia, e nada resiste á força de seu braço.

Depois de responder ao canto de Aracy, o estrangeiro continuou sua maranduba, que todos ouviram silenciosos.

Elle contou o que havia aprendido nas praias do mar, habitadas pela valente nação dos Tupynambás, descendentes da mais antiga geração de Tupy.

Os pagés dos Tupynambás lhe disseram que nas aguas do pará sem fim vivia uma nação de guerreiros ferozes, filhos da grande serpente do mar.

Um dia esses guerreiros sahiriam das aguas para tomarem a terra ás nações que a habitam; por isso os Tupynambás tinham descido ás praias do mar, para defende-las contra o inimigo.

Os guerreiros do mar tambem tinham suas guerras entre si, como os guerreiros da terra. Então as aguas pulavam mais altas do que os montes; seu estrondo era como o trovão.

Jurandyr contou mais que nas praias do mar se encontrava uma resina amarella, muito cheirosa, a qual a grande serpente creava no bucho.

Os Tupynambás faziam dessa gomma contas para seus collares; Jurandyr mostrou a pulseira que lhe cingia o artelho, presente de um guerreiro daquella nação.

Essas contas tornavam o pé do guerreiro agil na corrida, e protegiam o viajante contra os caiporas da floresta, que apartavam-se de seu caminho.

Muitas outras cousas referiu Jurandyr; e os anciões admiravam-se de vêr o juizo prudente de um abaré no corpo joven de tão forte guerreiro.

Os mais velhos dos moacaras acreditaram que o hospede era o filho de Sumé, mandado por seu pai correr as terras que o sabio tinha visto em sua mocidade.

Calaram porém seu pensamento, para o communicarem aos anciões quando se reunisse o carbeto da nação.

O sol já descia para as montanhas, quando terminou a festa da hospitalidade na cabana de Itaquê.

Os moacaras partiram. Itaquê voltando á sua occupação, deixou o hospede senhor de sua vontade, para fazer o que lhe agradasse.

Vieram os jovens pescadores da taba com os anzóes e gequis saber do hospede que peixe elle preferia.

Depois delles chegaram os jovens caçadores que antes de partir para a floresta vinham receber os desejos do hospede.

Por fim aproximaram-se as mulheres que já tinham rompido o fio da virgindade; mas não eram nem esposas, nem amantes de guerreiros.

Essas eram as mulheres livres, que davam seu amor e o retiravam quando queriam, mas não recebiam a protecção de um guerreiro, nem podiam jamais ser mãis da prole.

Os filhos, concebidos no proprio seio,só tinham por mãi a esposa, que o guerreiro tomou por companheira de sua existencia e raiz de sua geração.

O rito da hospitalidade entre os filhos da floresta manda que se dê ao estrangeiro amigo tudo que deleita ao guerreiro.

Por isso vinham as moças offerecer a Jurandyr sua belleza, para que elle escolhesse entre ellas uma companheira, que partilhasse sua rêde na cabana hospedeira.

Todas se tinham enfeitado com seus mais bellos ornatos, para agradar aos olhos de Jurandyr; pois não havia para ellas maior gloria do que a de merecer o amor do estrangeiro.

Umas traziam as tranças urdidas com pennas vistosas dos passaros de sua predilecção ; outras haviam perfumado da essencia do sassafraz os cabellos soltos, que derramavam sua fragrancia ao sopro da brisa.

Chegando diante do estrangeiro, começaram uma dansa amorosa para mostrar a graça de seu corpo. Aquellas que tinham a voz doce cantavam em louvor de Jurandyr.

Aracy fôra buscar seu balaio de palha vermelha, e sentára-se no terreiro, junto á porta da cabana. Seus dedos ageis enfiavam as sementes de jequerity, de que fazia um ramal para seu collo gentil.

Em quanto compunha o collar, a virgem percebia que os olhos de Jurandyr abandonavam os encantos das mulheres, e buscavam seu rosto.

Mas ella voltava-se para a floresta ; com o trinado de seus labios chamava o crajuá, que voava no olho

da palmeira. O passarinho illudido vinha cuidando ouvir o canto da companheira.

Jurandyr apartou as mulheres e disse :

— As moças tocantins são formosas; qualquer dellas alegraria o somno do estrangeiro. Mas Jurandyr não veiu á cabana de Itaquê para gozar do amor de uma noite, ella veiu buscar a esposa que hade acompanha-lo até á morte, e a virgem que escolheu para mãi de seus filhos.

Quando Aracy ouviu estas palavras cobriu-se de sorrisos, como o guajerú se cobre de suas flôres alvas e perfumadas, com os orvalhos da manhã.

Jurandyr voltou-se então para a virgem caçadora:

— Estrella do dia, Aracy, conduz-me á presença de Itaquê. E' tempo que elle saiba o segredo do estrangeiro.

— Os sonhos disseram á Aracy duas noites seguidas, que o joven caçador chegaria á cabana de Itaquê ; ella te esperou. Quando meus olhos te viram sentado entre os moacaras, logo conheceram que tu vinhas buscar a esposa.

O estrangeiro respondeu :

— Jurandyr chegou á taba dos seus, e recebeu um nome de guerra e o grande arco de sua nação. Mas a

cabana do chefe estava deserta; e sua rêde não lhe guardou o somno tranquillo do guerreiro. Elle ouviu tua voz que o chamava, virgem tocantim, e ergueu-se; tua luz o guiou, filha do sol, e o trouxe á tua presença.

V

SERVO DO AMOR

———

Jurandyr, conduzido pela virgem, caminhou ao encontro de Itaquê e disse:

— Grande chefe dos tocantins, Jurandyr não veiu á tua cabana para receber a hospitalidade; veiu para servir ao pai de Aracy, a formosa virgem, a quem escolheu para esposa. Permitte que elle a mereça por sua constancia no trabalho, e que a dispute aos outros guerreiros pela força de seu braço.

Itaquê respondeu:

— Aracy é a filha de minha velhice. A velhice é a idade da prudencia e da sabedoria. O guerreiro que conquistar uma esposa como Aracy terá a gloria de gerar seu valor no seio da virtude. Itaquê não póde desejar para seu hospede maior alegria.

Desde esse momento, Jurandyr não foi mais estrangeiro na taba dos tocantins. Pertencia á oca de Itaquê, e devia, como servo do amor, trabalhar para o pai de sua noiva.

Os guerreiros, captivos da belleza de Aracy, conheceram que tinham de combater um adversario formi-

davel; mas seu amor cresceu com o receio de perder a filha de Itaquê.

Jurandyr tomou suas armas e desceu ao rio. Era a hora em que o jacaré boia em cima das aguas como o tronco morto; e a jaçanan se balança no seio do nenuphar.

O manaty erguia a tromba, para pastar a relva na margem do rio. Ouvindo o rumor das folhas, mergulhou na corrente, mas já levava o arpéo do pescador, cravado no lombo.

Jurandyr não esperou que o peixe ferido desenrolasse toda a linha. Puxou-o para terra; e levou-o ainda vivo á cabana de Itaquê, onde tres guerreiros custaram a deita-lo no giráo.

As mulheres cortaram as postas de carne, e os guerreiros cavaram a terra para fazer as grelhas do biariby.

Jurandyr partiu de novo, e entrou na floresta. Ao longe reboavam os gritos dos caçadores, que perseguiam a féra.

Pelo assobio o guerreiro conheceu que era um tapyr. O animal zombára dos caçadores e vinha rompendo a matta como a torrente do Xingú.

As arvores que seu peito encontrava cahiam lascadas.

Jurandyr estendeu o braço. O velho tapyr agarrado pelo pé ficou suspenso na carreira, como o passarinho preso no laço. Nunca até aquelle momento encontrára força maior que a sua.

Uma vez descera á lagôa para beber. A sucury, que espreitava a caça, mordeu-o na tromba. Elle fugia, esticando a serpente; e a serpente encolhendo-se o arrastava até a beira d'agua.

Assim tornou, uma, duas, tres vezes. Mas o tigre urrou de fome. O velho tapyr disparou pela floresta; e a sucury com a cauda presa á raiz da arvore arrebentou pelo meio.

O velho tapyr rompeu a serpente como se rompe uma corda de piassaba; mas não póde abalar o braço de Jurandyr, mais firme do que o tronco do guaribú.

O estrangeiro tornou á cabana com a caça. Nenhum dos guerreiros da taba, nem mesmo o velho Itaquê, pôde aguentar com as duas mãos a fera bravia.

Então Jurandyr obrigou o animal a agachar-se aos pés de Aracy e disse :

— O braço de Jurandyr fará cahir assim a teus pés, o guerreiro que ouse disputar ao seu amor, a tua formosura, estrella do dia.

———

Nunca a abundancia reinára na cabana sempre farta do chefe dos tocantins, como depois que á ella chegára o estrangeiro.

Jurandyr era o maior caçador das florestas, e o primeiro pescador dos rios. Seu olhar seguro penetrava na espessura das brenhas, como na profundeza das aguas.

Nada escapava á destreza de sua mão. Onde ella não chegava, iam as unhas de suas flechas certeiras, que rasgavam o seio da victima, como as garras do jaguar.

O estrangeiro soubera de Aracy, qual era a caça que Itaquê preferia, e qual o peixe que elle achava mais saboroso. Desde então nunca o velho chefe sentiu a falta do manjar predilecto.

Si não era a lua propria do peixe desejado, Jurandyr sabia onde o podia encontrar. Não tornava á cabana sem a provisão necessaria para a refeição do dia.

Depois da caça e da pesca, Jurandyr trabalhava nas roças de Itaquê. Fazia no taboleiro os matumbos, para que Jacamim enterrasse as estacas da maniva e semeasse o feijão, o milho e o fumo.

Entre os filhos das florestas a plantação devia ser feita pela mão da mulher, que era mãi de muitos filhos; porque ella transmittia á terra sua fecundidade.

A semente que a mão da virgem depositava no seio da terra dava flôr; mas da flôr não sahia fructo. E si era um guerreiro que plantava,a aypim endurecia como o páo d'arco.

Nas vasantes do rio Jurandyr capinava a terra coberta de relva e outras plantas, e só deixava crescer o arroz, o inhame e as bananeiras.

Quando o estrangeiro partia pela manhã, Aracy o acompanhava de longe pela floresta. Sua vontade o levava apoz elle.

O costume da taba não consentia que a virgem desejada pelos servos de seu amor, preferisse um guerreiro, antes de saber si elle a obteria por esposa.

A filha de Itaquê não queria pertencer a outro guerreiro. Mas lembrava-se que a virgem deve merecer o esposo por sua paciencia; assim como o guerreiro merece a esposa por sua constancia e fortaleza.

Então voltava ao terreiro: emquanto os outros guerreiros espreitavam sua vontade, ella tecia as franjas para a rêde do casamento.

Sua mão subtil urdia com o alvo fio do crauatá a fina penugem escarlate. Os noivos cuidavam que era a do

peito do tocano; mas ella sabia que era do peito da arára e que tinha as côres de seu guerreiro.

Quando o sol chegava ao cimo dos montes, ouvia-se o canto de Jurandyr que voltava da caça. A virgem seguida pelos guerreiros ia ao encontro do estrangeiro.

Então desciam ao rio. Era a hora do banho. Aracy cortava as ondas mais linda que a garça côr de rosa; e os guerreiros a seguiam de perto, como um bando de galleirões.

Mas nenhum, nem mesmo Jurandyr, que nadava como um boto, podia alcançar a formosa virgem. Ella parecia a flôr do mururê que se desprendeu da haste, e passa levada pela corrente.

Uma vez a filha das aguas soltou um grito, e desappareceu no seio das ondas. Jacamim cuidou que o jacaré tinha arrebatado a filha de seu seio. Os guerreiros mergulharam para salva-la; mas não a encontraram.

Todos a julgavam perdida, quando appareceu Jurandyr que trazia nos braços o corpo da virgem formosa. Pisando em terra, ella correu para a cabana, onde foi esconder sua alegria.

Desde então era no banho que Aracy recebia o abraço de Jurandyr, sem que os outros guerreiros suspeitassem da preferencia dada ao estrangeiro.

No seio das ondas ninguem a adivinhava a não ser

o ouvido subtil de Jurandyr, a quem ella chamava com o doce murmurio do irerê.

Encontravam-se no fundo do rio emquanto durava a respiração. Depois desprendiam-se do abraço e surgiam longe um do outro.

A' tarde, voltando da caça, Jurandyr viu na floresta um rasto, que elle conhecia.

Chegado á cabana, entregou a Jacamim o veado que matára, e sahiu para visitar os arredores. Nada encontrou de suspeito; o rasto, que o inquietava, não chegára até alli.

No outro dia, ao romper da alvorada, logo depois do banho, os guerreiros partiram para a caça e para a pesca. Só ficaram na cabana Jacamim, e as mulheres de Itaquê.

Aracy tomou o arco e entrou na floresta. A imagem do guerreiro amado fugia n'aquelle instante de seus olhos; elles buscaram entre as folhas o signal de seus passos e não o descobriram.

Lembrou-se a virgem, que Jurandyr gostava da polpa do guaranan adoçada com o mel da abelha; e colheu os fructos encarnados que pendiam dos ramos da trepadeira.

Nesse momento a arára cantou no olho do périjá. Aracy precisava de suas plumas vermelhas, para o cocar que ella tecia em segredo.

Era o cocar do amor, com que desejava ornar a cabeça de seu guerreiro senhor, no dia em que elle a conquistasse por esposa.

A virgem armou o arco e seguiu a arára rompendo a folhagem. Quando ia disparar a seta, ouviu ao lado um rumor desusado.

Jurandyr estava perto della, e segurava o braço de uma mulher, que ainda tinha na mão a macana afiada.

Aracy conheceu a virgem araguaya, pela facha de algodão entretecida de pennas, que lhe apertava a curva da perna; e adivinhou que éra Jandyra, a noiva do guerreiro.

— Filha de Magé, tua mão quiz matar a virgem que Jurandyr escolheu para esposa. Tu vais morrer.

— Desde que Ubirajara abandonou Jandyra, ella começou a morrer, como a baunilha que o vento arranca da arvore. Acaba de mata-la; para que sua

alma te acompanhe de dia na sombra das florestas e te falle de noite na voz dos sonhos.

— A virgem araguaya ameaçou a vida de Aracy ; ella lhe pertence ; disse a filha de Itaquê.

Jurandyr cortou na floresta uma comprida rama de imbê, e atou as mãos de Jandyra.

— Jandyra é tua escrava. Não lhe dês a liberdade. Ella tem a astucia da serpente e seu veneno.

— Eu era a cobra d'agua, amiga do guerreiro, que habita sua cabana, e a guarda contra o inimigo. Quem foi que me fez a cascavel venenosa, que traz nos labios o sorriso da morte ?

Jurandyr não respondeu. Nesse momento elle teve saudade de sua cabana ; e lembrou-se do tempo em que, joven caçador, seguia na floresta a formosa virgem araguaya.

As duas virgens ficaram sós no claro da floresta.

Já o rumor dos passos de Jurandyr se apagára ao longe, e ainda tinham ambas os olhos captivos uma da outra.

Jandyra pensou que ella não podia dar a Ubirajara a formosura da filha de Itaquê. Aracy receiou que o amor do guerreiro se voltasse outra vez para a linda virgem araguaya.

A filha de Magé preparou-se para morrer á mão de sua rival, mas ella preferia a morte ao supplicio de contemplar sua belleza.

Aracy, a estrella do dia, cantou :

— O amor do guerreiro é a alegria da virgem ; quando elle foge, a virgem fica triste como a varzea que perdeu sua relva.

« Por isso Jandyra está triste ; o amor do guerreiro fugiu della ; e a deixou solitaria como a nambú, a quem o companheiro abandonou.

« Mas o amor do guerreiro é como o orvalho da noite. Quando o sol queima a varzea, elle desce do céo para cobri-la de verdura e de flôres.

« Aracy está alegre ; porque o amor do guerreiro voltou-se para ella; e Jurandyr vai fazê-la companheira de sua gloria e mãi de seus filhos.

« Quando a esposa de Jurandyr não tiver mais belleza para dar a seu guerreiro, ella consentirá que Jandyra durma em sua rêde.

« E o orvalho da noite descerá do céo para cobrir a

varzea de verdura e de flôres. E Jandyra achará outra vez seu sorriso de mel.

Assim cantou Aracy, a estrella do dia ; e a virgem araguaya respondeu :

— A arvore que morreu não soffre quando o fogo a queima. Jandyra prefere a morte á vergonha de ser tua serva, e á tristeza de vêr a cada instante a formosura da estrangeira que roubou seu amor.

« Aracy, a estrella do dia, é mais bella do que Jandyra, mas não sabe amar o guerreiro, que a escolheu para mãi de seus filhos.

« Nunca Jandyra offereceria sua rêde de esposa a outra mulher ; e aquella que recebesse o amor de seu guerreiro, morreria por sua mão.

« Ella amaria seu esposo tanto que sua graça nunca se retirasse della ; pois saberia morrer quando não tivesse mais belleza para dar-lhe.

« A nação araguaya nunca levanta a taba do valle onde acampou, sinão quando a terra já não póde darlhe mais fructos.

« Assim é o guerreiro. Elle não retira seu amor da esposa que habita, sinão quando ella já não sabe alegrar sua alma.»

Tornou a virgem tocantim:

— A cajazeira depois que dá seu fructo perde a fo-

lha ; o guerreiro busca a sombra de outra arvore para repousar.

« Mas vem a lua das aguas e a cajazeira outra vez se cobre de folhas ; sua sombra é doce ao guerreiro.

« A esposa é como a cajazeira. Quando o guerreiro não acha alegria em seus braços, ella soffre que busque outra sombra, e espera que lhe volte a flôr para chama-lo de novo ao seio.

« Aracy ama seu guerreiro, como Jacamim ama Itaquê. A cabana do grande chefe dos tocantins está cheia de servas; mas seu amor nunca abandonou a esposa.

« As servas deram a Itaquê muitos filhos ; mas os filhos da velhice, foi só Jacamim quem os deu ao grande chefe ; porque o primeiro amor do guerreiro não morre nunca.

« Elle é como a grama que nunca mais deixa a terra onde nasceu : podem arranca-la que brota sempre.

« Aracy quer apagar a tristeza de tua alma ; e beber o teu sorriso de mel, para que o esposo ache mais doces seus labios, quando os provar.

« Tu serás irmã de Aracy, e lhe darás um filho de Jurandyr, tão valente, como os que seu amor hade gerar no seio da esposa.

Jandyra afastou os olhos da virgem dos tocantins, para desviar della sua ira.

« Tua palavra, doe como o espinho da jussara, que tem o côco mais doce que o mel.

« As flechas de teu arco não matam mais do que os sorrisos que o amor do guerreiro derrama em teu rosto, estrella do dia.

« Ubirajara deixou-me por ti ; mas foi a Jandyra que elle primeiro escolheu para esposa, quando ainda era joven caçador.

« Nos campos alegres, onde vão os guerreiros quando morrem, elle me chamará ; e o guanumby virá buscar a minha alma no seio da flôr do manacá para leva-la a seu amor.

« Mata-me, ou deixa que eu morra para não vêr mais tua belleza, e não ouvir o canto de tua alegria.

Aracy caminhou para Jandyra e desatou-lhe os pulsos.

— O amor do guerreiro não pertence á mulher que seus olhos primeiro viram ; mas aquella que elle escolheu.

« Apanha teu arco ; e morra aquella que não souber defender seu amor, e merecer o esposo.

Aracy disse, e tirou da uiraçaba uma seta. Jandyra ficou immovel, com os pulsos cruzados, como si ainda estivessem presos :

— A vontade de Ubirajara atou os braços de Jan-

dyra ; ella rejeita a liberdade dada por ti. Aracy póde ser preferida ; porém, não será mais generosa do que a filha de Magé.

VI

O COMBATE NUPCIAL.

Chegou o dia, em que os noivos de Aracy, deviam disputar a posse da formosa virgem.

Era a hora em que o sol transpondo a crista da montanha estende pelo valle sua arassoia d'ouro.

A grande nação tocantim cerca a vasta campina. No centro estão os anciões, que formam o grande carbeto.

Em frente apparece Aracy, a estrella do dia, que hade ser o premio da constancia e fortaleza do mais dextro guerreiro.

Jacamim acompanha a filha; nesse momento remoça com a lembrança do dia em que Itaquê a conquistou, lutando com os mais feros mancebos tocantins.

De um e outro lado seguem pela ordem da idade os moacaras. Cada um cerca-se da esposa, das servas e das filhas, que vieram para assistir ao combate.

E' a unica das festas guerreiras, em que o rito de Tupan consente a presença das mulheres, porque trata-se de sua gloria.

Contemplando o esforço heroico dos mais nobres guerreiros para conquistar a formosura de uma virgem, as outras virgens aprendem a presar a castidade, e as esposas se ufanam de guardar a fé ao primeiro amor.

Itaquê, o grande chefe dos tocantins, preside ao combate, orgulhoso pela valente nação que dirige, como pela formosa virgem, de que é pai.

Quando seus olhos admiram a multidão de guerreiros, servos do amor de Aracy, que se preparam a disputar a esposa, o grande chefe ergue a fronte soberba como o velho ipê da floresta coroado de flôres.

Os noivos se distinguem dos outros guerreiros pelo bracelete de contas verdes, que o guerreiro cinge ao pulso da esposa, quando rompe a liga da virgindade.

Lá caminha Pirajá, o grande pescador, senhor dos peixes do rio, a quem obedece o manaty e o golphinho.

Junto delle ergue-se Uirassú, que tomou este nome do valente guerreiro dos ares, pelo impeto do assalto.

Vem depois Arariboia, a grande serpente das lagôas, Cauatá, o corredor das florestas, Cory, o altivo pinheiro e tantos outros, ainda mancebos, e já guerreiros de fama.

Entre todos porém assoma Jurandyr. Sua fronte passa por cima da cabeça dos outros guerreiros, como o sol quando se ergue entre as cristas da serrania.

Os musicos fizeram retroar os borés, annunciando o começo da festa; e os servos do amor se estenderam em linha pelo meio da campina.

Então os nhengaçaras levantaram o canto nupcial.

« A esposa é a alegria e a força do guerreiro. Ella acende em suas veias um fogo mais generoso que o do cauim, e prepara para seu corpo o repouso da cabana.

« Por isso o primeiro desejo do mancebo, quando ganha nome de guerra, é conquistar uma esposa.

« Não basta ser valente guerreiro para merecer a virgem formosa, filha de um grande chefe; é preciso a paciencia para soffrer, e a perseverança no trabalho.

« Aracy, a estrella do dia, filha de Itaquê será a alegria e a gloria do mais forte e do mais valente.

« Os filhos que ella gerar em seu seio onde corre o sangue do grande chefe, serão os maiores guerreiros das nações.

Itaquê deu signal; o combate começou.

Pirajá foi o primeiro que sahiu a campo, e clamou esgrimindo o tacape:

— Aracy, estrella do dia, tu serás esposa do guerreiro Pirajá, que te vae conquistar pela força de seu braço.

Avançou Uirassú, e disse:

— A virgem formosa ama ao guerreiro Uirassú e hade pertencer-lhe.

A noiva cantou:

« Aracy ama o mais forte e mais valente. Ella pertencerá ao vencedor, que vencer a bravura dos outros guerreiros, como venceu a vontade da esposa.»

A voz maviosa da virgem affagou a esperança de todos os campeões; mas seus olhos ternos só viam o nobre semblante de Jurandyr, o escolhido de sua alma.

Os dois guerreiros travaram a pugna; os tacapes girando nos ares encontravam-se como dois madeiros arrojados pelo remoinho da cachoeira.

Afinal Pirajá, ameaçado pelo bote do adversario, recuou um passo do logar em que se postara. Pela lei do combate estava vencido, e teve de deixar o campo.

Arariboia tomou seu logar ; e o combate proseguiu com varia fortuna,até Cory que,expellindo o vencedor, manteve-se firme contra todos que vieram disputa-lo.

Faltava Jurandyr. O estrangeiro avançou gravemente, como convinha a um grande guerreiro da nação araguaya.

Elle queria dar ao vencedor de tantos combates, o tempo preciso para descançar.

A mão do guerreiro arrastava pelo chão o tacape, que desdenhava erguer para um combate sem gloria.

Quando Jurandyr achou-se em face do vencedor, levantou a voz e disse:

— Para merecer Aracy, a estrella do dia, Jurandyr queria vencer a cem guerreiros, e não, combater um guerreiro fatigado.

« Tu empunhas um tacape; toma outro, habituado a vencer; elle restituirá a teu braço a força que perdeu. Basta a Jurandyr esta mão, para te arrebatar todas as tuas victorias.

Disse e arremessou a arma aos pés do adversario.

Cory pensando que seu rival o atacava,desfechou-lhe o golpe. Mas Jurandyr aparou-o na mão firme e arrebatando o tacape que o ameaçava arrancou o guerreiro do chão.

Assim o pinheiro que o tufão arrebata, antes de partir o tronco, desprende a raiz da terra, onde nada o abalava.

Jurandyr ficou só no campo. Mas todos os noivos se haviam mostrado valentes guerreiros ; talvez nas outras provas sahissem vencedores.

Os musicos tocaram os borés; e os jovens caçadores trouxeram para o meio do campo a figura da noiva.

Era um grosso toro de madeira, no qual a mão destra de um pagé entalhara com o dente da cotia, a cabeça de uma mulher.

Tres caçadores vergavam com o peso da carga; e foram precisos dez para traze-lo desde a cabana do pagé até o campo, onde ficou semelhante á uma mulher sentada.

Na vespera o pagé burnira de novo com a folha da sambaiba o toro de madeira, e o esfregára com a banha do teú, para que elle escorregasse da mão do guerreiro como o lagarto da mão do caçador.

Depois os mancebos guerreiros espalharam pelo campo, troncos de arvores cortadas com as ramas e as folhas; e fincaram cercas de estacas entre os barrancos da varzea que ia morrer á margem do rio.

Itaquê deu signal; e os guerreiros começaram a nova prova, mais difficil que a primeira.

Era preciso que o guerreiro á disparada levantasse do chão, sem parar, o toro de madeira; e se defendesse dos rivaes que o assaltavam para toma-lo.

Esse jogo era o emblema da agilidade e robustez, que o marido devia possuir, para disputar a esposa e protegel-a contra os que ouzassem deseja-la.

Na primeira corrida foi Jurandyr quem mais rapido chegou. Como o condor que rebatendo o vôo leva nas garras a tartaruga adormecida; assim o veloz guerreiro suspendeu a figura da esposa,e com ella arremessou-se pela campina.

Os outros o seguiam ardendo em impetos de roubar-lhe a presa. Na planicie aberta seria vão intento porque nenhum corria como o estrangeiro.

Mas Jurandyr achava diante de si, para tolher-lhe o passo, as arvores derrubadas, os barrancos profundos e outros obstaculos de proposito accumulados.

Não hesitou porém o destemido mancebo. Salvou

as corcovas, galgou as caiçaras, e subiu pelos galhos que estrepavam o chão.

Uma vez os guerreiros approximaram-se tanto, que Jurandyr sentiu nos cabellos o sopro da respiração offegante. Em frente erguia-se a alta estacada.

Si tentasse subir carregado como estava, os guerreiros com certeza o alcançariam a tempo de arrancar-lhe a presa.

Então arremessou pelos ares o toro de madeira, como si fosse o tacape de um joven caçador; e seguiu apoz.

Sempre vencedor dos assaltos dos rivaes, Jurandyr percorreu a vasta campina, e foi collocar a figura da esposa no meio do carbeto dos anciões.

Alli era o termo da correria. O guerreiro que chegava a esse ponto com a sua carga, sahia triumphante da prova.

Elle mostrava como arrebataria a esposa do meio dos inimigos, e a defenderia contra seus ataques até recolhe-la em um asylo seguro.

De todos os guerreiros só Cory e Uirassú conseguiram ganhar a prova; mas nenhum com a galhardia de Jurandyr.

Cory por vezes foi alcançado, e só á confusão dos outros deveu escapar-se. Uirassú recuperou a presa já

perdida, porque Pirajá, que a havia empolgado, falseou na corrida e tombou.

Os tres vencedores entraram de novo em campo para decidir entre si. O triumpho não se demorou. Jurandyr o arrebatou, como o gavião arrebata a presa que disputam duas serpes.

Soaram os borês; e ao som do canto de triumpho entoado pelos nhengaçaras, os chefes e os guerreiros saudaram o vencedor dos vencedores.

Quando voltou o silencio, Ogib, o grande pagé dos tocantins, estava em pé no meio do campo.

Junto delle uma das velhas mãis dos guerreiros, segurava o camucim da constancia, que tinha o bojo pintado de vermelho.

O pagé disse:

— Não basta que o guerreiro seja forte e valente, para merecer a esposa.

« E' preciso que tenha a constancia do varão, e não se perturbe com o soffrimento.

« E' preciso que elle tenha a paciencia do tatú, e supporte sereno as mortificações das mulheres, e as importunações das creanças.

« O guerreiro que não tem constancia e paciencia, depressa gasta suas forças.

« O rio que se derrama pela varzea, nunca verá suas margens cobertas de grandes florestas.

« Assim é o guerreiro que não sabe soffrer, e derrama sua alma em lamentações.

« Nunca elle será pai de uma geração forte e gloriosa, nem verá sua cabana povoar-se dos guerreiros de seu sangue.

« Si queres merecer a filha de Itaquê, mostra, Jurandyr, que és varão ainda maior, do que o famoso guerreiro que todos admiram.»

O grande pagé levantou o tampo do camucim, e descobriu uma abertura, bastante para caber a punho do mais robusto guerreiro.

Jurandyr metteu a mão no vaso. O semblante sempre grave do guerreiro cobriu-se de um sorriso doce como a luz da alvorada; e seus olhos, mais contentes que dois sahis, pousaram no rosto de Aracy.

O camucim da constancia continha um formigueiro de saúvas, que o pagé havia fechado alli na ultima lua.

Açuladas pela fome de tantos dias, as formigas vorazes se prepararam para dilacerar a primeira victima que lhes cahisse nas garras.

A dentada da saúva, que anda solta no campo, dóe como uma braza; quando são muitas e com fome, queimam como a fogueira.

Todas as vistas se fitaram no semblante do guerreiro, para espreitar-lhe o minimo gesto de soffrimento.

Mas Jurandyr sorria; e seus labios ternos soltaram o canto do amor. De proposito o guerreiro adoçou a voz, para não parecer que disfarçava o gemido com o rumor do grito guerreiro.

Assim cantou elle:

« A dôr é que fortalece o varão, assim como o fogo é que enrija o tronco da crauba, da qual o guerreiro fabrica o arco e o tacape.

« A jussara tem setas agudas : mas Aracy quando atravessa a floresta, colhe o côco de mel, embora a palmeira lhe espinhe a mão.

« O ferrão da saúva dóe mais do que o espinho da jussara ; mas Jurandyr acha o mel dos labios de Aracy mais doce do que o coco da palmeira.

« Quando Jurandyr era joven caçador, gostava de tirar a cotia da toca, embora o seu dente agudo lhe sarjasse a carne.

« O ferrão da saúva não dóe como o dente afiado; e Jurandyr sabe que o pêlo dourado da cotia,não é tão macio como o collo de Aracy.

« Jurandyr despreza a dôr. Seus olhos estão bebendo o sorriso da virgem, mais suave que o leite do sapoty. Sua mão está sentindo o roçar dos cabellos da virgem formosa. »

Os anciões deram signal para concluir a prova da constancia; mas o guerreiro continuou seu canto de amor.

« A cumary arde no labio do guerreiro ; mas torna mais gostosa a carne do veado assada no moquem.

« O cauim queima a bocca do guerreiro; mas derrama a alegria dentro d'alma.

« A saúva arde como a cumary e queima como o cauim ; porém torna os beijos de Aracy mais saborosos : e o amor de Jurandyr espuma como o vinho generoso.

« Aracy hade sorrir de felicidade, quando o filho de seu guerreiro lhe rasgar o seio.

« Jurandyr não tem corpo para soffrer, quando o sorriso de Aracy lhe enche a alma de amor. »

Foi preciso quebrar o camucim para que o guerreiro podesse retirar a mão, de inflammada que ficára.

O grande pagé esfregou na pelle vermelha, o suco de uma herva delle conhecida ; e logo desappareceu a inchação.

Faltava a ultima prova, chamada a prova da virgem.

As outras serviam para conhecer o valor, a destreza e robustez do guerreiro, assim como a força de seu amor.

Nesta era que a virgem podia mostrar seu agrado pelo vencedor ; ou livrar-se de um esposo, que não soubera ganhar-lhe o affecto.

Os cantores disseram :

« Tupan deu azas á nambú para que ella escape ás garras do carcará.

« Tupan deu ligeireza á virgem, para que ella fuja do guerreiro que não quer por esposo.

« Mas a nambú, quando ouve o canto do companheiro, espera que elle chegue para fabricar seu ninho.

« A virgem, quando a segue o guerreiro que ella prefere, pensa na cabana do esposo, e corre de vagar para chegar depressa. »

Aracy deixou a mãi, e avançou até o meio do campo.

O grande pagé collocou Jurandyr na distancia de uma mussurana, que cinge dez vezes a cintura do guerreiro.

Estrella do dia lançou para as espaduas as longas tranças negras que voaram ao sopro da brisa.

Arqueou os braços mimosos, vestidos com franjas de pennas, como as azas brilhantes do arirama, e quando soou o signal, desferiu a corrida.

Jurandyr seguiu-a. Elle conhecia a velocidade do pé gentil de Aracy, que zombava do salto do jaguar.

Nem que podesse alcança-la, o guerreiro o tentaria; depois de vencedor, queria dever a esposa ao amor della e não a seu esforço.

Disputaria Aracy não só a todos os guerreiros das nações, como a todas as nações das florestas ; só á vontade da propria virgem não a disputaria, pois a queria rendida, e não vencida.

Mas sua gloria mandava que elle, o chefe de uma grande nação, se mostrasse digno da formosa virgem, que o aceitasse por esposo.

Aracy voava pela campina. A's vezes trançava a corrida como o colibri que adeja de flôr em flôr, outras vezes fugia mais rapida do que a seta emplumada de seu arco.

Quando mostrou a todos que Jurandyr não a alcançaria nunca, si ella quizesse fugir-lhe, reclinou a cabeça para esconder o rubor.

Jurandyr abriu os braços e recebeu a esposa que se entregava a seu amor.

O guerreiro suspendeu a virgem formosa ao collo ; e levou-a á cabana do amor que elle construira á margem do rio.

As ramas de jasmineiro e do craviri vestiam a cabana, e matizavam o chão de flôres.

Aracy foi buscar a rêde nupcial, que ella tecêra de pennas de tocano e arara ; e Jurandyr conduziu os utensilios da cabana.

Então o estrangeiro sentou-se com a virgem no terreiro, e antes de passar a soleira da porta, revelou a

Aracy quem era o guerreiro que ella aceitára por esposo.

— Aracy pertence ao grande chefe da nação araguaya. Ella teve a gloria de vencer ao maior guerreiro das florestas. Ella será mãi dos filhos de Ubirajara ; e terá por servas as virgens mais bellas, filhas dos chefes poderosos.

« A palmeira é formosa quando se cobre de flôres e o vento agita as suas folhas verdes, que murmuram ; mais formosa porém é quando as flôres se mudam em fructos, e ella se enfeita com seus cachos vermelhos.

« Aracy tambem ficará mais formosa quando de seu sorriso sahirem os fructos do amor : e quando o leite encher seus peitos mimosos, para que ella suspenda ao collo os filhos de Ubirajara. »

Aracy ouviu as palavras do guerreiro, palpitante como a corsa ; e ornou a fronte do esposo com o cocar de plumas vermelhas, que tecera em segredo.

Depois sentindo os olhos de Ubirajara, que bebiam a sua formosura, ella vestiu o aimará mais alvo do que a penna da garça.

A tunica de algodão entretecida de pennas de beija-flôr desce das espaduas até á curva da perna, cingida pela liga da virgindade.

Quando Aracy passava entre os guerreiros que ad-

miravam sua belleza, ella não corava, porque sua castidade a vestia, como a flôr á sapucaia.

Mas agora em presença do guerreiro a quem ama e para quem guardou sua virgindade, tem pejo, e esconde sua formosura ás vistas de Ubirajara,

— Os olhos do esposo são como o sol, disse o guerreiro : elles queimam a flôr do corpo de Aracy.

— Aracy tem medo que os olhos do esposo não a achem digna de seu amor ; e vestiu seus enfeites.

« Aracy queria ser como a jurity, e ter no corpo uma pennugem macia, que só a deixasse ver em sua formosura.

« Foi por isso que tua esposa se cobriu com o seu aimará. Os olhos de Ubirajara não lhe queimarão mais a flôr de seu corpo.

O guerreiro respondeu :

— A flôr do igapê, é mais formosa quando abre, e se tinge de vermelho aos beijos do sol, do que fechada em botão e coberta de folhas verdes.

Ubirajara tomou nos braços a esposa, e pôz o pé na soleira da porta.

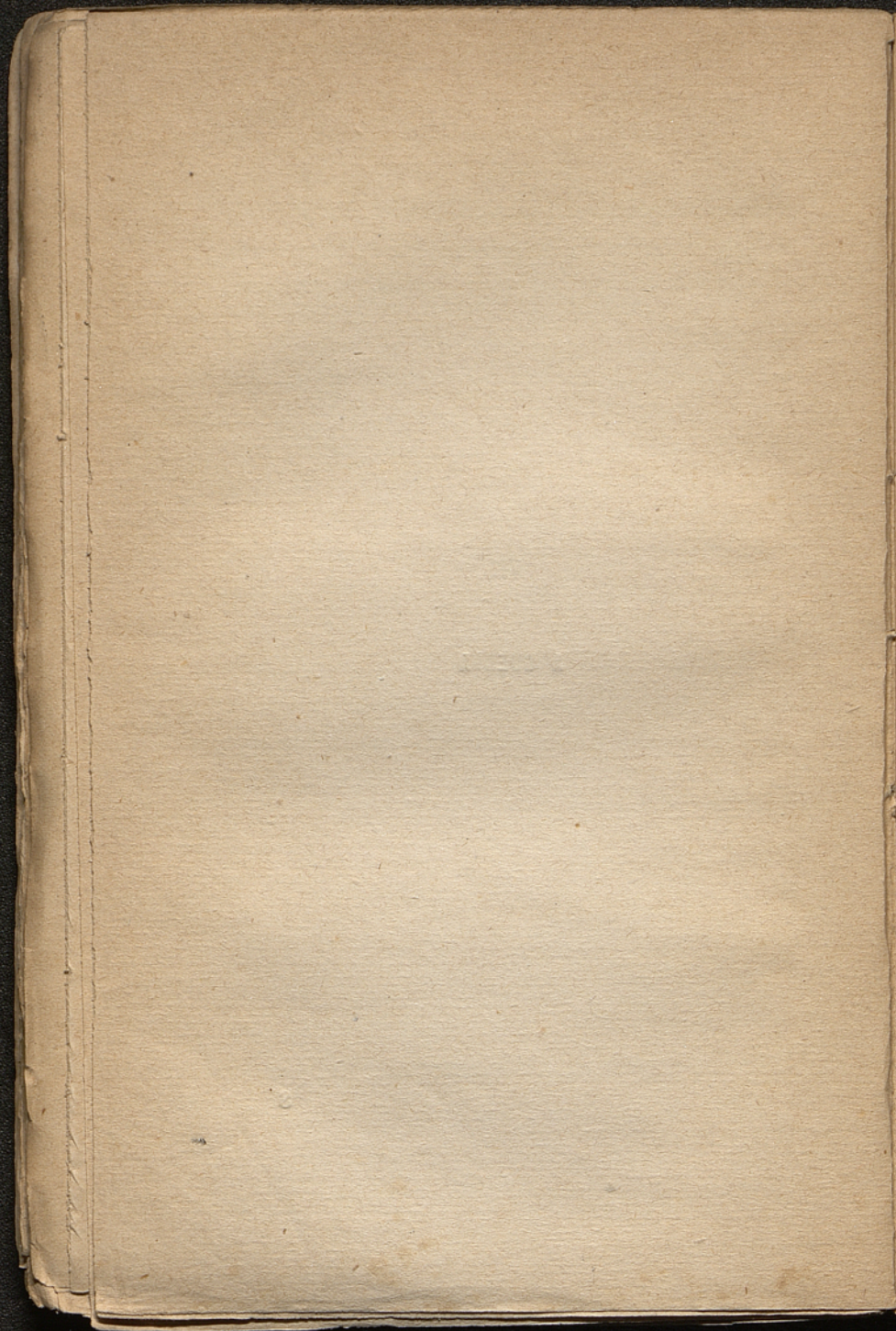
Nesse momento soou um clamor ; chegaram os guerreiros qe vinham chamar o vencedor á presença de Itaquê.

O carbeto dos anciões tinha decidido que o vence-

dor antes de receber a esposa, devia declarar quem era ; pois fôra recebido como estrangeiro, e ninguem na taba o conhecia.

VII

A GUERRA

———

Itaquê esperava sentado na cabana, e cercado do carbeto dos anciões.

Jurandyr entrou; Aracy ficou na porta, orgulhosa do esposo que a conquistara e da admiração que elle ia inspirar aos guerreiros de sua nação.

Itaquê fallou :

— Quando o estrangeiro chegou á cabana de Itaquê, ninguem lhe perguntou quem era e d'onde vinha. O hospede é senhor.

« Mas agora o estrangeiro sahiu vencedor do combate do casamento, e conquistou uma esposa na taba dos tocantins.

« E' preciso que elle se faça conhecer ; porque a filha de Itaquê, o pai da nação dos tocantins, jámais entrará como esposa na taba, onde habite quem tenha offendido a um só de seus guerreiros.»

O estrangeiro disse :

— Morubixaba, abarés, moacaras, e guerreiros da valente nação tocantim, vós tendes presente o chefe dos chefes da grande nação araguaya.

« Eu sou Ubirajara, o senhor da lança; e o maior guerreiro depois do grande Camacan, cujo sangue me gerou. Si quereis saber porque tomei este nome, ouvi a minha maranduba de guerra.»

Ubirajara contou o seu encontro com Pojucan; o combate em que o venceu, e a festa do triumpho, até o momento em que deixou a taba dos araguayas.

Terminou dizendo que no seguinte sol partiria, para assistir ao combate da morte, como promettera ao prisioneiro.

Ninguem interrompeu a maranduba de guerra. Ubirajara ouviu um gemido; mas não soube que rompera do seio de Aracy.

Itaquê arquejou como o rio ao peso da borrasca.

— Tu és Ubirajara, senhor da lança. Eu sou Itaquê, pai de Pojucan. Tenho em face o matador de meu filho; mas elle é meu hospede!

« Chefe dos araguayas, tu és um joven guerreiro; pergunta a Camacan que te gerou, qual deve ser a dôr do pai, que não póde vingar a morte do filho.

O grande chefe vergou a cabeça ao peito, como o cedro altaneiro batido pelo tufão.

Pojucan tinha sua taba mais longe, na outra margem do rio. Elle partira na ultima lua para rastejar a

marcha dos tapuias; e voltava senhor do caminho da guerra quando encontrou Ubirajara.

Seu pai e os guerreiros de sua taba pensavam que elle buscava na floresta o caminho da guerra. Mal sabiam que a essa hora esperava prisioneiro na taba dos araguayas o combate da morte.

Anciões e guerreiros emmudeceram. Todos respeitavam a dôr do pai, e não ousavam perturba-la.

Jacamim, a mãe de Pojucan, aproximara-se. O grande chefe ouviu seu gemido.

— A esposa de Itaquê não chora na presença do matador de seu filho.

A' voz do esposo, a mãe teve força para esconder no seio sua tristeza, e mostrar-se digna do grande chefe dos tocantins.

Ubirajara fallou :

— A vingança é a gloria do guerreiro; Tupan a deu aos valentes. Ubirajara venceu Pojucan em combate leal, e aceita o desafio de Itaquê e de todos os chefes tocantins.

— Tu és meu hospede; emquanto Itaquê brandir o grande arco da nação tocantim, ninguem offenderá o amigo de Tupan na taba de seus guerreiros.

Dizendo assim, o grande chefe ergueu-se e trocou com o estrangeiro a fumaça da despedida.

— Parte. O sol que viu o estrangeiro na cabana hos-

pedeira o acompanhará amigo; mas com a sombra da noite, mil guerreiros, mais velozes que o nandú, partirão para levar-te a morte.

Ubirajara tomou suas armas e disse:

— O hospede vai deixar tua cabana, chefe dos tocantins; tu verás chegar o guerreiro inimigo.

Itaquê seguiu o estrangeiro até o terreiro; em torno delle se reuniram os abarés, os moacaras e os guerreiros para assistirem á partida.

Ubirajara caminhou com o passo lento e grave até o fim da taba.

Chegado alli, tornou rapido á entrada da cabana, e retrocedeu apagando no chão o vestigio de seus passos.

A nação tocantim o observava immovel.

Por fim o estrangeiro postou-se no centro da ocara e com o formidavel tacape vibrou no largo escudo um golpe, que repercutiu pela taba como o estrondo da montanha.

— O hospede passou o lumiar da cabana que o ti-

nha acolhido, e apagou seu rasto na taba dos tocantins.

« Quem está aqui é um guerreiro armado, que pisa senhor a taba de seus inimigos.

« Itaquê, morubixaba dos tocantins, Ubirajara, o senhor da lança, grande chefe dos araguayas, te envia a guerra na ponta de sua seta.»

Quando o guerreiro acabou de proferir estas palavras, Itaquê levantou os olhos e viu cravada na figura do tocano, que era o symbolo da nação, a seta de Ubirajara.

Mil arcos se ergueram, mil tacapes brandiram. A voz possante de Itaquê abateu as armas de seus guerreiros.

Disse o morubixaba:

— A lei da hospitalidade é sagrada. A cholera do estrangeiro não deve perturbar a serenidade do varão tocantim.

Depois voltou-se para o inimigo :

— Ubirajara, grande chefe dos araguayas, Itaquê, o pai da poderosa nação tocantim acceita a guerra que tu lhe enviaste. Recebe em teu escudo o penhor do combate.

A corda do grande arco da nação tocantim brandiu, e a seta de Itaquê mordeu o escudo de Ubirajara.

— Vae buscar teus guerreiros e nós combateremos a frente das nações.

— Ubirajara combaterá até que lhe restituas a esposa; assim como elle a conquistou a seus rivaes, saberá conquista-la a ti e á tua nação.

O chefe araguaya partiu. No seio da floresta encontrou Aracy que o esperava.

A formosa virgem fora á cabana do casamento buscar a rede nupcial, e preparar-se para acompanhar o esposo.

— Ubirajara parte; mas antes de cinco sóes elle estará aqui para te conquistar á tua nação.

— A esposa te acompanha. Teu braço valente já a conquistou; e ella entregou-se a seu senhor. Aracy te pertence; deves leva-la.

A virgem tocantim desejava seguir Ubirajara á taba dos araguyas. Fallava em sua alma a ternura da esposa e da irmã.

Partindo, ella unia-se para sempre a seu guerreiro, e esperava que o amor o moveria a salvar Pojucan.

Ubirajara pensou e disse:

— Si Ubirajara tivesse rompido a liga de Aracy, ella era sua esposa; e ninguem a arrebataria de seus braços. Mas a virgem tocantim não póde abandonar a cabana onde nasceu, sem a vontade de seu pai.

Aracy suspirou:

— Ubirajara vae deixar a lembranca de Aracy nos campos dos tocantins. Jandyra o espera na taba dos araguayas; e lhe guarda o seu sorriso de mel.

— A luz de teus olhos, Aracy, estrella do dia, foi buscar Ubirajara na taba dos seus, onde resoavam os cantos de seu triumpho, e o trouxe á tua cabana.

« Quando elle partiu encontrou Jandyra, e para que a filha de Magé não o acompanhasse a deu a Pojucan, como esposa do tumulo.

— O goaná do lago, vôa longe, longe, para banhar-se nas aguas da chuva que alagaram a varzea ; mas logo volta ao seu ninho, e não se lembra mais da moita onde dormiu.

— Ubirajara é um guerreiro; elle não aprende com o goaná do lago, que foge do perigo, mas com o gavião, grande chefe dos guerreiros do ar, que nunca mais abandona o rochedo onde assentou a sua oca.

— Si Ubirajara amasse a esposa, tambem não a abandonaria. Os braços de Aracy já cingiram o collo de seu guerreiro. O tronco não desprende de si a baunilha que se entrelaçou em seus galhos.

Ubirajara calcou a mão sobre a cabeça de Aracy :

— Itaquê respeitou a lei da hospitalidade no corpo

de Ubirajara ; Ubirajara não deixará a traição na terra hospedeira.

«Aracy não deve querer para esposo um guerreiro menos generoso do que seu pai.»

A virgem emmudeceu. Ella sabia que a honra é a primeira lei do guerreiro.

Antes de partir, o chefe consolou a esposa :

— Ubirajara vai pedir ao gavião suas azas para voltar ao seio de Aracy. Elle virá á frente de sua nação, conduzido pela luz de teus olhos.

« As outras mulheres são o premio de um combate entre os servos de seu amor. Aracy terá essa gloria ; que ella será o premio da maior guerra que já viram as florestas.

O chefe araguaya pôz as mãos nos hombros de Aracy; duas vezes uniu o seu ao rosto della, por uma e outra face, para exprimir que nada os podia separar.

Quando o guerreiro desappareceu na floresta, Aracy caminhou para a cabana do esposo, que ficára triste e solitaria.

A virgem fechou a porta ; sentou-se na soleira, e cantou sua tristeza.

Dois sóes tinham passado ; e viera a noite.

A ultima estrella se apagava no céo, quando Ubirajara pisou os campos dos araguayas.

Sua mão robusta, vibrando a clava, feriu o trocano. A voz da nação araguaya derramou-se ao longe pelo valle, como o estrondo da montanha que arrebenta.

Com o primeiro raio do sol que subia o pincaro da serra, chegaram á grande taba os chefes das cem tabas araguayas, com todos seus guerreiros, convocados á ocara da nação.

Ubirajara mandou que Pojucan, o prisioneiro, viesse á sua presença :

— Vê o mar de meus guerreiros que enche a terra, como as aguas do grande rio quando alaga a varzea. Elles esperam o aceno de Ubirajara para inundarem teus campos.

« A nação tocantim carece neste momento do braço de seus maiores guerreiros ; vai levar-lhe o soccorro de teu valor, para que se augmente a gloria de Ubirajara, seu vencedor.

Tu és livre, Pojucan; parte e vôa, que a guerra dos araguayas te segue os passos.

O semblante do filho de Itaquê ficou sombrio :

— Pojucan é um chefe illustre ; não merece esta deshonra. Tu lhe prometteste a morte dos bravos. Elle exige o combate.

O chefe araguaya contou a maranduba da hospitalidade :

— Ubirajara não sabia que Pojucan era filho de Itaquê; pois elle nunca pisaria como hospede a cabana de um guerreiro, a quem tivesse decepado um filho.

E' preciso que recuperes a liberdade para que não se diga, que Ubirajara sorprehendeu a hospitalidade do grande chefe dos tocantins.

Pojucan não respondeu. Elle reconhecêra que a honra de seu vencedor exigia sua volta á taba dos seus.

— Parte. Nós combateremos á frente das nações. Ubirajara pertence a Itaquê ; mas depois delle terás a gloria de ser vencido outra vez por este braço.

— Ubirajara é um grande chefe e maior guerreiro. Si Tupan não consente que Pojucan seja vencedor, elle não quer maior gloria do que a de morrer combatendo Ubirajara.

Pojucan foi á cabana de seu vencedor buscar as armas. Ubirajara arrimou-se ao tacape, como o rochedo que se apoia ao tronco do ipê, e meditou.

Quando passou o chefe tocantim que voltava á sua taba, Ubirajara levantou a cabeça e disse :

— Os olhos de Ubirajara te acompanham : tu és irmão de Aracy, e vaes para junto della. Dize á estrella do dia, que seu esposo está com ella.

O conselho dos abarés se reunira para meditar sobre a guerra. O velho Magé, a quem irritava o desapparecimento da filha, reparou que sem o voto do carbeto se convocasse a nação.

Veiu um mensageiro chamar o grande chefe para o carbeto. Ubirajara chegou. Antes que fallasse a voz dos anciões, o guerreiro levantou o arco e disse :

— O conselho dos anciões governa a taba, e medita nas cousas da paz. Toda a nação respeita sua prudencia e sabedoria.

« Mas emquanto Ubirajara brandir o grande arco dos araguayas, tem a guerra fechada em sua mão.

« Quando elle soltar o grito do combate, a voz que fallar da paz, emmudecerá para sempre, ainda que venha da cabeça do abaré que a lua já embranqueceu.

« Quem não quizer assim, venha arrancar da mão de Ubirajara, este arco que elle conquistou por seu valor.»

Os abarés estremeceram. Mas o carbeto meditou, e decidiu que a maior gloria e sabedoria da nação era

ter o seu grande arco de guerra na mão de um chefe, como Ubirajara.

Camacan tratou com os anciões ácerca da defesa das tabas ; e o grande chefe abriu o caminho da guerra.

Quando Ubirajara desdobrou sua guerra pela margem do grande rio, elle viu que uma nação tapuia, preparava-se para assaltar a taba dos tocantins.

O grande chefe tocou a inubia, cuja voz chamava o joven Murinhem primeiro dos cantores araguayas.

Correu o nhengaçara á presença do grande chefe ; e delle recebeu a mensagem que devia levar ao campo inimigo.

Os cantores eram respeitados por todas as nações das florestas, como os filhos da alegria ; pelo que serviam de mensageiros entre as nações em guerra.

Elles penetravam no campo inimigo, entoando o seu canto de paz ; e nenhum guerreiro ousava offender aquelle a quem Tupan concedêra a fonte da alegria.

Murinhem atravessou rapido a campina e apresentou-se em frente de Canicran, chefe dos tapuias.

—Ubirajara, o senhor da lança, que empunha o arco da poderosa nação araguaya, te manda, a ti quem quer que sejas, e a todos quantos te obedecem, a sua vontade.

O tapuia rugiu; mas seus olhos viam o mar dos guerreiros araguayas que o cercava, e na frente o grande vulto de Ubirajara, semelhante ao rochedo sombrio e immovel no meio dos borbotões da cachoeira.

— Os guerreiros de Canicran só conhecem a vontade de seu chefe ; e Canicran affronta a cholera de Tupan e das nações que elle gerou. Dize, mensageiro, o que pede Ubirajara ao grande chefe dos tapuias.

— Ubirajara te manda que encostes o tacape da guerra. A nação tocantim aceitou a sua flecha de desafio, e elle não consente que ninguem combata seu inimigo, antes de o ter vencido.

— Torna e dize ao grande chefe araguaya, que Canicran veiu trazido pela vingança. Pojucan um dos chefes tocantins penetrou em sua taba, e incendiou a cabana do pagé, que foi devorado pelas chammas.

« Ubirajara é um grande chefe; elle que diga si o pai da nação póde soffrer tão dura affronta. Canicran escutará a voz de sua amizade.

O chefe tapuia tomou uma de suas flechas ; arrancou o farpão e deu ao mensageiro a haste emplumada com azas negras do anun, que era o emblema guerreiro de sua nação.

— Toma ; entrega ao grande chefe araguaya o penhor da alliança.

Murinhem partiu e foi á taba dos tocantins, levar igual mensagem. Itaquê escutou o que lhe mandava Ubirajara e respondeu.

— Antes que Itaquê trocasse com Ubirajara a seta do desafio, Pojucan tinha levado a guerra á taba dos tapuias.»

— Canicran veiu trazido pela vingança ; e a nação tocantim não póde recusar o combate. Mas Itaquê sabe honrar seu nome : si Ubirajara quer, elle combaterá juntamente os dois inimigos.

O mensageiro tornou ao campo dos araguayas com as respostas dos dois chefes. Ubirajara ouviu e meditou.

— Escuta a vontade de Ubirajara para leva-la aos inimigos. O grande chefe araguaya não roubará a Canicran a gloria da vingança ; elle respeita a honra da nação tapuia, mas rejeita sua alliança. Restitue o penhor que recebeste.

« Itaquê póde aceitar o combate que Pojucan foi

buscar ; Ubirajara não offende o nome de um guerreiro, ainda mais de um morubixaba, e do pai de Aracy.

« O chefe dos araguayas não carece de auxilio para triumphar de seus inimigos : deseja que a nação tocantim derrote aos tapuias, para ter elle a gloria de vencer ao vencedor.

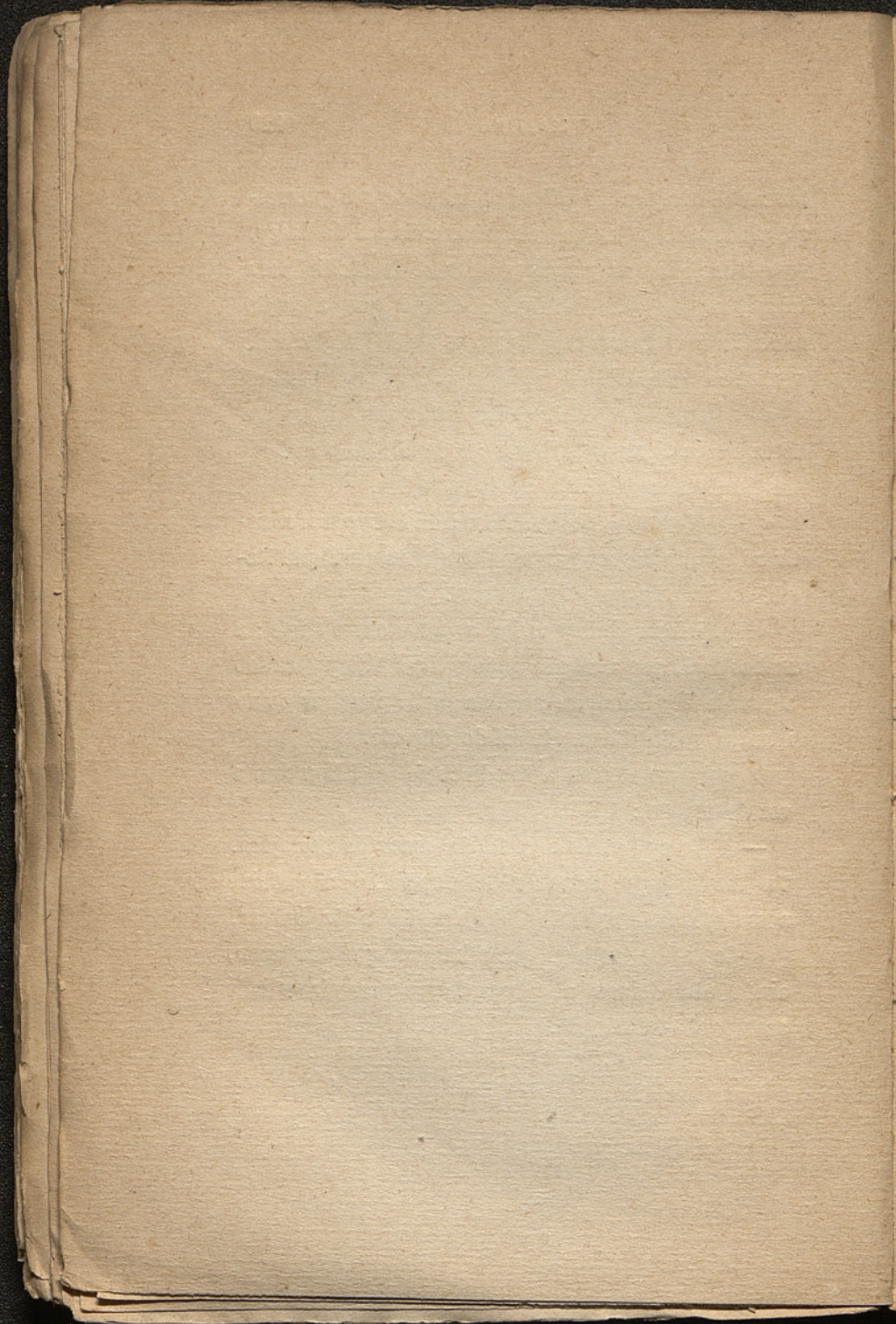
« Si Itaquê não póde repellir os tapuias, Ubirajara toma a si castigar os barbaros ; e depois de varrê-los das florestas, combaterão as duas nações.

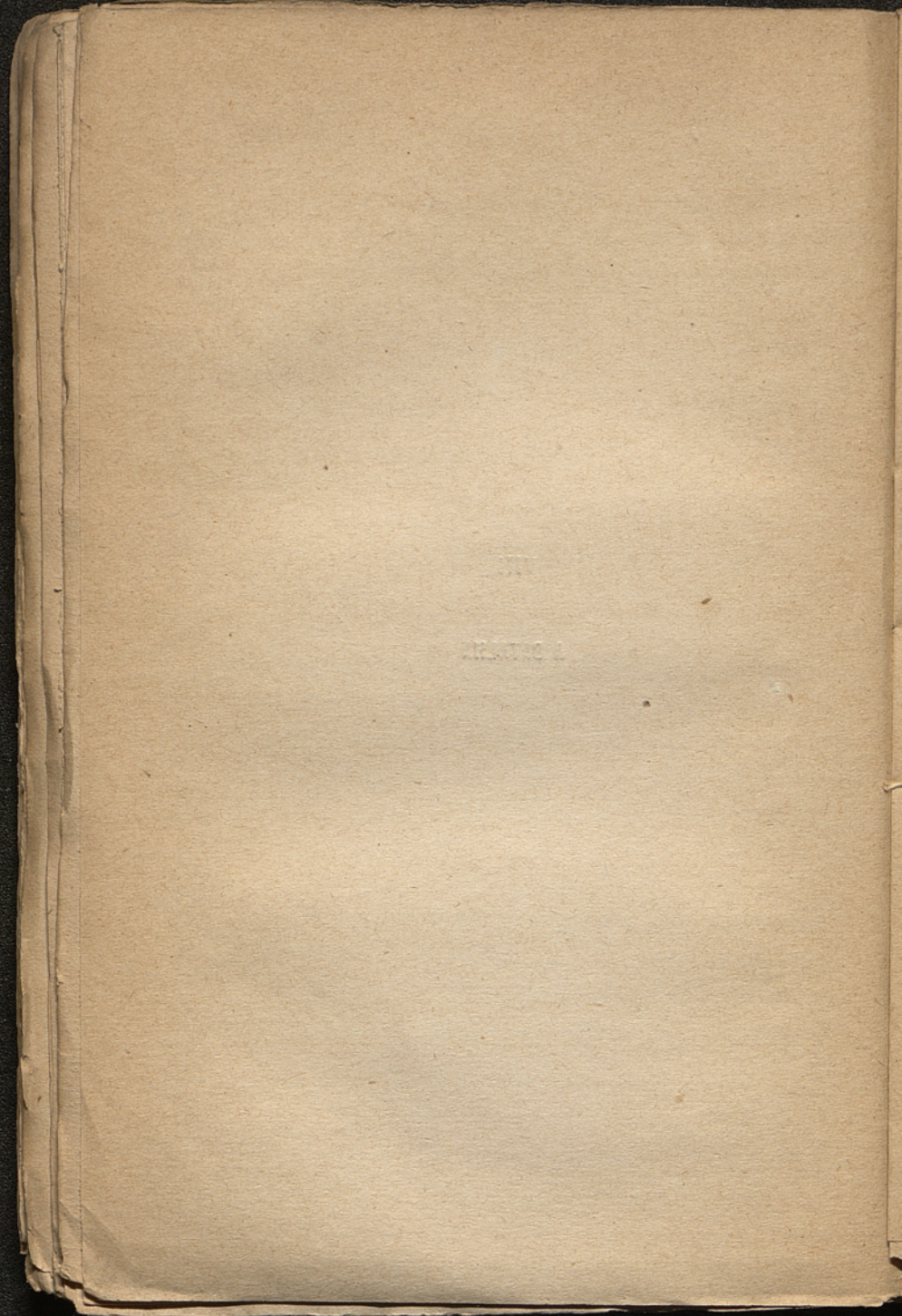
« Si os tocantins necessitam de alliados para resistir ao impeto dos araguayas, Ubirajara espera que Itaquê os chame e que elles venham.

« Murinhem fallará assim a um e outro chefe ; a ambos dirá, que a cabana onde estiver Aracy fica sob a guarda de Ubirajara ; quem nella penetrar como inimigo, soffrerá a morte vil do cobarde.

O guerreiro deixou a voz do chefe e fallou com a voz de esposo :

— A' Aracy levarás o canto de amor de Ubirajara. Tu lhe dirás que arme a rêde nupcial, e não deixe nossa cabana, emquanto Ubirajara não a fôr buscar.

« Conta-lhe tambem que o kanitar que ella teceu, ainda não deixou a cabeça de seu guerreiro e hade acompanha-lo sempre.

VIII

A BATALHA

A um lado da immensa campina move-se a multidão dos guerreiros tocantins, do outro lado a multidão dos guerreiros tapuias.

As duas nações se estendem como dois lagos formados pelas grandes chuvas, que se transformam em rios e atravessam o valle.

De um e outro campo levantou-se a pocema guerreira; e os dois povos arremettendo travaram a batalha.

Itaquê achou-se em frente de Canicran. Ambos se buscavam; dez vezes tinham combatido; vencedores ambos, nenhum fôra vencido.

Emquanto viverem os formidaveis guerreiros, não é possivel quebrar a flecha da paz entre as duas nações.

Era preciso que um delles morresse, para que o vencedor encostasse o tacape do combate, e désse repouso á sua nação para reparar os estragos da guerra.

Quando os dois chefes se encontraram, os guerreiros de um e outro campo ficaram immoveis, contemplando o pavoroso combate.

Ubirajara de longe, apoiado em seu grande arco, admirava os dois guerreiros, e pensava qual não seria o seu orgulho em vence-los ambos.

Durava a peleja o espaço de uma sombra. Em torno dos chefes lastravam o chão os tacapes e escudos que se tinham espedaçado aos golpes da cada um.

Immoveis no mesmo lugar, só agitavam a cabeça e os braços; semelhantes a dois condores, que de garras presas aos pincaros do rochedo, se dilaceram com o bico adunco.

Um rugido espantoso atroou pela campina, que estremeceu a batalha e rolou pelas profundezas da floresta.

Pahan, a seta, era o ultimo filho de Canicran. Ainda corumim, pelejava ao lado do irmão, o guerreiro Creban, cujo hombro mal alcançava com o braço.

Elle tinha nos olhos a vista da gaivota, e nas setas de seu arco, feitas de espinhos de ouriço, a velocidade e a certeza do vôo do guanumby.

Quando caçava na floresta, divertia-se em matar as motucas traspassando-as com suas flechas, que voavam mais rapidas e certeiras que as vespas venenosas.

Pahan saltara sobre os hombros do guerreiro Creban para assistir ao combate. Admirando o valor de Canicran, teve orgulho e inveja do pai.

Itaquê desfechara tão formidavel golpe, que o tacape e escudo do Canicran se espedaçara em suas mãos, deixando-o á mercê do inimigo.

O chefe tocantim arrojou-se, e já sua mão descia sobre a espadua do tapuia para faze-lo prisioneiro.

O arco de Pahan sibilou duas vezes. Os olhos de Itaquê, os olhos do varão forte que nunca humedecera uma lagrima, choraram sangue.

As setas do corumim tinham vasado as pupillas do fero guerreiro cuja vista era raio. Assim a jandaia róe o grello do procero coqueiro.

Foi então que Itaquê soltou o rugido pavoroso que fez tremer a terra. Mas o grito de espanto sossobrou no peito dos guerreiros, e rompeu em um grito de horror.

Itaquê estendera os braços, hirtos como duas garras de condor.

A mão direita abarcou o pennacho e a cabelleira de Canicran, a esquerda entrou pela boca do tapuia e travou-lhe o queixo.

Separaram-se os braços do guerreiro cégo, e a cabeça de Canicran abriu-se como um côco que se fende pelo meio.

Agitando no ar o craneo sangrento como um maracá de guerra, Itaquê arrojou-se contra os inimigos, buscando a morte que lhe fugia.

Quando o sol entrou, não havia na campina a sombra de um tapuia.

O velho herôe voltou á cabana conduzido por Pojucan:

— Tupan viu que Itaquê não podia ser vencido pela mão dos homens; e quiz vence-lo elle mesmo pela mão de um menino.

Quando Ubirajara viu o exito do combate, lamentou que dos dois grandes guerreiros, não restasse nenhum, para que elle o vencesse.

Seus olhos descobriram Pahan que fugia no meio dos destroços de sua nação. Ergueu a mão, mas não chegou a retesar a seta.

A aguia não persegue a andorinha. Era indigno de um guerreiro, quanto mais de um chefe, empregar seu valor contra um menino.

O chefe chamou á sua presença, Tubim, um dos jovens caçadores, que tinham acompanhado a guerra para prover o alimento.

Tubim tem as azas da abelha; si elle alcançar o corumim tapuia que eu estou olhando, Ubirajara lhe dará o nome de Abeguar.

O joven caçador seguiu o olhar do chefe, e sumiu-se n'um turbilhão de poeira. Quando os vagalumes começaram a luzir no escuro da mata, elle estava de volta no campo dos araguayas; e trazia o corumim fechado nos braços.

Nessa mesma noite, Tubim recebeu o nome de Abeguar, senhor do vôo, em honra da façanha que tinha realisado.

Os cantores entoaram seu louvor; e o joven caçador teve a gloria de receber os applausos dos moacaras de sua nação, e de um chefe como Ubirajara.

Ao raiar da manhã, Murinhem foi a taba dos tocantins, acompanhado por vinte guerreiros que conduziam o corumim.

Quando chegou em frente á cabana do grande chefe, o cantor viu Itaquê no terreiro sentado em uma sapopema.

O guerreiro fitava os olhos no céo, onde o calor lhe dizia que estava o sol. Mas não encontrava a luz que para sempre o abandonara.

Então o velho guerreiro abaixava os olhos para terra, como si buscasse o lugar do repouso.

Quando soaram longe os passos dos estrangeiros, o chefe alongou a fronte para ver pelo ouvido o que os olhos lhe recusavam.

Murinhem chegou e disse:

— Ubirajara envia a Itaquê o resto da vingança. Este é Pahan o filho de Canicran. Elle te roubou a vista; mas não salvou o pai de tua mão terrivel. Faze do corumim tapuia um mancebo tocantim; e elle será a luz de teus olhos e caminhará na frente do grande chefe para abrir-lhe o caminho da guerra.

Pahan avançou :

— O filho de Canicran jámais será escravo; nasceu tapuia e tapuia morrerá, como o grande chefe que o gerou. Emquanto o ouriço viver nas florestas, elle roubará seus espinhos para furar os olhos dos tocanos.

Itaquê pousou a palma da mão na cabeça do menino :

— O corumim que ama seu pai é filho de Itaquê. Tu és livre, Pahan; vae caçar o ouriço. Quando fôres um guerreiro, acharás cem mancebos do sangue de Itaquê para castigarem tua audacia.

O chefe voltou-se para o cantor:

— Tupan tirou a luz dos olhos de Itaquê; mas augmentou a força de seu braço. Ubirajara terá para combate-lo um inimigo digno de seu valor.

Murinhem tornou ao chefe araguaya com esta resposta.

Quando partia o cantor, chegaram á cabana de Itaquê, os abarês da nação tocantim.

Os anciões sentaram-se em torno do guerreiro cégo; e bebendo a fumaça da sabedoria, formaram o carbeto.

Fallou Guaribú:

— O grande arço da nação carece de uma mão robusta para brandir sua corda; e de um olho seguro para dirigir sua seta. Itaquê é o maior guerreiro das florestas; seu nome faz tremer aos mais valentes dos inimigos; seu braço fere como o raio. Mas a luz fugiu de seus olhos e elle não póde mais abrir o caminho da guerra.

O velho chefe ergueu-se com o passo tropego. Alcançando o grande arco dos tocantins abraçou-se com elle e fallou-lhe.

— Quando Itaquê te recebeu da mão do grande

Javary elle pensava que só a morte o separaria de ti, para transmittir-te a um guerreiro de seu sangue. Mas Itaquê ficou na terra, como um tronco levado pela corrente, que não sabe onde vae.

Um esguicho de sangue saltou dos buracos, onde o velho tivera os olhos. Era a lagrima que a desgraça lhe deixara.

Os abarés meditaram. Guaribú fallou de novo:

— O grande arco da nação que tu recebeste do grande Javary, teu pai, não te abandonará. Elle fica em tua mão invencivel; haverá outro arco na mão do mais valente guerreiro, que abrirá o caminho da guerra. Mas emquanto Itaquê viver, sua voz governará a nação que elle defendeu com seu braço.

O semblante do velho chefe cobriu-se de um sorriso, como o negro rochedo sobre o qual desliza um raio do luar.

— Pais da sabedoria, abarés, olhai aquelle jatobá que se levanta no meio da campina, e que eu só posso ver agora na sombra de minha alma.

« Elle tem muitas raizes que o sustentam nos ares, tem muitos galhos que o cercam e estendem ao longe a sua rama. Mas o tronco é um só.

« As grossas raizes são os abarés que sustentam o chefe com o seu conselho. Os galhos fortes, são os

moacaras que cercam o chefe e geram a multidão de guerreiros mais numerosa que as folhas das arvores. O tronco é o chefe da nação ; si elle se dividir o jatobá não subirá ás nuvens, nem terá forças para resistir ao tufão.

« O lugar de Itaquê é no conselho. O ultimo dente de seu collar de guerra foi o que elle arrancou da bocca de Canicran. Convocai os guerreiros, e o que for mais forte e mais valente empunhe o grande arco da nação.

O trocano chamou a nação ao carbeto. Vieram os moacaras, conduzindo suas tribus.

O velho Itaquê contava pelos passos os guerreiros que chegavam. O grande arco da nação, que elle segurava direito, parecia um dos esteios da cabana, e tinha a corda tão grossa como a da rêde do chefe.

Os mais famosos guerreiros tocantins se apresentaram para disputar o grande arco ; muitos conseguiram verga-lo ; mas a seta não partiu.

Itaquê escutava com o ouvido attento ; o som delle conhecido não feriu os ares.

— Onde está Pojucan ? perguntou o velho chefe.

O valente guerreiro do sangue de Itaquê estava de parte, grave e taciturno. Algum motivo o separava do arco chefe, que elle devia ser o primeiro a disputar.

— Teu filho te escuta ; respondeu.

— Empunha o arco chefe ; si ha um guerreiro tocantim que possa conquista-lo, esse deve ser do sangue de Itaquê.

Pojucan recebeu o arco. Fincando nelle os pés, o guerreiro arrojou-se para traz como a giboia quando se enrista para armar o bote.

A seta partiu, e foi cravar a cabeça de um chefe tapuia, fincada na estaca, á entrada da taba.

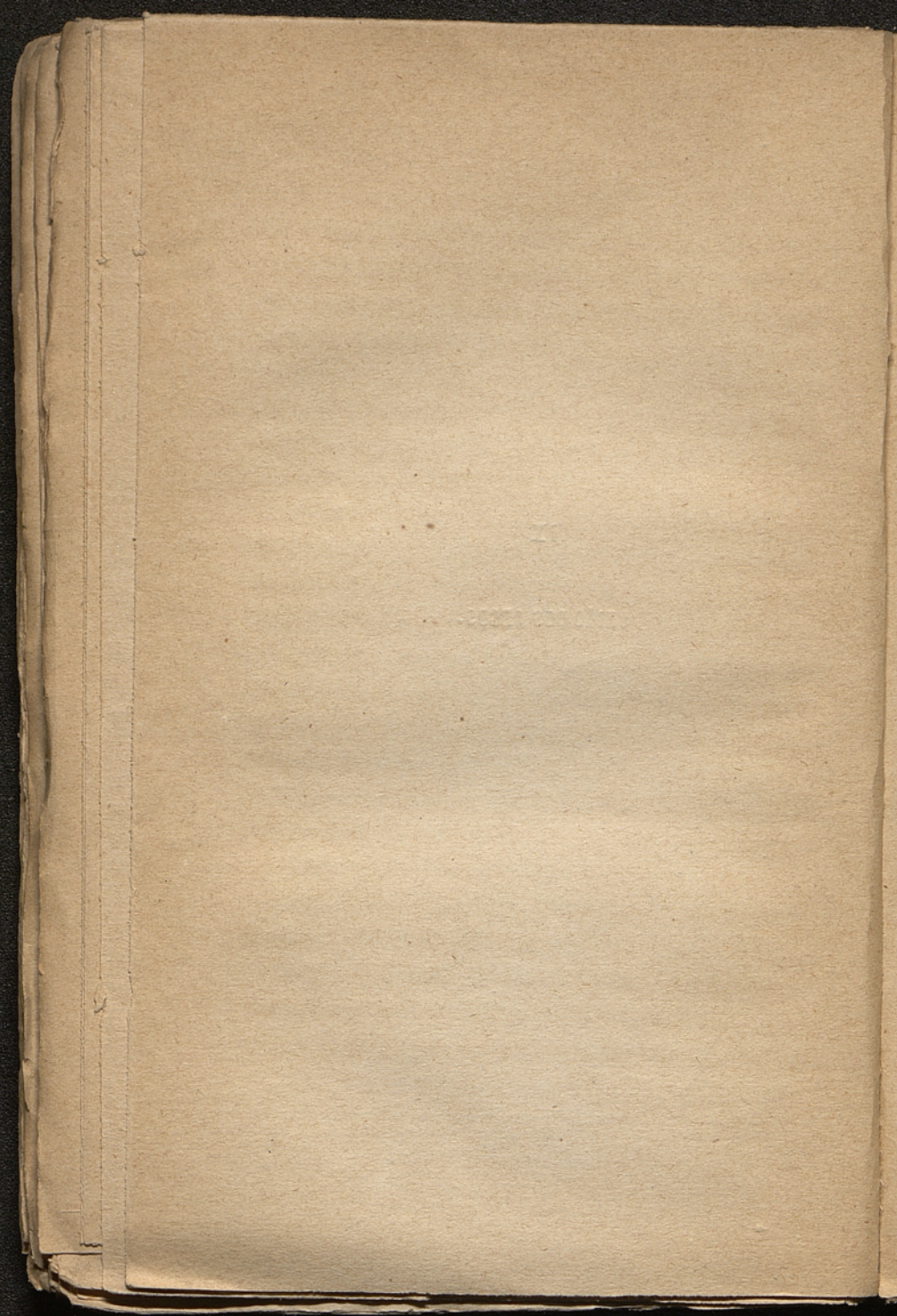
Itaquê curvara a cabeça. Elle ouviu brandir a arma; não era porém aquelle o zunido da corda do arco, quando o vergava sua mão possante.

Pojucan depôz o arco chefe aos pés de Itaquê e disse :

— Pojucan mostrou que em suas veias corre o sangue generoso de Itaquê. Mas o grande arco peza em sua mão. Só ha um guerreiro na terra que o possa brandir como Itaquê : e esse não cinge a fronte com o cocar das pennas de tocano.

— Pojucan negou a Itaquê esta ultima consolação, O arco invencivel do grande Tocantim que foi o pai da nação, vae sahir de sua geração. Tocantim o transmittiu a seu filho Javary, que me gerou ; mas eu não sube gerar com seu sangue um guerreiro digno delles.

IX

UNIÃO DOS ARCOS.

Os tapuias voltaram, com elles vinha Agninâ á frente de sua nação, para vingar a morte de Canicran, seu irmão.

Era grande a multidão dos guerreiros; e maior a tornavam a sanha da vingança e a fama do chefe que a conduzia.

Não eram tantos os tocantins; mas bastaria seu valor para iguala-los, si não lhes faltasse a cabeça, que rege o corpo.

A poderosa nação estava como o bando de caitetús que perdeu o pai, e desgarra-se pela floresta, correndo sem rumo.

Os mais valentes moacaras, chefes das tribus, esperavam pelo grande chefe da nação, para abrir-lhes o caminho da guerra.

Os abarés meditaram. Elles não podiam inventar um guerreiro capaz de succeder a Itaquê; mas tambem não se resignavam a abater a gloria da nação, trocando o arco invencivel do grande Tocantim por outro arco mais leve, que Pojucan manejasse.

Tambem Pojucan annunciára, que não podendo brandir o arco de Itaquê, jámais empunharia outro arco chefe, menos glorioso do que o do grande Tocantim.

Abarés, chefes, moacaras, guerreiros, toda a nação se reuniu em torno do heróe cégo.

Daquelle que durante tantas luas defendera a nação com a força de seu braço, e a protegera com o terror de seu nome, esperavam ainda a salvação.

O velho ouviu a voz dos abarés, a voz dos chefes, a voz dos moacaras, a voz dos guerreiros, e disse :

— Itaquê ainda póde combater e morrer por sua nação ; mas sem a luz do céo, elle não póde mais abrir a seus filhos o caminho da victoria.

« O braço de Itaquê defendeu sempre a nação tocantim ; quer ella ser defendida agora pela palavra daquelle, que não tem mais para dar-lhe sinão a experiencia de sua velhice ?

« Pensem os abarés, os chefes, os moacaras e os guerreiros.

Guaribú respondeu :

— A nação pensou. Falla e todos obedecerão á tua palavra, como obedeciam ao braço de Itaquê.

— A voz do coração diz ao neto de Tocantim, que a gloria da nação que elle gerou, não se póde extinguir. O sangue de Itaquê passando pelo seio de Aracy, se

unirá a outro sangue generoso para brotar maior e mais illustre.

« Assim a terra onde nasceu uma floresta de acajás, recebe o limo do rio e gera nova floresta mais frondosa que a outra.

« Jacamim, chama Aracy, a filha de nossa velhice. E vós abarés, chefes, moacaras e guerreiros, segui-me.

O velho heróe atravessou a taba guiado por Aracy.

A nação o seguia em silencio.

Quando o guerreiro cégo passava com a mão no hombro da virgem formosa que dirigia o seu passo incerto, os guerreiros lembravam-se do tronco já morto que a rama do maracujá ainda sustenta de pé junto ao penedo.

Os cantores iam adiante ; e entoavam um canto de paz.

Um mensageiro de Itaquê o precedêra no campo dos araguayas.

Ubirajara, cercado de seus abarés, chefes, moacaras

e guerreiros, veiu ao encontro do morubixaba dos tocantins.

A alma do grande chefe araguaya encheu-se da alegria de vêr Aracy ; mas elle retirou os olhos da esposa, para que o amor não perturbasse a serenidade do varão.

— Ubirajara está em face de Itaquê ; para combate-lo si trouxe a guerra ; para abraça-lo si trouxe a paz.

— Nunca Itaquê pediu a paz ao inimigo que trouxe-lhe a guerra, antes de o vencer ; nem teria vivido tanto para commetter essa fraqueza. Elle vem trazer-te a victoria para que tu a repartas com seu povo.

O velho heróe avançou o passo :

— Chefe dos araguayas, tu levaste a guerra á taba dos tocantins para conquistar Aracy, a filha de minha velhice.

« Por teu heroismo, e ainda mais pela nobreza com que restituiste a liberdade a Pojucan, tu merecias uma esposa do sangue de Tocantim.

« Mas desde que tu ameaçaste toma-la pela força de teu braço, Itaquê não podia mais conceder-te a filha de sua velhice, sinão depois que abatesse teu orgulho.

« Elle preparava-se para te combater ; e á tua na-

ção ; mas fugiu-lhe dos olhos a luz que dirige a seta da guerra ; e não ha entre seus guerreiros um que possa brandir o arco do grande Tocantim.

Quando pronunciou estas palavras, a voz do velho guerreiro sossobrou-lhe no peito :

— O arco de Itaquê é como o gavião que perdeu as azas e não póde mais levar a morte ao inimigo. As andorinhas zombam de suas garras.

« Empunha o arco de Itaquê, chefe dos araguayas e tu conquistarás por teu heroismo uma esposa e uma nação.

« A' esposa farás mãi de cem guerreiros como Itaquê ; e á nação conservarás a gloria que ella conquistou quando o filho de Javary a conduzia á guerra.

«Tupan dará a teu braço esta força para que o sangue de Itaquê brote mais vigoroso e os netos de Tocantim dominem as florestas.

Ubirajara sorriu :

— Chefe dos tocantins, teus olhos não podem vêr o grando arco da nação araguaya ; mas pergunta á tua mão, si o arco que Camacan brandia invencivel e agora empunha Ubirajara, cede ao arco de Itaquê.

O velho heróe palpou o arco chefe dos araguayas e vergou-lhe a ponta ao hombro, como si a haste fosse de taquary.

Ubirajara travou do arco de Itaquê e desdenhando finca-lo no chão, elevou-o acima da fronte. A flecha ornada de pennas de tocano partiu.

O semblante de Itaquê remoçou, ouvindo o zunido que recordava-lhe o tempo de seu vigor. Era assim que elle brandia o arco outr'ora, quando as luas cresciam augmentando a força de seu braço.

O velho inclinou a fronte para escutar o sibillo de sua flecha que talhava o azul do céo. Os cantores não tinham para elle mais doce harmonia do que essa.

Ubirajara largou o arco de Itaquê para tomar o arco Camacan. A flecha araguaya tambem partiu e foi atravessar nos ares a outra que tornava a terra.

As duas setas desceram trespassadas uma pela outra como os braços do guerreiro quando se cruzam ao peito para exprimir a amizade.

Ubirajara apanhou-as no ar :

— Este é o emblema da união. Ubirajara fará a nação tocantim tão poderosa como a nação araguaya. Ambas serão irmãs na gloria e formarão uma só, que hade ser a grande nação de Ubirajara, senhora dos rios, montes e florestas.

O chefe dos chefes ordenou que tres guerreiros araguayas e tres guerreiros tocantins, ligassem com o fio do crautá as hastes dos dois arcos.

Quando o arco de Camacan e o arco de Itaquê não fizeram mais que um, Ubirajara o empunhou na mão possante e mostrou-o ás nações :

— Abarés, chefes, moacaras e guerreiros de minhas nações, aqui está o arco de Ubirajara, o chefe dos grandes chefes. Suas flechas são gemeas, como as duas nações, e voam juntas.

Ambas as cordas brandiram a um tempo. A seta araguaya e a seta tocantim partiram de novo como duas aguias que par a par remontam ás nuvens.

Quando calou-se a pocema do triumpho, Ubirajara caminhou para a filha de Itaquê :

— Aracy, estrella do dia, tu pertences a Ubirajara, que te conquistou pela força de seu braço. Agora que é senhor, elle espera tua vontade.

A formosa virgem rompeu a liga vermelha que lhe cingia a perna, e atou-a ao pulso de seu guerreiro.

Ubirajara tomou a esposa aos hombros e levou-a á cabana do casamento.

O jasmineiro semeava de flores perfumadas a rêde do amor.

———

O outro sol rompia, quando os tapuias estenderam pela campina a multidão de seus guerreiros.

Na frente assomava Agniná, a montanha dos guerreiros, ainda mais feroz do que o irmão, o terrivel Canicran.

De um lado e do outro seguiam-se os chefes, cada um á frente de seus guerreiros.

Ubirajara escolheu mil guerreiros araguayas e mil guerreiros tocantins, com que sahiu ao encontro dos tapuias.

Depois que desdobrou sua batalha pela campina, o chefe dos chefes caminhou só para o inimigo.

Quando chegava a meio do campo, os tapuias levantaram a pocema de guerra, que atroou os ares, como o estrepito da cachoeira.

Um turbilhão de setas crivou o longo escudo do heróe, que ficou semelhante ao grosso tronco de jussara, irriçado de espinhos.

Ubirajara embraçou o escudo na altura do hombro, e com o pé brandiu sete vezes a corda do grande arco gemeo.

As setas vermelhas e amarellas subiram direitas ao céo e perderam-se nas nuvens.

Quando voltaram, Agniná e os chefes que obedeciam a seu arco, tinham cada um fincado na cabeça o desafio do formidavel guerreiro.

Enfurecidos mais pelo insulto, do que pela dôr, arremessaram-se contra o inimigo que os esperava coberto com seu vasto escudo.

Agniná era o primeiro na corrida, e o primeiro na sanha. Apoz elle vinham os outros, a dois e dois, luctando na rapidez.

Quando o esposo de Aracy viu que elles se estendiam pela campina, como dois ribeiros que se aproximam para confundir suas aguas; o heróe empunhou a lança de duas pontas, e soltou seu grito de guerra, que era como o bramir do jaguar, senhor da floresta.

Seu pé devorou o espaço; e a lança de duas pontas girou em sua mão, como a serpente que enrosca-se nos ares silvando.

Cahiu Agniná do primeiro bote; apoz elle cahiram aos dois os chefes tapuias, como cahem os juncos talhados pelo dente afiado da capivara.

Então o heróe soltou seu grito de triumpho, que era como o rugido do vento no deserto:

— Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, o guerreiro invencivel que tem por arma uma serpente.

« Eu sou Ubirajara, o senhor das nações, o chefe

dos chefes, que varre a terra, como o vento do deserto.

O heróe estendeu a vista pela campina, e não descobriu mais o inimigo, que sumia-se na poeira.

Ubirajara lançou-lhe seus guerreiros, que tinham fome de vingança; porém o terror de sua lança dava azas aos fugitivos.

Desde esse dia nunca mais um tapuia pisou as margens do grande rio.

Ubirajara voltou á cabana, onde o esperava Aracy.

A esposa despiu as armas de seu guerreiro, enxugou-lhe o corpo com o macio cotão da monguba, e cobriu-o do balsamo fragrante da embaiba.

Encheu depois de generoso cauim a taça vermelha feita do coco da sapucaia; e aplacou a sede do combate.

Emquanto nas grandes tabas se preparava a festa do triumpho, e o heróe repousava na rede, Aracy foi ao terreiro, e voltou conduzindo Jandyra pela mão.

— Aracy, tua esposa, é irmã de Jandyra. Ubirajara é o chefe dos chefes, senhor do arco das duas nações. Elle deve repartir seu amor por ellas, como repartiu a sua força.

A virgem araguaya poz no guerreiro seus olhos de corsa.

— Jandyra é serva de tua esposa; seu amor a obri-

gou a querer o que tu queres. Ella ficará em tua cabana para ensinar a tuas filhas como uma virgem araguaya ama seu guerreiro.

Ubirajara cingiu ao peito com um e outro braço, a esposa e a virgem.

— Aracy é a esposa do chefe tocantim; Jandyra será a esposa do chefe araguaya; ambas serão as mãis dos filhos de Ubirajara, o chefe dos chefes, e o senhor das florestas.

As duas nações, dos araguayas e dos tocantins, formaram a grande nação dos Ubirajaras, que tomou o nome do heróe.

Foi esta poderosa nação que dominou o deserto.

Mais tarde, quando vieram os caramurús, guerreiros do mar, ella campeava ainda nas margens do grande rio.

FIM.

NOTAS

Advertencia.

Este livro é irmão de Iracema.

Chamei-lhe de lenda como ao outro. Nenhum titulo responde melhor pela propriedade, como pela modestia, ás tradições da patria indigena.

Quem por desfastio percorrer estas paginas, si não tiver estudado com alma brazileira o berço de nossa nacionalidade, hade estranhar entre outras cousas a magnanimidade que resumbra no drama selvagem e forma-lhe o vigoroso relevo.

Como admittir que barbaros, quaes nos pintaram os indigenas, brutos e cannibaes, antes féras que homens, fossem susceptiveis desses brios nativos que realçam a dignidade do rei da creação?

Os historiadores, chronistas e viajantes da primeira epocha, sinão de todo o periodo colonial, devem ser lidos á luz de uma critica severa. E' indispensavel sobretudo escoimar os factos comprovados, das fabulas a que serviam de mote, e das apreciações a que os sujeitavam espiritos acanhados, por demais embuidos de uma intolerancia rispida.

Homens cultos, filhos de uma sociedade velha e curtida por longo tracto de seculos, queriam esses forasteiros achar nos indigenas de um mundo novo e segredado da civilisação universal uma perfeita conformidade de idéas e costumes. Não se lembravam, ou não sabiam, que elles mesmos provinham de barbaros ainda mais ferozes e grosseiros do que os selvagens americanos.

Desta prevenção não escaparam muitas vezes espiritos graves

e bastante illustrados para escreverem a historia sob um ponto de vista mais largo e philosophico.

Entre muitos citarei um exemplo. Barlœus referindo as justas que se faziam entre os selvagens para obterem em premio de seu valor a virgem mais formosa, não se esqueceu de accrescentar este commento—*finis spectantium est voluptas.*

Narrados com este pessimismo, as scenas da cavalheria, os torneios e justas, não passariam de manejos inspirados pela sensualidade. Nada resistiria á censura ou ao ridiculo.

Por igual theor, sinão mais grosseiras, são as apreciações de outros escriptores ácerca dos costumes indigenas. As cousas mais poeticas, os traços mais generosos e cavalheirescos do caracter dos selvagens, os sentimentos mais nobres desses filhos da natureza, são deturpados por uma linguagem impropria, quando não acontece lançarem á conta dos indigenas as extravagancias de uma imaginação desbragada.

Releva ainda notar, que duas classes de homens forneciam informações ácerca dos indigenas; a dos missionarios e a dos aventureiros. Em luta uma com outra, ambas se achavam de accordo nesse ponto, de figurarem os selvagens como féras humanas. Os missionarios encareciam assim a importancia de sua catechese; os aventureiros buscavam justificar-se da crueldade com que tratavam os indios.

Faço estas advertencias para que ao lerem as palavras textuaes dos chronistas citados nas notas seguintes; não se deixem impressionar por suas apreciações muitas vezes ridiculas. E' indispensavel escoimar o facto dos commentos de que vem acompanhado, para fazer uma idéa exacta dos costumes e indole dos selvagens.

CAPITULO 1º

Pag. 7

Ubirajara—senhor da lança, de *ubira*-vara e *jara*,—senhor; aportuguezando o sentido, vem a ser lanceiro.

Com este nome existia ao tempo do descobrimento, nas cabeceiras do rio S. Francisco uma nação de que falla Gabriel Soares—Roteiro do Brazil, cap. 182.

« A peleja dos Ubirajaras, diz esse escriptor, é a mais notavel do mundo, como fica dito, porque a fazem com uns paus tostados muito agudos, de comprimento de tres palmos, pouco mais ou menos cada um, e tão agudos de ambas as pontas, com os quaes atiram a seus contrarios como com punhaes, e são tão certos com elles que não erram tiro, com o que tem grande chegada; e desta maneira matam tambem a caça que se lhe espera o tiro não lhe escapa; os quaes com estas armas se defendem de seus contrarios tão valorosamente como seus vizinhos com arcos e flexas, etc. »

Desta arma e da destreza com que a manejavam proveiu o nome de *bilreiros* que lhe deram os sertanistas, significando assim que tangiam suas lanças com agilidade e subtileza igual á da rendeira ao trocar os bilros.

Pag. 7

Grande rio.—Os tupys chamavam assim ao maior rio que existia na região por elles habitada: e dahi resultou ficarem tantos rios com essa designação na lingua original, ou traduzida.

O rio grande de que se trata nesta lenda é o Tocantins, em cujas margens se passa a acção dramatica.

Pag. 7

Uiraçaba.—Nome que davam os tupys á aljava, de *uira*—sèta e *aba*—desinencia exprimindo o lugar, modo e instrumento; litteralmente « o que tem a seta. »

Os selvagens a faziam, ou do tubo do taquarussú, ou da casca de certas arvores, guarnecida de fios embebidos de resina, o que as tornava muito resistentes.

Pag. 7

Nome de guerra.— « Mal nascia a criança logo se lhe punha nome. Hans Stade achou-se presente n'uma dessas occasiões. Convocou o pai aos mais proximos vizinhos de dormitorio, pedindo-lhes para o filho um nome viril e terrivel; não lhe agradando nenhum dos propostos declarou que ia escolher o de um de seus quatro antepassados, o que daria fortuna ao rapaz, e repetindo-o em voz alta, fixou a escolha. Ao chegar á idade de ir a guerra, dava-se outro nome ao mancebo que aos seus titulos ia accrescentando um por inimigo que trazia para casa a ser immolado. Tambem a mulher tomava addicional appellido quando o marido dava uma festa antropophaga. De objectos visiveis se tirava o cognome, determinando o orgulho ou a ferocidade a escolha. O epitheto *grande* frequentemente se compunha com o nome. Southey, *H. do Brazil* Tom 1° cap. 8° pag. 336.

Pode-se ler tambem a este respeito o que diz Gabriel Soares, cit. no cap. 160, ácerca do nome que tomava o tupinambá quando matava o contrario, e no cap. 164 onde accrescenta:

« Acontece muitas vezes captivar um tupinambá a um contrario na guerra, onde o não quiz matar para o trazer captivo para sua aldêa, onde o faz engordar com as cerimonias já declaradas para o deixar matar a seu filho quando é moço e não tem idade para ir a guerra, o qual o mata em terreiro como fica dito, com as mesmas cerimonias; mas atam as mãos ao que ha de padecer, *para com isso o filho tomar nome novo e ficar* armado cavalleiro e mui estimado de todos. »

A este trecho de Gabriel Soares é preciso dar o devido desconto ácerca da engorda do captivo, e do papel insignificante que representa o mancebo. Devemos crer que entre gente, cuja alma era a guerra, o titulo de guerreiro não se conferia ao mancebo que não fizesse prova real de seu esforço e coragem.

Ives d'Evreux, cap. XXI, trata minuciosamente da graduação que a idade estabelecia entre os tupys. Havia para os guerreiros seis classes; 1ª Das crianças até dois annos, *mitanga*, que significa chupador ou mamador. 2º *curumim-mirim*, isto é o pequeno que balbucia; comprehendia os meninos até sete annos. 3º *curumim* simplesmente, correspondia á segunda infancia de 7 a 15 annos. 4º *curumim-guassu*, era a adolescencia, em que os rapazes se empregavam na caça e na pesca: 5º *aba*—o homem, indicava o principio da virilidade, o qual logo que se casava tornava-se *apyaba*, o varão, ou como diz d'Evreux, *mendarama*, o casado. 6º *tyjubaê*, o ancião ou veterano, o homem de experiencia, guerreiro consumado.

Pag. 8

Jandyra.—O nome é *Jandayra*, de uma abelha que fabrica excellente mel; *Jandyra* é uma contracção mais euphonica daquelle nome, que tambem por sua vez é contracção de *Jemonhaira*, que fabrica mel.

Pag. 8

Aratuba.— Palavra que se compõe de *ara* — o sol e *tuba*— infinito do verbo *ajub*—estar deitado. Vem a ser a significação *leito do sol*, applicada pelos indios á montanha do poente; onde o sol se esconde no seu ocaso.

Pag. 8

Jaguaré.—Nome composto de *Jaguar*, a onça e o suffixo *é* que na lingua tupy reforça emphaticamente a palavra a que se liga. *Jaguaré*, significa pois, a onça, verdadeiramente onça, digna do nome, por sua força, coragem e ferocidade.

Pag. 8

Craúba.—E' a mesma *carabiuba* dos indios, assim contrahida pelo uso dos nossos sertanejos. Madeira roixa, excessivamente rija, que não cede ao páo-ferro no peso e na dureza.

Pag. 8

Lança—O uso da lança não era commum aos selvagens, que empregavam de preferencia o arco, o tacape, a macana, e a igara-pema, especie de remo, que fazia as vezes da partasana. Outros escrevem *iverapema*; mas o nome é aquelle de *igara-pema*, espada da canôa; basta ver-lhe a fórma para comprehender seu duplo destino.

Pag. 9

A liga vermelha.— Era este um dos mais curiosos e interessantes ritos dos tupys.

Quando a menina attingia a puberdade, depois de sua purificação, da qual tratam os authores, especialmente Orbygny e Thevet, a mãi punha-lhes nas pernas, abaixo do joelho, uma liga de fio de algodão tinta de vermelho, de tres dedos de largura, e tecida no proprio lugar, de modo que uma vez fechada, não era mais possivel tira-la. Vide Gabriel Soares, cap. 153.

A essa liga chamavam *tapacora*, e não a podia trazer sinão a virgem, de modo que si acontecesse quebrar a castidade, havia de rompe-la, para que todos conhecessem sua falta. Eis como Gabriel Soares se exprime a este respeito no cap. 152: « E como o marido lhe leva a flôr, é obrigada a noiva a quebrar estes fios para que seja notorio que é feita dona; e ainda que uma moça destas seja deflorada por quem não seja seu marido, ainda que seja em segredo, hade romper os fios de sua virgindade, que de outra maneira cuidará que a leva o diabo, os quaes desastres lhes acontecem muitas vezes, etc.»

Este simples traço é bastante para dar uma idéa da moralidade dos tupys; e vinga-la contra os embustes dos chronistas que por não comprehenderem seus costumes, foram-lhes emprestando gratuitamente, quanto inventavam exploradores mal informados e prevenidos.

Em que sociedade civilisada se observa tão profundo respeito pela união conjugal, a ponto de não consentir-se que a mulher decahida conserve o segredo de sua falta, e illuda o homem que a busque para esposa?

A resignação com que a moça culpada rompia a liga da virgindade, e fazia confissão publica de seu erro; é um exemplo da lealdade do caracter tupy, e da veneração que inspiravam os ritos de sua religião.

Nega Southey, cap. VIII, que a liga vermelha e o respeito que ella inspirava indicassem guarda da castidade, porquanto a castidade como a caridade é virtude da civilisação; do mesmo modo considera o amor uma delicadeza da vida civilisada. São paradoxos de escriptor. Sentimentos naturaes á creatura humana, desenvolvem-se nella em qualquer estado e condições.

Não é possivel negar a castidade da mulher tupy; além desse recato da virgindade, prova-a de modo cabal a continencia que homens e mulheres guardavam em certas circumstancias. Assim, nenhum homem tinha relações com a mulher inubil, nem ella o consentia; o proprio marido não violava essa lei, embora tivesse a esposa em seu poder. Gabriel Soares cit. Durante a gravidez e a amamentação interrompia-se absolutamente o ajuntamento conjugal. (Barlœus 2º edic.)

Onde está a sociedade civilisada, que observe leis tão rigorosas, e refreie os instinctos sensuaes com a severidade usada pelos tupys?

Poderiamos fazer muitas outras observações que reservamos para um estudo especial ácerca dos selvagens brazileiros.

Pag. 10

Taary—Rio que despeja no Tocantins, pouco depois da confluencia do Araguaya. Indica o lugar da scena.

Pag. 10

Araguaya.—O nome é araguara, de *ara* e *guara*, litteralmente, os guerreiros das araras, porque usavam nos seus ornatos das pennas encarnadas daquellas aves. Conservei a versão que ficou no nome do rio.

Pag. 11

Cem dos melhores guerreiros.— Nesta e outras phrases identicas, os numeraes cem ou mil não representam algarismo exacto, que não os tinham os tupys para exprimir numero tão elevado. Traduzem apenas esses termos a desinencia *tiba*, com que os tupys designavam copia e multidão.

Pag. 11

Aracy. — Esta palavra tupy compõe-se de *ara* dia e *cey* ou *cejy* grande estrella. Este ultimo nome davam os indigenas ás pleiades, que servia-lhes para contar os annos.

Pag. 12

Kanitar.—Enfeite de cabeça. Adoptei esta designação empregada pelos autores sob a authoridade de Hans Stade por me parecer mais euphonica. A exacta lição pede *acanga atara.*

Pag. 12

Tocantim.— Compõe-se de *tocano* e *tim* ; litteralmente o nariz, o rostro do tocano. Nome que tomou um guerreiro por trazer na cabeça o despojo de um tocano com o grande bico da ave; e que transmittido a uma nação selvagem, ficou designando o rio a cujas margens vivia.

Pag. 12

As duas nações não estão em guerra.— As nações tupys não viviam em um estado perenne de guerra, como propalaram alguns escriptores. A guerra era frequente ; mas não constante. As nações faziam a paz e nella se mantinham até que sobrevinha alguma causa de rompimento. Então não começavam as hostilidades, sinão depois de annunciada a guerra ao inimigo, o que se fazia lançando-lhe uma flecha na taba, ou levando-lhe um guerreiro o desafio.

E' uma prova do caracter leal dos selvageus. Foi depois da colonisação, que os portuguezes assaltando-os como a feras, e caçando-os a dente de cão, ensinaram-lhes a traição que elles não conheciam.

Pag. 13

Pojucan.—Contracção de uma phrase tupica. *I-po-juca*;—significa eu mato gente. Essas contracções não são arbitrarias ; ellas eram da indole da lingua e conformes ao seu systema de agglutinação. Todas as vezes que os indigenas compunham uma palavra, cerceavam as syllabas dos vocabulos que entravam na composição, para liga-las mais euphonicamente.

Lemos em Alfred Maury *La Terre et l'homme* cap. VIII o seguinte trecho :

« Nas linguas americanas, não é sómente uma synthese que concentra em uma palavra todos os elementos da idéa mais complexa ; ha ainda engrazamento (enchevetrement) das palavras umas nas outras ; é o que M. F. Lieber chama *incapsulação*, comparando a maneira porque as palavras entram na phrase, a uma caixa na qual se conteria outra que a seu turno conteria terceira, esta uma quarta, e assim por

diante. A incorporação das palavras é por vezes levada á extrema exageração nesses idiomas, o que produz a mutilação dos vocabulos incorporados ».

Esta observação é da maior justeza e conforma-se de todo o ponto com a indole da lingua, como se vê nas seguintes palavras—*A-por-u*—como gente—*A-poro-tim*—enterro gente—*A-po-çub*—visito a gente. (Vide Figueira *Grammatica da Lingua do Brasil*, pag. 54).

Pag. 13

Tapuia—de *taba* e *puir*, o que foge das tabas. Davam os indigenas esse nome a povos mais barbaros e de lingua diversa. Segundo as ultimas investigações ethnologicas, pertenciam esses povos a uma raça diversa da tupy, e muito aproximada, senão cogenere, do typo mongolico. Entretanto Orbigny *L'homme Américain*, sustenta a identidade das duas raças. tapuia e tupy.

Pag. 13

Tacape.— Davam os tupys o nome de *apem*, a um corpo alongado de fórma analoga á espada, e como ella cortante. D'ahi vinha chamarem a unha—*po-apem*, espada do dedo ; e á raiz que surge da terra e se eleva como um galho—*sapo-pema* — raiz espada.

A sua principal arma de guerra chamaram *ita-ca-apem*, espada de páo-pedra ; ou *ita-ki-apem*, machado comprido de pedra, por ter sido dessa materia que primeiro o fabricaram, antes de aprenderem a lavrar a madeira.

A'cerca da força dessa arma e da destreza com que a ma-

nejavam, diz Lery, que um tupinambá com ella armado daria que fazer a dois soldados de espada.

Pag. 13.

Guerreiro chefe.— Para comprehender-se bem a força dessa designação, diremos alguma cousa á cerca da hierarchia selvagem.

Como a religião, era simples o governo dos tupys; mas não careciam delle, segundo inculcam os chronistas: antes o tinham, e bem regulado para o seu estado de civilisação.

Podemos distinguir na taba selvagem, uma sociedade civil e uma sociedade politica; a primeira reduzida á familia, e a segunda exclusiva á subsistencia, defesa e a guerra.

Á sociedade civil era constituida pela *oca*, a casa, onde o varão, *aba*, morava com suas mulheres, sua prole, os servos que trabalhavam para grangear as filhas em casamento; os captivos que fazia da guerra; e os parentes que aggregava a si.

O dono da casa, ou litteralmente o que fazia a casa, *moacara* era a perfeita imagem do patriarcha. Elle governava a sua gente; e formava uma sociedade independente, no seio da grande sociedade politica, de que era membro e para cuja defesa concorria não só por interesse proprio, mas pela honra da nação.

Moacara nos diccionarios significa fidalgo. A traducção ressente-se da preoccupação do homem civilisado; mas havia realmente uma distincção entre o *moacara*, chefe da oca, pai de muitos guerreiros, e o simples individuo que ainda não possuia uma familia.

A sociedade politica, *taba*, era a reunião das ocas. Essa denominação vem de *tama* a patria, o berço, a terra natal, e *aba* desinencia que indica o lugar, modo, instrumento da cousa. Assim *taba* significa litteralmente onde ou o que faz a patria; isto é; aldêa natal.

O governo da *taba* essencialmente democratico residia no conselho dos *moacaras*, entre os quaes predominava a experiencia dos anciões, que se chamavam *abarés* ou *abaetês*; isto é, varões eggregios.

Nações essencialmente guerreiras, tinham um chefe para governa-las nas jornadas e batalhas. A estes davam o nome de *tuxava*, ou *tauxab*, o dono da taba, *morubixaba*, o que governa o povo; de *moro*-gente, e *aba*, desinencia.

Quando as nações eram grandes e não cabiam n'uma taba, destacavam-se alguns *moacaras* com suas familias e formavam novas tabas, sujeitas á taba mãe. Dahi se originaria a differença das duas designações, vindo então *tauxaba* a designar o simples chefe de uma taba; e *muruxaba* o chefe da taba primitiva, ou da nação, *moro*.

Tambem acontecia que muitas vezes um *moacara* poderoso separava-se de sua nação por causa de alguma dissenção intestina, e constituia-se independente com seus desdendentes, e os guerreiros a elle sujeitos pelo parentesco. Essa *oca* independente, chamava-se *moroca*, isto é, oca de gente, de tribu e não mãis de familia. O termo *moloca* tão frequente nos chronistas não è senão corruptela daquelle, e pode corresponder ao de tribu ou horda.

A nomeação do chefe participava da natureza dessa sociedade democratica e guerreira. O mais audaz e o mais forte impunha-se: a permanencia de sua autoridade, bem como sua extensão, dependia do respeito que elle conseguia infundir a seus guerreiros.

No momento em que surgia outro ambicioso a disputar o poder; este tornava-se o premio do mais valente. Acontecia então que o vencido com seus sectarios revoltava-se; e dahi as frequentes guerras intestinas,que anniquilaram a raça indigena, ainda mais talvez do que a crueldade dos europêos.

Na morte do *morubixaba* occorria igual pleito. O filho apossava-se do poder pelo direito de herança; e o conservava si não apparecia algum emulo mais poderoso que lh'o arrebatasse.

Fallando com as nossas theorias da civilisação, podemos

dizer que a base desse poder executivo era, como nas republicas, o suffragio universal. Mas era o suffragio sempre activo e vigilante; prompto a inclinar-se ao merecimento superior, onde elle se revelasse.

Entre o chefe guerreiro, (poder executivo) e o conselho dos *moacaras* (poder legislativo) os conflictos eram inevitaveis. Morubixaba haveria, como o celebre Cunhanbebe, que era um verdadeiro despota. O tacape de muito heróe tupy hade ter governado tão absolutamente como a espada de Cesar ou de Napoleão.

Outros conflictos tambem se deviam dar frequentemente entre a influencia dos *pagés* e o poder do chefe ou dos anciões. Aquelles sacerdotes, cercados do respeito dos guerreiros; fortes pelo prestigio de seus augurios e sortilegios, tentariam insuflados pela ambição governar a taba, ou pelo menos fomentar a resistencia ao chefe,

Eis em escorço as paixões que deviam agitar aquella sociedade politica, depois da guerra que era maior preoccupação.

Além dos ocas, ou familias, havia na taba uma especie de oca mais vasta e commum. Nessa parece que moravam aquellas pessoas, que já não tinham oca, e estavam a cargo da nação; taes eram as *velhas*, e por este nome devem-se entender as mulheres sem companhia de marido, nem parentes ; os orphãos, aos cuidados daquellas mãis emprestadas ; e finalmente as moças que não faziam vida conjugal.

Vejamos agora a sociedade civil, tal como a podemos induzir dos acanhados esclarecimentos que nos deixaram os chronistas.

O casamento, base da familia, devia ter alguma cerimonia simbolica, ainda que não passasse da simples entrega da noiva ao varão. Essa minha supposição funda-se no facto de haver entre esses povos um casamento bem caracterisado, e não simples coito.

A mulher legitima distinguia-se pelo nome. O marido a chamava *termireco* isto é, a verdadeira mãi de meus filhos ; em quanto que ás outras mulheres, suas amantes, chamava *aguaçaba*. O marido tinha tambem um nome especial *menda*, que o distinguia do simples amante.

Accresce que para obter a noiva o varão sujeitava-se a certas condicções, e até mesmo a provas de coragem; d'onde devemos inferir com boa razão, que não era esse um acto insignificante para os selvagens, a ponto de não o distinguirem com uma formula qualquer, elles que em outros pontos eram tão cerimoniosos, como na recepção do hospede, na declaração da paz ou da guerra.

Os chronistas porém não se occuparam disso e todo seu tempo foi pouco para lamentarem a polygamia dos tupys, tirando logo d'ahi argumento para pintarem os selvagens vivendo a modo de cães.

E' uma falsidade. Os tupys tinham moralidade conjugal, e até muito severa. O adulterio era punido de morte; e tambem por isso permettia-se o divorcio por mutuo consentimento.

A polygamia dos tupys foi da mesma natureza da que existiu entre os hebreus; era uma polygamia patriarchal, filha das condições da vida selvagem, e não a polygamia sensual dos turcos e outros povos do oriente, produzida unicamente pelo requinte da libidinagem.

Comprehende-se que no estado selvagem ou primitivo, a mulher, fraca para resistir aos perigos que a rodeiavam, tinha necessidade de acolher-se ao amparo e protecção do homem. Por outro lado cada varão no interesse não sómente de sua gloria, como de seu poder, carecia de rodear-se de uma familia numerosa, e de gerar do seu proprio sangue, os seus guerreiros.

Entretanto, e é isto que distingue a polygamia patriarchal, a posse de muitas mulheres não destruia a instituição da familia, bem caracterisada pela preeminencia da primeira mulher ou a verdadeira esposa; e pela adopção dos filhos nascidos das outras mulheres, que se tornavam todos filhos da esposa, ou da verdadeira mãi *temireco*.

Muita cousa poderia dizer ácerca da educação dos filhos e da condição da mulher, mas não cabe esse estudo em uma nota. Mais tarde e a proposito é possivel que o faça.

Para a intelligencia do texto basta saber-se que além da

esposa, *temireco*, mãis da familia, das amantes, *aguaçabas* que faziam parte da familia na condição de servas, havia 1• — as virgens *cunhantem* — mulheres debalde, que pertenciam a familia, e se destinavam para esposas dos guerreiros que as obtivessem pelas provas de esforço e denodo. 2º As velhas, ou mulheres já privadas de seus maridos, e que ficavam sob a protecção da communhão, incumbidas da educação dos orphãos, e dos filhos anonymos. 3º as *moças* ou mulheres que despresavam o casamento e viviam livremente acceitando o amor do guerreiro que lhes agradava, e dos quaes tinham filhos, que não pertenciam á familia, mas á tribu; eram estas as mulheres que offereciam seu amor como penhor de hospitalidade, ao estrangeiro que chegava á taba. 4º finalmente, a classe infeliz abandonada de todo o sentimento e de todo o pudor, á qual davam o nome de *moryxaba*, litteralmente cousa de todos; ou segundo o testemunho de Ives d'Eureux— *menondere*, que equivalia a ladra; porquanto entendiam os selvagens que a mulher roubava seu primeiro amante dando ou vendendo a outro o amor que lhe pertencia.

Ainda nesta ultima escala, se estão manifestando as leis severas do recato e fidelidade da união sexual entre os selvagens. Além do casamento legitimo, havia o concubinato, como existiu entre os romanos, produzindo direito e obrigação reciproca. A mulher que trahia a fé conjugal, ou o concubinato, era uma adultera, isto é, uma ladra e descia á ultima infamia. O marido tinha o direito de matal-a; o amante entregava-a ao despreso da tribu.

Pag. 14

Jaguaré agradece a Tupan.—Não achando entre os aborigenes templos e idolos, ainda que alguns chronistas attestam a existencia dos ultimos; foram os colonisadores peremptoriamente declarando atheus a esses povos. Mas logo com incohe-

rencia flagrante, reconheciam a existencia de uma superstição, que outra cousa não é a religião na infancia da humanidade.

Os tupys adoravam uma excellencia superior, Tupan, que se manifestava pelo raio e pelo trovão; donde se induz o grande poder que attribuiam á essa divindade. Seu nome de raça apresenta uma affinidade que faz presumir a crença de uma descendencia celeste.

Tambem temiam os tupys o espirito do mal, personificado em Anhanga, o fantasma, que habitava as trévas, e aquem referiam um poder funesto. Para conjurar essa divindade malefica, tinham sacerdotes, os pagés, que buscavam sua força e virtude no fumo da planta sagrada, o tabaco.

Além disso contava a mithologia tupyca genios bons e máos, que habitavam as florestas e os rios, e percorriam as solidões montados em caitetus, ou transformados em certos animaes. Entre estes mencionarei o caipora e a mãi d'agua, cuja abusão transmittiu-se á raça conquistadora, e de que ainda se encontram vestigios entre as populações do norte.

Não ha contestar que ahi está uma religião bem caracterisada. Mas como faltassem templos e idolos; os descendentes dos barbaros gauleses, godos, francos, e celtas não podiam admittir na America, uma religião sem culto regular, qual a tiveram aquelles selvagens europeus.

Entre os viajantes que mais tarde percorreram a America havia espiritos superiores, dedicados ao estudo da humanidade, que investigavam sem prevenções, a origem e indole das raças indigenas do novo mundo. Na primeira plaina destes sabios figura Alexandre Humbold.

O eminente naturalista assignalou a causa dessa auzencia de culto, dos aborigenes do Brazil, quando observou que o anthropomorphismo da divindade se manifesta por dois modos; da terra ao céo, como na Grecia, ou do céo á terra como na America. *Voiage ou Nouveau Continent* — 8.º volume pag. 243.

Quando a imaginação do homem personificando a divindade á sua imagem a faz subir ao céo, como os numes pagãos da

Grecia, ella é levada naturalmente a offerecer-lhe uma constante adoração com que mantem o vinculo da creatura ao creador. Dahi a necessidade de idolos, que simbolisem esses numes, e a tenham presente aos olhos mortaes.

Diverso porém é quando concebendo a divindade á sua imagem, o mortal a humana inteiramente, transportando-a do céo á terra. Então o homem figura-se não a creatura, mas o descendente, o filho de seu deus.

Desapparece a necessidade dos idolos, pois a verdadeira representação da divindade na terra é o mesmo homem que a continúa. Cada um tem o seu nume em si. A adoração transforma-se naturalmente no culto da propria individualidade, nessa exageração prodigiosa do estalão humano, que distingue as idades heroicas.

E' pela ostentação da coragem, da força, da grandeza de animo, que o selvagem se elevava até o deus, seu progenitòr; e não pela adoração, pelas preces e offerendas usadas no paganismo grego, o qual estava bem longe da humildade evangelica do christianismo. Os tupys não carecião pois de orações e sacrificios ; as façanhas com que se mostravam dignos de sua origem celeste, eram as melhores oblações de seu culto.

Tal era o respeito que o selvagem professava pela dignidade humana que matava as pessoas mais caras quando não se podiam curar da enfermidade. Essa implacavel sujeição ao mal, abatia e humilhava uma raça forte e guerreira.

Muitos outros exemplos podia apresentar dessa elevada consciencia da individualidade, que destinguia no mais alto ponto o selvagem brasileiro.

Eis o que não souberam ver os chronistas, quando taxaram de atheus aos indigenas americanos.

Abstrahindo da moral absoluta em que só ha uma verdade, a do christianismo, e tomada a questão no ponto de vista da arte, não se pode recusar á essa religião tupy, que nivela o homem á divindade, certo cunho de grandeza selvagem, e um vigoroso sentimento da individualidade.

O paganismo grego lhe fica inferior nesse ponto da digni-

dade humana ; ao passo que elle tornava a raça de Japeto escrava submissa dos deuses, e victima de seus caprichos e vinganças ; na mythologia americana o homem é o filho, e o emulo da divindade.

A' parte as ficções graciosas do espirito hellenico, a mythologia grega só tem uma creação que reveste a magestade da religião tupy, é a creação dos semi-deuses, em que se operava o antropomorphismo terrestre da divindade, qual se deu na America.

Considerando-se divino, o selvagem americano acreditava-se combatido por um ente malefico, antagonista do deus de quem descendia. Nos achaques e miserías que affligem a humanidade via as manifestações desse poder funesto. Os sacerdotes o esconjuravam por sortilegios; os heróes porem resistiam-lhe pela constancia e o affrontavam.

A'essa religião simples e sem apparato, como devia ser uma religião das florestas, professada por povos caçadores e guerreiros, coroava a crença profunda e inalteravel da immortalidade da alma, revelada pela veneração ás cinzas dos mortos, e pelas cerimonias da inhumação.

Os indigenas encerravam suas mumias em tumulos especiaes, a que davam o nome de *Camucins*; e as acompanhavam não só das armas e objectos de uso proprio, como de alimentos para a viagem aos campos alegres, onde iam reviver os guerreiros e suas mulheres.

Basta este rapido esboço para dar idéa da religião dos tupys, e avaliar do criterio daquelles que os consideravam estranhos á qualquer noção da divindade.

Um povo que mantinha as tradições a que alludimos, não era certamente um acervo de brutos, dignos do desprezo com que foram tratados pelos conquistadores. E quando através de suas falsas apreciações, a verdade póde chegar até nossos tempos ; o que não seria, si espiritos despreoccupados e de vistas menos estreitas, vivendo entre essas nações primitivas, se applicassem ao estudo de suas crenças, tradições e costumes.

Os jesuitas que podiam melhor realisar esse estudo, eram

induzidos a exagerar a ferocidade e ignorancia dos selvagens, no interesse de tornar indispensavel sua chatechese. Ja imbuidos da intolerancia religiosa, a politica exagerava ainda mais sua suspeição.

Pag. 15

Ubiratan.—Páo ferro; litteralmente *ubira*—madeira, e *atan*—duro. *Atan* não é senão a palavra *ita* com a terminação *ana*, que na lingua tupy servia para a formação dos adjectivos. *Itana*, o que tem a natureza de pedra. Assim, de pedra fizemos nós pedregoso. Rigorosamente *ubiratan* é *páo pedra*; pois que os indigenas não conheciam o ferro. Era dessa madeira que faziam os tacapes.

Pag. 15

O chefe tocantim.— Os auctores empregam em geral os termos maioral, principal, para designar o cabeça de uma tribu ou nação indigena. Alguns, como Southey, serviram-se do termo cacique, adoptado dos Araucanos; Barlœus chamou-os classicamente de reis

Neste livro, como em *Iracema*, preferi traduzir o termo indigena *tuxaba*, por *chefe*; e fui levado pela razão de ser além de muito apropriado e vulgar, um termo nobre e susceptivel de entrar no estylo o mais elevado, sem laivos de affectação. Ao *morubixaba* pela mesma razão chamei chefe dos chefes.

Pag. 19

Calcou a mão sobre o hombro esquerdo. A'cerca desse modo symbolico de assegurar o vencedor seu imperio sobre o captivo, é curioso o que referiu e notou *Ives d'Evreux* cap. XIV.

« Então eu soube que era uma cerimonia de guerra praticada entre essas nações, que quando um prisioneiro cahe na mão de algum, aquelle que o toma, bate-lhe com a mão na espadua dizendo-lhe : « Eu te faço meu escravo ; » e desde então esse pobre captivo, por maior que seja entre os seus, se reconhece escravo e vencido, segue o victorioso, o serve fielmente, sem que seu senhor importe-se com elle; tem liberdade de andar por onde lhe parece, não faz sinão o que quer e ordinariamente espoza a filha ou irmã de seu senhor, até o dia em que deve ser morto e comido ».

Depois o missionario lembra as palavras de Isaias cap. 9—*Factus est principatus super humerum ejus*—e cap. XXII—*Dabo clavem dominis David super humerum ejus* ; e mostra a conformidade desse rito dos tupys com as tradições dos hebreus e outros povos primitivos.

Pag. 20

Precisa de um prisioneiro.—Era entre os selvagens maior honra conduzir da guerra um prisioneiro, para ornar o seu triumpho e a festa de victoria, do que mata-lo em combate. Veja Gabriel Soares—cit. na nota 4'.

Cap. 2º

Pag. 23

Chammas de alegria. Methaphora tupy. Chamavam a alegria e a festa *toryba*, litteralmente, grande quantidade de fogueiras.

Pag. 25

Historia de guerra. Os tupys para exprimirem historia, ou narrativa, diziam *maranduba*, conto de guerra,de *mara*—guerra —*nheng*—fallar e *tuba*—muito ; fallar muito de guerra.

Depóis applicaram os indigenas essa palavra á toda narrativa, si é que não crearam para as outras historias o termo analogo de *poranduba*, composto de *poro*, *nheng*, e *tuba*—fallar muito da gente.

Os indios eram muito apaixonados dessas narrações, em que mostravam sua natural eloquencia. Informa-me o Dr. Coutinho, incansavel explorador do valle do Amazonas, que ainda hoje nenhum indio chega de viagem, que não diga a sua maranduba, que é o recito circumstanciado de quanto viu e lhe aconteceu em caminho.

As vezes traduzo o termo ; outras o emprego original para mais incutir no livro o espirito indigena. Do mesmo modo procedi ácerca de outros termos euphonicos taes como *tuxaba*, *morubixaba*, *moacara*, *nhengaçara etc.*

Pag. 33.

Os cantores.— Os tupys eram muito dados á musica e á dansa.

Lery falla com enthusiasmo da doçura de seus cantos ; e Ferdinand Denis pag. 24, affirma não sei com que fundamento que á imitação dos Chataws da America do Norte, certas nações do Brasil gosavam do privilegio de fornecer poetas e musicos aos outros povos, como succedia com os tamoyos entre os tupys.

Gabriel Soares—cap. 162—descreve os cantos, improvisos, e dansas dos tupinambás, concluindo com estas palavras :

« Entre este gentio, os musicos são muito estimados e por onde quer que vão, são bem agasalhados e muitos atravessaram já o sertão por entre seus contrarios, sem lhes fazerem mal ».

CAP. 3º

Pag. 37.

Como chefe pertence-lhe a virgem ect. Barlœus—2ª. ediç. pag. 423.—Quotquot lucta, hastarum concursu ac venatu prœcellunt, eminentiores habentur et ut hæroum numero, qui ob virtutis fortitudinisque excellentiam ab ipsis virginibus ambire mœrentur, cum meliores ex melioribus nasci opinentur, nec vanum esse nobilitatis nomen, sed cum sanguine transfundi.» — Quantos disputam em jogos de lança e caça; os eminentes são tidos no numero dos heróes; os quaes pela excellencia da virtude e fortaleza merecem possuir as mesmas virgens; por quanto pensam que os melhores nascem dos melhores; nem é vão nome a nobreza, pois se communica pela transfusão do sangue.

Pag. 38

Purifica o corpo.— Os selvagens distinguiam-se pelo apurado asseio. Ives d'Evreux diz a este respeito. « — Ils sont fort soigneux de tenir leur corps net de toute ordure : ils se lavent fort souvent tout le corps, et ne se passe jour qu'ils ne jettent sur eux force eau et se frottent avec les mains de tous cotés et en toutes les parts, pour oster la poudre et autres ordures. Les femmes ne manquent de se peigner souvent.

Pag. 38.

Urú.— Tinham os indigenas varias especies de moveis para guardar objectos. O *urú* era um cesto aberto. *Panacum* era um cesto maior com tampa. *Samburá* era cesto com orelha, corrupção de *nambi* e *urú*, litteralmente cesto de orelha. Tinham ainda os selvagens o *patiguá* ou *patuá* que era uma caixa de palha ou couro; e o *mocó* pequeno surrão da pelle felpuda do coelho. Todos estes nomes ainda são usados no norte para designar os mesmos objectos, productos da industria indigena, aproveitada pelos colonisadores.

Pag. 40

Coqueiros.— Ao que disse em nota de Iracema ácerca do indigenismo desta planta accrescentarei a noticia que della nos deixou Guilherme Piso—*Historiæ Rerum Naturalium Brasiliæ* Liv. 8º pag. 138.

« *Inaià Guacuiba* cujus fructus *inaiaguacú* brasiliensibus; in congo vocatus *Ejaquiambutú* et fructus *Quetiniga quiambutú*: Palma nucifera, lusitanis *coqueiro* et fructus illius *coco*; qui tribus suis foraminulis lavam representat. Arbor caudice raro recto, sed plerumque incurvato, quatuor, quinque sex aut etiam septem pedes crasso, triginta, quadraginta et interdum quinquaginta pedes alto ».

E' esta mesma palmeira que os Mexicanos chamavam *Coyolli*. Piso viu em 1640 na cidade Mauricea (Recife) transplantarem-se pés que tinham mais de 24 annos.

Pag. 42

Cabellos.— Pelos cabellos costumavam distinguirem-se as diversas nações indigenas. Southey—I cap. 8°. Das mulheres diz Barlœus :—*Fœminis coma promissa nisi per luctus tempora aut absens marito.*—pag. 36. Traziam as mulheres a madeixa longa, salvo no tempo do lucto ou ausencia do marido.

Mais um traço do caracter e costumes indigenas. Durante a ausencia do marido, a mulher trazia uma especie de luto, ou mostra de tristeza e saudade, que era symbolisada pelo sacrificio das longas tranças dos cabellos.

Pag. 43

Braços que tu querias para tua cintura. Metaphora da lingua tupy, que exprime o amor; *aguacaba* a amante, litteralmente, o que se tem á cintura.

Pag. 44

Escravo.— A'cerca das leis do captiveiro entre os indios lêam-se os dois capitulos XV e XVI, que a este assumpto consagrou Ives d'Evreux, citado.

Os captivos viviam em plena liberdade na taba de seus senhores, e era muito raro que fugissem, porque se consideravam ligados por um vinculo, desde o momento em que o vencedor lhes calcava a mão sobre a espadua. Quebrar esse vinculo, era por elles considerado uma deshonra.

Até os prisioneiros destinados ao supplicio, preferiam a morte gloriosa a se rebaixarem pela fuga no conceito de seu

inimigos. « Muitas vezes as mulheres tomavam substancias que provocavam o aborto, não querendo passar pela miseria de verem trucidada a prole; e não raro favoreciam a fuga dos tristes maridos d'alguns dias pondo-lhes comida nos bosques e até escapulindo-se com elles. Frequentemente succedeu isto a prisioneiros portuguezes ; os indios brasileiros porém julgavam deshonrosa a fuga, nem era facil persuadi-los a toma-la ». Southey—cap VII onde cita Noticias do Brasil, II, 69 e Herrera 4, 3, 13.

Abbeville ainda é mais explicito:—Ft bien que estant desliéz et libres comme ils sont, ils puissent fuir et se sauver, si est ce que ils ne font jamais encore qu'ils soient assuréz de estre tuez et mangez au bout de quelque temps Car si quelqu'un des prisiomiers s'estait eschapé pour retourner en son pays, non seulement il serai tenu pour un *couaen eum*, c'est a dire poltron et lasche de courage; mais aussi ceux de sa nation mesme ne manqueroient de le tuer avec mille reproches de ce qu'il n'aurait pas eu le courage d'endurer la mort parmi ses ennemis, comme si ses parents et tous ses semblabes n'etaient assez puissants pour venger sa mort. etc. pag. 290.

As leis da cavalheria no tempo em que ella floresceu em Europa não excediam por certo em pundonor e brios á bizarria dos selvagens brasileiros. Jámais o ponto de honra foi respeitado como entre estes barbaros, que não eram menos galhardos e nobres do que esses outros barbaros, godos e arabes, que fundaram a cavallaria.

Ahi está uma pedra de toque para aferir-se do caracter do selvagem brasileiro, tão deprimido por chronistas e novelleiros, avidos de inventarem monstruosidades para impingi-las ao leitor. Nem isso lhes custava ; pois a raça invasora buscava justificar suas cruezas rebaixando os aborigenes á condição de feras, que era forçoso montear.

Pag. 47

O supplicio. — Outro ponto em que assopra-se a ridicula indignação dos chronistas é á cerca da antropophagia dos selvagens americanos.

Ninguem póde seguramente abster-se de um sentimento de horror ante essa idéa do homem devorado pelo homem. Ao nosso espirito civilisado, ella repugna não só á moral, como ao decoro que deve revestir os costumes de uma sociedade christã.

Mas antes de tudo cumpre investigar a causa que produziu entre algumas, não entre todas as nações indigenas, o costume da antropophagia.

Disso é que não curaram os chronistas. Alguns attribuem o costume á ferocidade, que transformava os selvagens em verdadeiros carniceiros, e tornava-os como a tigres sedentos de sangue. A ser assim não faziam mais do que reproduzir os costumes scythas, que sugavam o sangue do inimigo ferido, —quem primum interemerunt, ipsisé vulneribus ebibere. Pomponus Mœla. Descrip. da Terra.—Liv. 2º cap. 1º.

Outros lançam a antropophagia dos americanos á conta da gula, pintando-os a igual á horda bretã das Gallias, os Atticotes, dos quaes diz S. Jeronymo que se nutriam de carne humana, regalando-se com o ubere das mulheres e a fevera dos pastores. (*S. Hieronimo IV. — pag.* 201, *adv. Jovin.— Liv.* 2º.)

O cannibalismo americano não era produzido, nem por uma nem por outra dessas causas

E' ponto averiguado, pela geral conformidade dos autores mais dignos de credito, que o selvagem americano só devorava ao inimigo, vencido e captivo na guerra. Era esse acto um perfeito sacrificio, celebrado com pompa, e precedido por um combate real ou simulado que punha termo á existencia do prisioneiro.

Simão de Vasconcellos, chronica da companhia, I § 49, allude a uma velha que sentia entojos por não ter a mãosinha de um rapaz tapuia para chupar-lhe os ossinhos: e Hans Stade pag. 4. cap. 43 e seg, conta a historia de dois individuos moqueados pelos tubinambás, e guardados para um banquete

Não exageremos porém esses factos isolados, alguns dos quaes podem não passar de caraminholas, impingidas ao pio leitor. Os costumes de um povo não se aferem por accidentes, mas pela pratica uniforme que elle observa em seus actos.

Si os tupys fossem excitados pelo apetite da carne humana. elles aproveitariam os corpos dos inimigos mortos no combate, e que ficavam no campo da batalha. A guerra se tornaria em caçada ; e em vez de montear as antas e os veados, os selvagens se devorariam entre si.

Não ha porém escriptor serio que deixasse noticia de factos daquella natureza; e não me recordo de nenhum que referisse exemplo de serem devoradas mulheres e meninos; salvo quanto aos ultimos, o filho do prisioneiro de guerra. (Not. do Brasil. —II. 69), do que tenho razão para duvidar.

Parece-nos pois que a idéa da gula deve ser repellida sem hesitação. Si em algumas tribus ou malocas se propagou o apetite depravado, essa degeneração foi por ventura devida ao contagio dos Aymorés, cuja invasão é posterior ao descobrimento. Em todo o caso é uma excepção que não póde preterir o rito da religião tupyca.

Tambem pela contraprova, havemos de excluir a ferocidade, como razão do cannibalismo americano.

Si o instincto carniceiro dominasse o tupy, elle se lançaria sobre o inimigo como o scytha, ou o sarraceno de que falla Am. Marcellinus, para sugar-lhe o sangue da ferida; e trincar-lhe as carnes ainda vivas e palpitantes.

Mas ao contrario vemos que o guerreiro tupy tinha por maior bizarria captivar seu inimigo no combate, e trazel-o prisioneiro, do que mata-lo. Chegado á taba, em vez de o torturar dava-lhe por esposa uma das virgens mais formosas

a qual tinha a seu cargo nutril-o e tornar-lhe agradavel o captiveiro.

Releva notar que a idéa da antropophagia já era commum na Europa, antes do descobrimento da America; não só pelas tradições dos barbaros, como pelas crendices da media idade, nas quaes figuravam gigantes e bruxas, papões de meninos. Que thema inexgotavel para a imaginação popular, não veio a ser a primeira noticia, sinão conjectura; sobre o cannibalismo do selvagem brazileiro?

Chronista ha que nesse costume, onde se está revelando a força tradiccional de um rito; não enxergou sinão o zelo do glotão, que engorda a presa para saboreal-a. Mas essa ridicula supposição nem ao menos se conforma com o teor da vida selvagem, a qual desconhecia a industria da criação.

O selvagem comia a caça como a encontrava no mato, gorda logo depois do inverno; e magra na força da seca. Não se dava ao trabalho de a engordar. Porque motivo se havia de affastar desse uso acerca do homem, si o homem fosse para elle uma especie de caça?

E por ventura faria parte do processo da engorda do bipede, o accessorio de uma companheira formosa e na flor da idade, qual invariavelmente a davam ao prisioneiro?

E' obvio que esse uso tinha outra razão mui diversa. Não se tratava de engordar o prisioneiro, mas de fortalecel-o, para que elle morresse com honra no dia do sacrificio, que devia ser o seu ultimo combate.

Ainda nessa occasião, os vencedores ostentavam sua gravidade, deixando que o prisioneiro exaltasse o proprio valor e os affrontasse com seu despreso. Só chegado o momento depois de celebrada a cerimonia, o abatiam com um golpe de tacape.

A ferocidade não se coaduna com a calma e comedimento desse proceder. Póde-se explicar o sacrificio humano dos tupys por um intenso e profundo sentimento de vingança; mas não por sanha brutal.

Ferdinand Saint Denys (*Univers, Bresil*, pag. 30) diz com

muito criterio: — *En acomplissant ces sacrifices, les tupinambás n'obeissaient pas, comme pourraient le croire quelques personnes, à un gout depravé qui leur aurait fait préférer la chair humaine á toutes les autres ; ils etaient mus avant tout par un sprit de vengance que se transmettait de génération en génération, et dont notre civilisation nous empeche de comprendre la violence.*

Não era porém a vingança a verdadeira razão da antropophagia. O selvagem não comia o corpo do matador de seu pai ou filho, si acontecia matal-o em combate. Abandonava o cadaver no campo, e apenas cortava-lhe a cabeça para espetal-a em um poste á entrada da taba, e arrancava-lhe o dente para tropheu.

A vingança pois esgotava-se com a morte. O sacrificio humano significava uma gloria insigne reservada aos guerreiros illustres ou varões eggregios quando cahiam prisioneiros. Para honra-los, os matavam no meio da festa guerreira ; e comiam sua carne que devia transmittir-lhes a pujança e valor do heróe inimigo.

Este pensamento resalta dos mesmos pormenores com que os chronistas exageraram o cruento sacrificio.

Morto o inimigo, não era devorado ; antes as mulheres tratavam o corpo e o curavam, moqueando as carnes. Essas eram guardadas ; e distribuidas por todas as tribus, incumbindo-se os que tinham vindo assistir á ceremonia, de leval-as ás tabas remotas.

Os restos do inimigo tornavam-se pois como uma hostia sagrada que fortalecia os guerreiros ; pois ás mulheres e aos mancebos cabia apenas uma tenue porção. Não era a vingança ; mas uma especie de communhão da carne ; pela qual se operava a transfusão do heroismo.

Porisso dizia o prisioneiro : — « Esta carne que vedes não é minha ; porém vossa ; ella é feita da carne dos guerreiros que eu sacrifiquei, vossos pais, filhos e parentes. Comei-a ; pois comereis vossa propria carne. » Deste modo retribuia o vencido a gloria de que os vencedores o cercavam. O he-

roismo que lhe reconheciam, elle os referia a sua raça de quem o recebera por igual communhão.

Algumas nações, tinham outra communhão, inspirada no mesmo pensamento. Era a dos ossos dos progenitores que reduziam a pó, e que bebiam dissolvidos no cauim em festas de commemoração. Este facto, assim como o sacrificio tremendo da mãi, que devia absorver em si o filho que lhe nascera morto, bem mostram que por modo algum nasceu do espirito de vingança chamado cannibalismo.

Transportemo-nos agora, não como homens e christãos, mas como artistas, ao seio das florestas seculares, ás tabas dos povos guerreiros que dominavam a patria selvagem; e quem haverá tão severo que negue a fera nobreza desse barbaro e tremendo sacrificio.

A idéa repugna; mas o banquete selvagem, tem uma grandeza que não se encontra no festim dos Atridas; e está bem longe de inspirar o horror dessa atrocidade, que entretanto não foi desdenhada pela musa classica.

No Brasil é que se tem desenvolvido da parte de certa gente uma aversão para o elemento indigena de nossa litteratura, a ponto de o eliminarem absolutamente. Contra essa estravagante pretenção lavra mais um protesto o presente livro.

Para concluir com este ponto, observaremos que nem todas as nações selvagens eram antropophagas; e que em minha opinião esse costume bem longe de ser introduzido pela raça tupy, foi por ella recebido dos Aymorés e outros povos da mesma origem; que ao tempo do descobrimento appareceram no Brasil.

Pag. 48

Esposa do tumulo. Este rito selvagem é muito conhecido, e dispensa-me de transcrever o que ácerca delle escreveram os chronistas.

Mais uma prova do caracter generoso e bizarro do selvagem brasileiro. Longe de torturarem seu prisioneiro, ao contrario se esforçavam em alegrar-lhes os ultimos dias pelo amor; davam-lhe uma esposa; e tão grande honra era esta que o vencedor a reservava para sua filha ou irmã virgem; e si não a tinha, para a filha de algum dos principaes da taba.

Fallam alguns authores da *cunhãmembira*, como de uma cerimonia em que se devorava o filho que por ventura a esposa do tumulo concebia do prisioneiro morto. Duvido da generalidade desse facto, que me parece adulterado, e seria especial aos tamoios.

Cunhãmembira, dizem esses authores significa *filho da mulhèr*; e dahi diz Southey, copiando Lery, tiravam elles uma horrivel consequencia; que era devorarem a criança.

Ora *cunhãmembira* significa, sahido do ventre da mulher. A lingua tupy não tinha outro modo de designar a maternidade: *tayra*—isto é sahido do sangue, diziam do filho ácerca do pai; e *membira*, diziam do filho ácerca da mãi. Na expressão *cunhãmembira*, não ha sinão a anteposição do substantivo *cunham* (mulher) que os indios supprimiam por superfluo; assim como supprimiam na outra palavra, dizendo simplesmente *tayra* e não *aba-tayra* sahido do sangue do varão.

Si o nome de *cunhãmembira* indicasse estar a criança destinada ao supplicio; então todos os nascidos da taba se achariam no mesmo caso, pois todos eram em relação ás mãis, *membiras* ou *cunhã membyras*.

Ainda mais, si a criança era condemnada ao supplicio pela razão de ser do sangue inimigo; parece que o nome a ella dado devia exprimir esse facto importante e derivar se antes desta phrase: *miauçub-tayra*—o gerado do sangue do captivo.

A estes filhos dos prisioneiros chamavam os indigenas *marabà*, gerado da guerra, nome honroso, que revelava o apreço em que tinham essa prole, sahida de um sangue heroico. E tanto assim era que destinavam para conceber essa prole, o seio da virgem mais illustre da taba.

Si os selvagens, que nada praticavam sem uma razão justifi-

cativa, só tinham em mira devorar os filhos do captivo, para que dar-lhe uma esposa illustre? Mais sagazmente procederiam adjudicando-lhe diversas mulheres para terem maior criação a matar.

Está se conhecendo que o tal banquete não passa de um invento de chronistas, que entenderam as outras palavras dos indios tão bem como a de *cunhãmembira* que elles diziam significar filho do inimigo.

Cunhãmembira creio eu ser a festa que se fazia pelo parto da mulher; e talvez acontecendo nascer morta a criança, se originasse a fabula, do sacrificio que então se praticava entre algumas nações de ser a mãi obrigada a absorver em si esse fructo, goro de sua fecundidade.

Pag. 49

Guaynumby.— « Persuadem-se os brasilienses haver uma ave, que chamam colibri, a qual leva e traz noticia do outro mundo. « Santa Rita Durão— Notas ao Caramurú.

Tambem chamavam os indios a esse passaro, *Guaracy-aba*— cabellos do sol; e Arati, ou Arataguaçú, segundo Marcgraff 197. Quanto ao nome de Guaynumby, ou mais correctamente Guynamby penso eu que significa o brinco das flôres. Os selvagens tiraram naturalmente essa designação do modo porque o colibri tremula,como suspenso á flôr para chupar-lhe o mel, semelhante ao movimento das arrecadas suspensas ás orelhas, e que elles chamavam *namby pora*.

Pag. 51

Jussara.— «Nas povoações feitas em terra tem muitas nações guerreiras a providencia de as segurarem e munirem com fortes muralhas, não de pedra, mas de estacas do páo duro

como pedra. Outros as fabricam de palmeira, que chamam *juçara*, cujos espinhos são tão grandes e duros, que servem a muitos de agulhas de fazer meias; e as trincheiras feitas de juçara são mais seguras que as mais bem reguladas fortalezas; porque de modo nenhum se podem penetrar e romper senão com fogo por crescerem não só cheias de grandes estrepes ou agudos espinhos, mas tão enlaçadas e enleadas umas com outras que se fazem impenetraveis. (Thesouro descoberto no rio Amazonas Part. 2ª cap. 1º no 2º vol, da Rev. da Instituto.) pag. 350.

O nome da palmeira é em tupy *espinhosa*, de *ju*—espinho e *ara* desinencia.

Pag. 54

Carbeto.— Assim chamam Ives d'Evreux e Abbeville ao conselho dos velhos entre os selvagens. Este nome deriva-se naturalmente de *caraiba*, varão illustre e *ipê*, lugar onde.

CAP. 4°

Pag 58

Hospede.—A virtude da hospitalidade era uma das mais veneradas entre os indigenas. Todos os chronistas dão della testemunho; e alguns como Lery e Ives d'Evreux descrevem com particularidade o modo liberal e generoso porque os selvagens brazileiros a exerciam.

E' certo que não escapou tambem á malevolencia dos chronistas, essa excellencia e nobreza do caracter indigena. Gabriel Soares cit. cap. 163 depois de fallar do como os tupinambás agasalhavam os hospedes, accrescenta: « e lanção suas contas si vem de bom titulo ou não; e si é seu contrario, de maravilha escapa que o não matem, etc. Southey cit. cap. 8° faz côro com essa versão que nos parece suspeita.

E' possivel que depois da colonisação, os selvagens victimas das perfidias dos aventureiros, relaxassem suas tradições; mas a hospitalidade foi sempre entre elles uma cousa sagrada, como attestam em geral os escriptores, que não referem aquella excepção.

Basta reflectir sobre o modo porque exerciam os selvagens a hospitalidade para reconhecer que não é admissivel a suspeita de Gabriel Soares. Em verdade, aquelles cuja porta estava aberta sempre ao viajante; que franqueavam o ingresso de sua cabana por tal modo que o estrangeiro nella entrava como senhor, ainda mesmo na auzencia do dono; que sem perguntar o nome de quem chegava nem d'onde vinha o agasalhavam com a maior liberalidade; esses que assim acolhiam o hospede, não podiam occultar a intenção perfida de o matar, no caso de ser

contrario. Ha uma tal contradicção entre esse desfecho e as circumstancias precedentes, que não se pode acreditar nelle pelo simples dizer de um chronista, que em muitas outras inexactidões cahiu.

Si ha traço nobre do caracter selvagem é essa hospitalidade, que o estrangeiro não pedia e sim exigia como um direito sagrado, com esta simples formula—*Vim*; ao que o dono da cabana respondia—*Bem vindo*.

O episodio da deliberação do conselho sobre o nome do estrangeiro está justificado pelo trecho seguinte de Ives d'Evreux cap. 50.

« Après ces paroles il vous dit—*Marapé derere* ? comment t'appelles tu ? quel est ton nom ? comme veux tu que nous t'appellions ? Quel nom veux tu qu'on t'impose? Où faut-il noter, que si vous ne vous estes donné et choisi un nom, le quel vous leur dites alors et desormais estes appellé par tout le pays de ce nom, les sauvages du village ou vous demeurez vous en choisiront un pris des choses naturelles, qui sont en leurs pays et ce le plus convenablement qu'il leur sera possible, selon la phisionomie qu"il verront en votre visage, ou selon les humeurs et façons qu'ils reconnaitront en vous. .... Eh bien quel nom donneront nous a un tel ton compere ? Je ne sais, il faut voir ; lors chacun dit son opinion et le nom qui rencontre le mieux et c'est reçu de l'assemblée, est imposé avec son consentement si c'est quelque homme d'honneur. »

Ainda nessa circumstancia se revela a delicadeza da hospitalidade do selvagem.

Pag. 53

Artes da paz.—E' ainda de Ives d'Evreux cap. 18, esta curiosa informação: «Je raconterai ici une jolie histoire. Un jour je m'allois visiter le grand Theon, principal des Pierres Vertes Tabaiares;

comme je fus en sa loge et que je l'eus demandé, une des ses femmes me conduit soubs une belle arbre qui estoit au bout de sa loge, qui la couvrait du soleil; lá dessous il avait dressé son mestier pour testre des licts de coton et travaillait aprés fort soigneusement; je m'étonnai beaucoup de voir ce grand capitaine, vieil colonel de sa nation; ennobli de plusieurs coups de mousquets, s'amuser á faire ce mestier et je ne peus me taire que je ne scusse la raison ésperant apprendre quelque chose de nouveau en ce spectacle si particulier. Je luy fist demander par le truchement qui estoit avec moy, á quelle fin il s'amusait á cela? il me fit responce : « Les jeunes gens considérent mes actions et selon que je fais ils font ; si je demeurais sûr mon lit á me branler et humer le petim, ils ne voudraient faire autre chose ; mais quand ils me voient aller au bois, la hache sur l'épaule et la serpe en main, ou qu'ils me voient travailler á faire des licts, ils sont honteux de rien faire, etc.

Pag. 59

Lançadeira.— Os indigenas tinham um thear que é descripto por Lery cap. 18. Usavam tambem de um fuso comprido e grosso, que as mulheres faziam girar entre os dedos, atirando ao ar, como ainda agora fazem as velhas fiandeiras do sertão.

Pag. 66

Jurandyr.—Contracção da phrase *Ajur-rendy— pira*—o que veiu trasido pela luz.

Pag. 67

Jaboty.—Contou-me o Dr. Coutinho que o jaboty para os

indios do Amazonas é o symbolo da gravidade, prudencia e sabedoria, e prometteu-me dar um apologo, em que elles celebram essas virtudes, contando a historia de um jaboty, que venceu na ligeireza ao veado, na força a onça, e assim aos mais animaes

Pag. 69

Tetivas.—Os Tetivas habitam nos olhos das palmeiras e de outras arvores: poem-lhes terra e accendem fogo. Humboldt cit, pag. 283.

Pag. 69

Mulheres guerreiras.— Allusão ás Amasonas cujá existencia é tão controvertida. Eu acredito na sua existencia, embora reconheça que houve exageração de Orellana.

Não é este o momento de elucidar este ponto da historia, ou antes mythologia do Brazil selvagem. Proponho-me a faze-lo, quando publicar uma lenda que tenho esboçada ácerca do assumpto. Nessa occasião direi o que entendo acerca da memoria do Dr. Gonçalves Dias, publicada na *Revista do Instituto.*

Pag. 70

Senhoras de seu corpo.—Methaphora tupy. No varão a parte nobre era o sangue; pelo que elle dizia do filho—*tayra*, o filho do meu sangue; e para indicar a independencia diziam *tayguara*, que os dicionarios traduzem *livre*, mas que litteralmente significa,*senhor do seu sangue.*

A mulher que dizia do filho *membyra*—o gerado de meu ventre; devia pela mesma razão usar de expressão analoga para exprimir sua liberdade, e dizer *membyjara*—senhora de seu ventre, que eu por elegancia traduzo menos litteralmente, *senhora de seu corpo.*

Pag. 68

Pará sem fim. — *Par*, diz Humboldt cit. pag, 384 é uma radical guarany e exprime agua. *Pará* creio eu que significou a grande abundancia d'agua, e foi primitivamente empregado para disignar os lagos e por ventura as vastas innundações do valle do Amazonas. Mais tarde os selvagens accrescentaram-lhe o verbo *nhane* correr, e disseram *para-nhanhe*—d'onde *paranãn* para designar as grandes massas d'agua corrente, isto é, os rios caudalosos.

Os dois maiores rios da America do Sul, o Amazonas e o Prata, ambos se chamavam *Paranãn*, assim como outros muitos do Brazil. O mesmo radical se encontra já composto em Parahyba, Parnahyba, Paranapanema, etc.

Foi a substituição do *p* pela analoga *m* que produziu o nome de *Maranhão*, acerca de cuja etimologia se inventaram tantas extravagancias.

Pag. 72

Guerreiros do mar.— Traducção da palavra tupy *caramurú* com que os tupinambás da Bahia disignaram Diogo Alvares Correia.

Caramurú é composto de *cara* alteração de *pará*—mar, e *moro*, gente; homem do mar. Os selvagens acreditavam que as aguas eram habitadas, e d'ahi nasceu a lenda da mãi d'agua, que se transmittiu á raça invasora. Nada mais natural do que chamarem ao primeiro homem branco, que lhes appareceu surgindo do oceano, Caramurú—o guerreiro do mar.

Pag. 72

Resina cheirosa.— E' o ambar, que os tupys chamavam *Piraoçurepoti*, e de que ao tempo do descobrimento abundavam as ribeiras do mar, nas provincias do norte.

Pag. 74

Moças.— E' difficil, sinão impossivel determinar actualmente, e pelas informações tão falhas quão malignas dos chronistas a condicção da mulher entre os selvagens.

Do que tenho lido colligi as idéas, a que no texto se allude mui ligeiramente, e a que em outro lugar demos maior desenvolvimento.

CAP. 5º

Pag. 80

Para servir a Itaqué.—« E quando o principal não é o maior d'aldeia dos indios das outras casas, o que tem mais filhas é mais rico e estimado e mais honrado de todos, porque são as filhas mui requestadas dos mancebos que as namoram; os quaes servem os pais das damas dois e tres annos primeiro que lh'as deem por mulheres e não as dão senão aos que melhor os servem, a quem os namoradores fazem a roça e vão pescar e caçar para os sogros que desejam de ter, e lhes trazem a lenha do mato etc. G. Soares cit. cap. 152.

Ahi está a lenda biblica de Jacob, servindo a Labam 7 annos para obter por esposa a Sara. Não consta porém que os selvagens usassem da esperteza do pai de Lia, para descartar-se de uma filha deffeituosa; si tal acontecesse entre os tupys, de que ridiculas indignações não se encheriam os chronistas ?

Pag. 80

Manaty.— E' o peixe-boi, de cujo couro mais forte que o do touro os indios fazem escudos. Annunciam a chuva, saltando acima d'agua. Gumilha—Orenoco illustrado, pag. 276.

Pag.

Biariby.— Um dos modos porque os indios assavam a caça,

e consistia em enterra-la envolta em folhas de banana, e accender em cima o fogo, cujo calor penetrando no chão cozia a carne, concentrando-lhe o sabor.

Moquem era simplesmente o assado envolto em folha e feito sobre a braza; d'ahi vem *moqueca* de que tiramos os verbos moquear e amoquecar.

Bucan, suppõe alguns que seja alteração de *moquem*; mas eu o considero termo distincto que exprimia apenas a operação de secar a carne ao fumeiro para conserva-la. Neste sentido é que Lery e Ives d'Evreux empregam constantemente o termo francez *boucaner*, derivado da palavra tupy.

Pag. 83

Pela mão da mulher.— Refere Gumilla cap. 45 que estranhando aos indios sobrecarregarem as mulheres com os trabalhos agricolas, elles retorquiram que as mulheres sabem dar fructo, o que não sabem os homens, e por isso na mão dellas as sementes nasciam e se multiplicavam.

Pag. 86

Pirijá.— Uma especie de palmeira chamada palmeira real: é espinhosa e tem fructos semelhantes ao pecego. Humboldt cit. pag. 257 e 262.

Pag. 89

Nunca Jandyra offereceria sua rede de espôsa, etc.— Aracy representa o amor da virgem tupy, segundo o costume tradic-

cional de sua nação,que admittia a communidade e partilha do amor, como um privilegio do guerreiro illustre. Ser amada exclusivamente, significava para a mulher selvagem, ser amada por um guerreiro obscuro.

Jandyra representa o exclusivismo do amor, que muitas vezes devia lutar com a lei tradiccional; porque é um impulso da natureza, a qual não é dado ao homem anniquilar embora muitas vezes a sopite.

CAP. 6º

Pag. 93

O *combate nupcial.*—Este rito de ser a virgem requestada, o premio do valor e da coragem, é attestado por grande numero de escriptores.

Barlœus pag 420:— « Lucta et hastarum concursu decertare gloriosum, finis spectanctium voluptas est, presertim amantium fœmina de cujusque fortitudine et victoria pronunciat, sic in proximo pignora, pugnandi irritamenta sunt fortitudinis prœcones, ciborum administræ.»

Pag. 100

A figura da noiva.— Esta prova de destreza era muito usada pelos selvagens. Marcgraff descreve a especie de torneio que elles faziam divididos em duas turmas, a vêr qual levava mais depressa o seu toro ao lugar destinado para acampamento. Naturalis Historia Brazilia liv. 8º cap. 12.

Conclue com estas palavras:— « qui deinceps tempus terunt hastilibus certando, luctando, currendo; quibus certaminibus duæ fæminæ ad id selectœ prœsident et judicant de singulorum virtute et victoribus.

Estes certamens guerreiros, esses jogos de lucta, combate e carreira, presididos por mulheres que julgavam do valor dos campeões e conferiam premio aos vencedores; nao cedem em galanteria aos torneios da cavallaria.

Acerca da prova á que acima nos referimos escreveu o Dr. Gonçalves Dias—*Brazil* e *Oceania* cap. 10 *Revista do Instituto* tom 30 parte 2ª pag. 155 :— « Um toro de barrigudo em um cabo delgado e de facil prehensão, semelhante aos soquetes ou massetes de que ainda entre nós se usa em muitas partes para bater a terra das sepulturas, posto que mais poderoso que este, ou um grande pedaço de tronco de palmeira, era collocado no meio do terreiro. Vinha o guerreiro correndo, tomava o tronco, continuava a carreira, saltava fossos, subia elevações, arrojava-se ás vezes ao rio com elle e quem chegava primeiro e levava mais longe a carga,esse ganhava a palma e a mulher que tinha de ser esposada. Explicou-se esse costume, de que trata Barlœus, Marcgraff e outros, e que ainda conservam algumas tribus do Piauhy pela necessidade que tinha o guerreiro de defender a mulher, e para que em occasião de perigo a podesse salvar fugindo. »

Pag. 103

O camucim da constancia.— Le-se no *Thesouro do Amazonas* cit. Tom· 3 de *Revista do Instituto* pag. 169. « O 5° predicado que tambem, como muitas outras nações conservam os Arapiuns é a prova da valentia quando casam; é um exame prévio ou o primeiro principio, como se diz nas Universidades, ás suas bodas, e uma experiencia ou tentativa de seu valor para mostrarem que posto cazem não é por efeminados, mas por valentes. Ha diversos generos dessa prova de valentia; mas uma mui ordinaria nos indios Arapiuns é encherem uns grandes e cumpridos cabaços das formigas que chamam saúgas (*saúvas*) grandes e mui bravas; ferram na carne com tanta ou mais valentia que os cães de fila; com proporção á grandeza destes e pequenez daquellas; porque os cães assim vêm a largar; mas as saúgas não largam ainda que as matem e antes perderão a cabeça ficando com as troquezes cravadas na carne do que

soltarem ellas a presa; porisso usam dellas alguns cirurgiões quando querem coser alguma cicatriz com segurança, sem usarem pontos, como adiante dizemos. Cheios pois os cabaços de saúgas, não só famintas, mas quando estão com fome talvez de dias... e sobre isso bem enraivadas com sacudidelas, presentes todos os velhos e graves da missão, sahe a terreiro o noivo examinando, destapam-se os cabaços nos quaes intrepido mette os braços, a que logo acodem as filas, já para saciar a fome, ja para desabafar a ira e já para provar e castigar o bacharel, o qual posto que as dôres o façam mudar de cores, torcer a boca, tremer o corpo, levantar as sobrancelhas e arrebentar as lagrimas, tenha paciencia, que se quer, hade aturar a bucha, emquanto os examinadores já bebendo-lhe á saude e ja dando voltas em bailes se vão regalando á sua custa. etc.

Pag. 111

Igapê.—E' o nenuphar na lingua tupy, de *Ig*, *ipe* e *potira*—flôr d'agua. Os portuguezes corromperam essa palavra transformando-a em *aguapé*, nome porque é vulgarmente conhecida. Penso eu porém que devemos restaurar o nome indigena, até mesmo porque *aguapé* tem diversa significação em portuguez.

Uma dessas nympheas, a rainha das flores, a que os indios chamavam milho d'agua, ou a flor jaçanan, por servir de ninho a essas aves paludaes, nasce branca e com a luz do sol vae roseando até se tornar escarlate.

Em uma noticia publicada pelos jornaes li que o nome dessa flor *napê jaçanan* significa, forno das jaçanans, do que duvido. O genitivo exprimiam os indios com anteposição do nome regido por esse caso; assim *napê jaçanan* significaria jaçanan do forno. Demais nem *napê* quer dizer forno; nem forno indica a idéa que se pretende de pouso ou ninho.

Uapê ahi é o mesmo *igapê* com a simples differença de figurar-se a vogal indigena por *u* em vez de *ig* adoptada pelo geral dos authores.

CAP. 7°

Pag. 126

Murinhem.— Palavra composta de *morib* affavel e *nheng* fallar.— Veja-se a respeito dos cantores, *nhengara,* o que se disse na nota a pag. 33

Pag. 134

Pahan.— Palavra da lingua Macauly que significa seta— *Creban* significa homem alvo; e *Agniná*, monte.

Pag. 151

Tomou a esposa aos hombros.— Era entre as mulheres selvagens prova de amor, suspenderem-se ás costas daquelles que preferiam, quando as requestavam com cantos e dansas. Assim o attesta Marcgraff cit. « Ubi vespera advenit, coeunt adolescentes in varias cohortes et castra perambulantes cantillant ante tuguria, adolescentula autem quœ juvenibus delectantur, produnt et cantillantes atque tripudiantes sequuntur adolescentes *et à tergo consistunt eorum quos amant, id enim ipsis amoris testimonium est. Pog.* 280.

Escaparam-me algumas notas que a intelligencia do leitor supprirá. Todavia resumirei as de que me recordo neste momento.

A' pag. 67, quando diz Jurandyr que conta os annos pelos dedos, quer dizer que não tem mais de vinte, pois tantos são os dedos das mãos e pés.

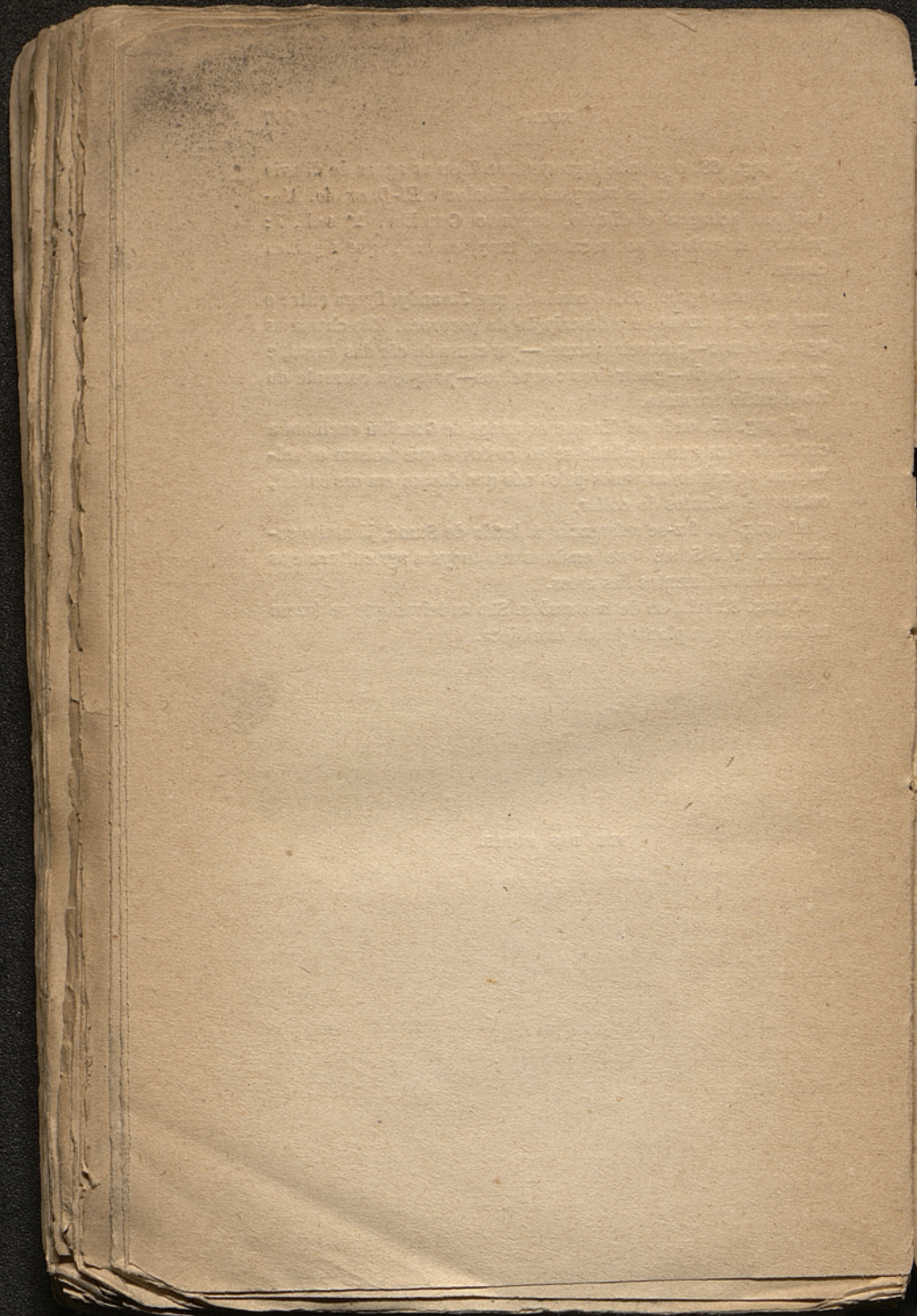
A' pag. 68, o grande lago que recolheu as aguas do diluvio é o *Manoa*, em cujas margens se fabulou o *El-Dourado. Manoa* em achagua é diluvio, segundo Gumilha, 2° vol., 7; palavra homologa ao vocabulo tupy *amana*, que significa chuva.

A' mesma pag. 68, o combate que Jurandyr figura entre o mar e o Amazonas é a descripção da pororoca. Elle chama as aguas do mar—guerreiros azues—por causa da côr das vagas, e as aguas do rio—guerreiros vermelhos—porque a corrente do rio é então barrenta.

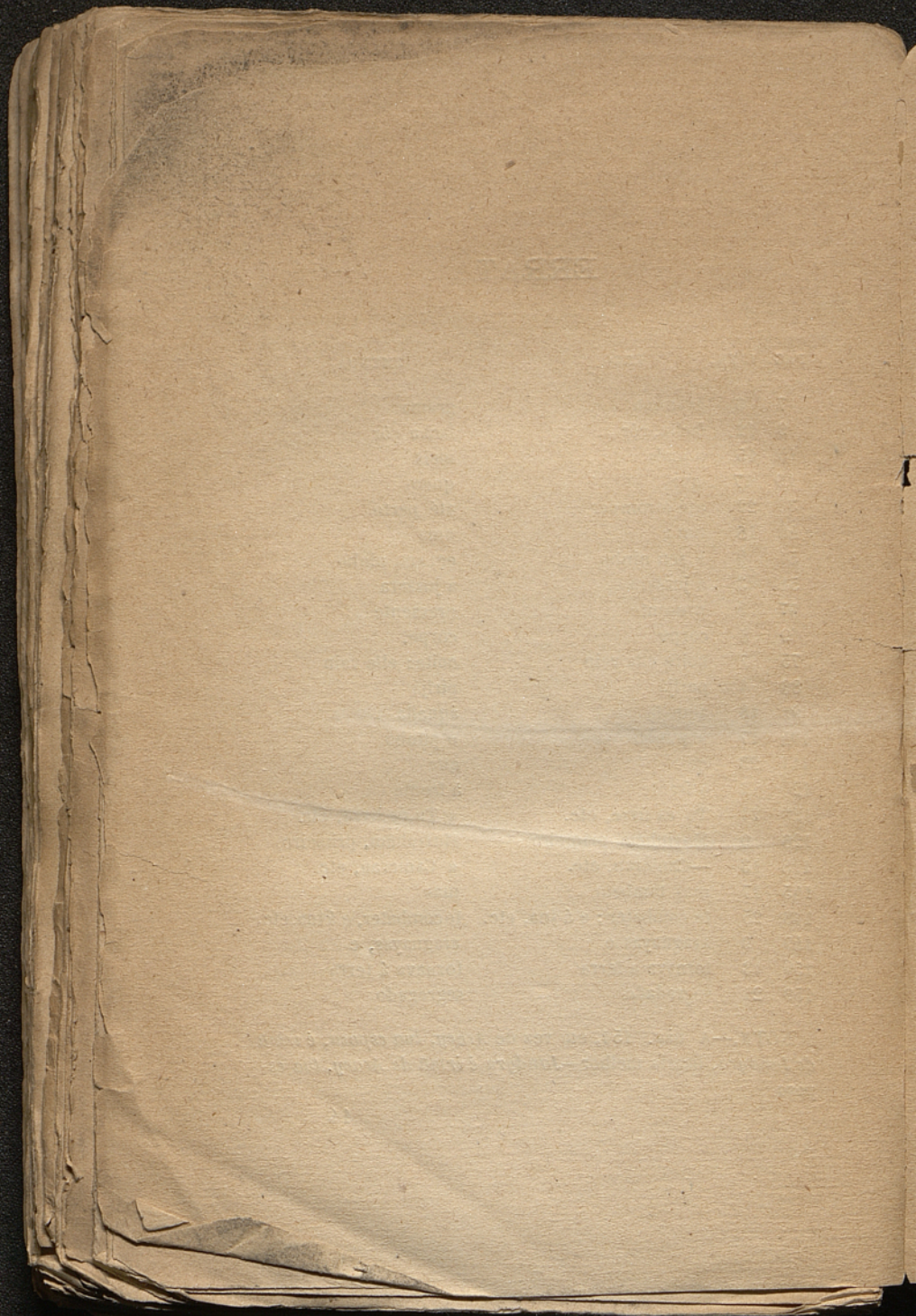
A' pag. 65, onde se diz que os annos de Guaribú enchiam a corda de seus annos, allude-se ao costume que tinham os selvagens de contar os annos pelos nós que davam em um cordel, outros pelos frutos do collar.

A' pag. 61 faz-se referencia á lenda de Sumé, já muito conhecida. Foi Sumé que ensinou aos tupys a agricultura e os primeiros rudimentos das artes.

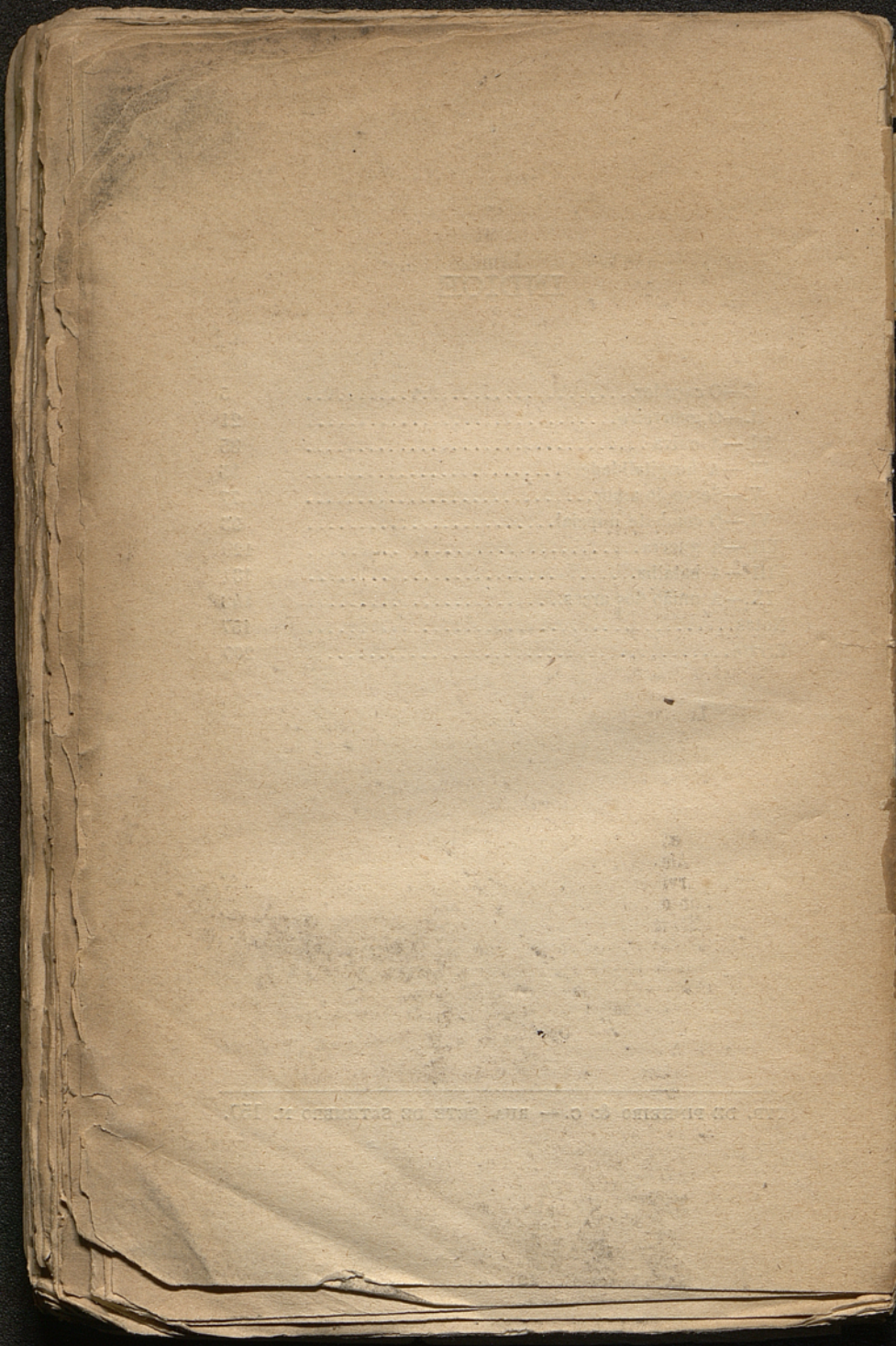
A' pag. 82 falla-se de *matumbos*. São as leivas que se fazem no norte para a plantação da mandioca.

FIM DAS NOTAS.

ERRATA

PAG.	LINH.	ERRO	EMENDA
7	6	gramma	grama
9	12	facha, côr	facha côr
15	15	o mais	mais
19	17	que	quem
33	22	até o romper	até perto
42	16	um a	uma
51	9	a seu ninho	em seu ninho
51	23	á jussara	a jussara
67	3	presente	pressente
69	8	corpo	corpo,
75	7	noite ella veiu	noite; elle veiu
86	4	perijá	pirijá
91	18	aquella	áquella
104	17	a punho	o punho
111	23	qe	que
120	2	a frente	à frente
123	21	Tu és livre, etc.	« Tu és livre, etc.
126	9	Murinhem primeiro	Murinhem, primeiro.
128	13	—Canicran, etc.	« Canicran, etc.
145	17	mas tambem	mas
148	25	te combater ; e á tua, etc.	te combater, e á tua, etc.
149	9	araguayas e	araguayas, e
150	13	tornava a terra	tornava á terra
159	21	segredado	segregado

NOTA.—A pag. 154, em vez de *Aracy, tua esposa, é irmã de Jandyra*, ficaria melhor—*Jandyra é irmã de Aracy, tua esposa*.

INDICE

I.—O caçador........................... 5
II.—O guerreiro........................ 21
III.—A noiva........................... 35
IV.—A hospitalidade.................... 55
V.—Servo do amor....................... 77
VI.—O combate nupcial.................. 93
VII.—A guerra.......................... 129
VIII.—A batalha........................ 131
IX.—A união dos arcos.................. 143
Notas.................................. 157
Errata................................. 209

TYP. DE PINHEIRO & C. — RUA SETE DE SETEMBRO N. 157.

Bibliotheca universal

Collecção in-8°, a 2$000

O VOLUME BROCHADO

Alencar (J. de) O Ermitão da Gloria, A Alma do Lazaro. 1 v. enc........................ 3$000
— O Garatuja, chronicas dos tempos coloniaes. 1 v. enc 3$000
— Iracema, lenda do Ceará, 2ª edição. 1 v. enc.. 3$000
— Viuvinha e os cinco Minutos, 2ª edição 1 v. enc. 3$000
— As Minas de Prata, rom. historico. 6 v........ 16$000
Azevedo (M. de). Os Francezes no Rio de Janeiro, romance historico. 1 v. enc........... 3$000
— Lourenço de Mendonça, rom. historico, 1 v. enc. 3$000
— Criminosos Celebres. Episodios historicos 1 v. enc. 3$000
— Curiosidades Brasileiras, 1 v. enc.............. 3$000
Borreau (J. B) Como e porque me tornei Espirita, trad. por C. T. com fac-simile dos authographos da escripta directa de um espirito familiar. 1 v. in-8° enc. 2$500; br................... 2$000
Dinarte (Sylvio) Mocidade de Trajano, 2 v. enc. 6$000
— Historias Brazileiras. 1 v. in-8° enc.................. 3$000
Gontran Borys. Os Vadios de Paris, 2 v. enc. 6$000
Gabriel Ferry. O Mateiro, ou os Bandeirantes. 3 v. enc.................................... 9$000
Guimarães (Bernardo). O Seminarista, romance brasileiro. 1 v. enc................ 3$000
— Lendas e Romances. Uma Historia de Quilombólas, a Garganta do Inferno, a Dansa dos Ossos 1 v. enc. 3$000
— O Garimpeiro, romance, 1 v. br................ 3$000
— Historias e Tradições da Provincia de Minas-Geraes A Cabeça do Tira-Dentes. A Filha do Fazendeiro, Jupyra. 1 v. enc........................... 3$000
Guimarães Junior. Historias para Gente Alegre, 2 v. enc........................... 5$000
— Curvas e Zig-zags, caprichos humoristicos 1 v. enc. 3$000
— Contos sem pretenção, 1 v. enc.............. 3$000
— Filagranas, 1 v. enc........................... 3$000
Gautier (Theophilo) Mlle. de Maupin, Trad. de S. de Mendonça 1 grosso v. in-8° enc. 3$000; br. 2$000
Houssaye (Arsenio). Mlle. Cleopatra, historia parisiense; trad. de Salvador de Mendonça. 1 v. in-8° enc. 3$000; br.......................... 2$000
Liais (Emm). Supremacia intellectual da Raça Latina, resposta ás allegações germanicas. Versão de Abranches Gallo, 1 v. enc........ 3$000
Lucio de Mendonça. Alvoradas 1 v. br. 2$000 e enc............................ 3$000
Macedo (J. M). Um Noivo a duas Noivas, romance 3 v. enc.. 8$000
— A namoradeira, romance, 3 v. enc............ 8$000

— Nina, romance, 2 v. enc .... 5$000
— As Mulheres de Mantilha, romance historico 2 vol. enc................................ 5$000
— A Luneta Magica, romance, 2 v. enc .... 5$000
— A Moreninha, 1 v. com estampas, enc......... 3$000
— Culto do Dever, 1 v. enc....................... 3$000
— Memorias do Sobrinho de meu Tio, 2 v. enc..... 5$000
— O Moço Loiro, 2 v. enc......................... 5$000
— Os Dous Amores, 2 v. enc...................... 5$000
— Nina. Romance. 2 vs. in-8º enc.................. 5$000
— Romances da semana, 1 v. enc .... 3$000
— Rosa, 2 v. enc.................................... 5$000
Machado de Assís. Resurreição, 1 v. enc. 3$000
— Historias da Meia-Noite, 1 v. enc .... 3$000
— Chrysalidas, poesias. 1 v. enc................. 3$000
Moreira de Azevedo (Dr.) Homens do Passado, chronicas dos seculos XXVIII e XIX. 1 v. in-8º enc. 3$000; br....................... 2$000
Pereira da Silva, Aspasia, romance. 1v. enc. 3$000
— Jeronymo Côrte Real, 1 v. enc... .... 3$000
- Manoel de Moraes, 1 v. enc .... 3$000
Rozendo Moniz. Favos e Travos, 1 v. enc... 3$000
Senio. Guerra dos Mascates, 2 v. enc........... 6$000
— O Gaúcho, romance brasileiro, 2 v. enc......... 6$000
— A Pata da Gazella, romance brasileiro 1 v. enc.. 3$000
— O Tronco do Ipé, romance brasileiro, 2 v. enc... 6$000
— Sonhos d'oiro, romance brasileiro, 2 v. enc..... 6$000
Teixeira e Souza. Maria ou a Menina roubada. 1 v. enc.................................. 2$500
— O Filho do Pescador, 1 v. enc.................. 2$500
Valmont (V). O Espião Prussiano, romance historico inglez, resumindo os principaes acontecimentos da guerra Franco-Prussiana; traduzido por V. Colonna 1 grosso v. enc............... 3$000
Verne (**Julio**). Viagem ao centro da terra. 1 v. enc. 3$000
— A Ilha Mysteriosa, 1 v. enc..................... 3$000
— Viagem ao redor do mundo em 80 dias, 1 v. enc. 3$000
— Os filhos do capitão Grant, 3 v. .
— A America do Sul. 1 v. enc..................... 3$000
— A Australia, 1 v. enc........................... 3$000
— O Oceano Pacifico, 1 v. enc..................... 3$000
— A Terra das Pelles, 2 v. enc.................... 6$000
— Da Terra a Lua, 1 v. enc........................ 3$000
— O Doutor Ox, seguido de: Mestre Zacharias; Uma invernagem nos gelos; Um drama nos ares. 1 v. enc. .... 3$000
— Ao Redor da Lua, 1 v. enc...................... 3$000
— Aventuras de tres Russos e de tres Inglezes, 1v. enc 3$000
— Cinco semanas em Ballão, 1 v. enc .... 3$000
— Uma Cidade Fluctuante. 1 v. enc................ 3$000